



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

RICARDO VERGÍLIO MARQUES SOARES

O Cuidado no Ser Humano:
Contributo de EMRC para a Unidade Letiva 4, do 8º ano:
Ecologia e Valores

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof. Doutor José Acácio Aguiar de Castro e
coorientação de:
Dr. Francisco António Almeida Guimarães

Porto
2020

*«Desde o nascer ao pôr do sol seja
louvado o nome do Senhor» (Slm 133)*

Agradeço à Igreja e suas instituições,
à minha família e amigos,
o amor e acompanhamento
no meu percurso pessoal e profissional.

Índice

Siglário.....	5
Resumo	6
Abstract.....	7
Introdução.....	8
Capítulo I – Caracterização de Turma e Gestão do Currículo.....	13
1. Caracterização da Turma.....	13
1.1.1 Introdução.....	13
1.1.2 Contexto socioeducativo – Colégio de Nossa Senhora de Lourdes	15
1.1.3 Caracterização da Turma – Análise dos Questionários.....	16
1.1.4 Caracterização de Turma – Projeto Curricular de Turma	18
1.2 Gestão do Currículo	22
Capítulo II – Proposta de Fundamentação Teórica da UL 4: <i>Ecologia e Valores</i>.....	28
2.1 O Homem nas narrativas da Criação.....	28
2.1.1 Comentário a Gn 1, 1 – 2, 4	33
2.1.2 Comentário a Gn 2, 5-25	39
2.2 Visão holística do Homem a partir das narrativas da criação	43
2.3 O Homem como com-criador e sujeito de responsabilidade.....	45
2.4 Antropologia e Ética do Cuidado	47
2.5 O cuidado: modo de ser humano.....	48
2.6 Ética do cuidado: Solidariedade, Responsabilidade e Compaixão	53
2.6.1 Ética do cuidado : Imperativos éticos	56
2.7 Textos da SE na UL 4: <i>Ecologia e Valores</i>	59
2.7.1 Salmo 8, 4-7	59
2.7.2 Daniel 3, 57-82.....	61
2.7.3 Textos alternativos ao dos Programa de E.M.R.C	62
2.7.4 Desenho curricular para a UL 4: Ecologia e Valores.....	63
Capítulo III – Análise da UL 4: <i>Ecologia e Valores</i>	66
3.1 Alternativa à Educação Moral e Religiosa?	66
3.1.1 Eixos de análise da Unidade Letiva para o Relatório da PES.....	71
3.2 Dispositivo de análise e instrumento de recolha de dados	72
3.3 Recolha de dados e sua interpretação.....	73

3.4 Conclusão	77
Capítulo IV – Processo ensino- aprendizagem	79
4.1 Relevância educativa da UL 4: Ecologia e Valores	79
4.2 Organização e gestão do processo de ensino-aprendizagem.....	82
4.3 Planificações aula-aula da Unidade Letiva aprofundada	94
4.4 Recursos ou documentos enriquecedores.....	109
4.5 Avaliação.....	121
4.5.1 Critérios de Avaliação de E.M.R.C.....	121
4.5.2 Instrumentos de Avaliação	123
4.6 Atividade de Enriquecimento Curricular e de integração na comunidade educativa (PAA)	135
Capítulo V - Balanço crítico do desempenho.....	137
Bibliografia	138
Anexos	143

Siglário

AT – Antigo Testamento

CNSL – Colégio de Nossa Senhora de Lourdes

CEP – Conferência Episcopal Portuguesa

DL – Decreto-Lei

Dn – Daniel

E@D – Ensino à Distância

EM – Educação Moral

EMR – Educação Moral e Religiosa

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica

ER – Educação Religiosa

FPS – Formação Pessoal e Social

Gn – Génesis

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PAA – Plano Anual de Atividades

PCE – Projeto Curricular de Escola

PCT – Projeto Curricular de Turma

PEE – Projeto Educativo de Escola

PES – Prática de Ensino Supervisionada

SE – Sagrada Escritura

Slm – Salmo

UL – Unidade Letiva

Resumo

O presente relatório foi elaborado no âmbito da disciplina de Prática de Ensino Supervisionada e foca-se na análise da Unidade Letiva 4: *Ecologia e Valores*. A eleição desta UL parte, sobretudo, do Estágio de Iniciação à Prática Profissional, com a lecionação desta no Colégio de Nossa Senhora de Lourdes.

Neste sentido, queremos prolongar a reflexão e fundamentação desta temática presente no Programa de Educação Moral e Religião Católica, sob o signo do cuidado como dimensão antropológica essencial do ser humano.

O objetivo é buscar o sentido humano da ecologia na descoberta no ser humano do seu papel de com-criador e sujeito de responsabilidade pelo cuidado da nossa casa comum. Isso implica a visitação às fontes bíblicas para retirar os eixos importantes da antropologia cristã, através da análise e interpretação das narrativas da criação e a conversão num discurso teológico-filosófico e ético, com o auxílio de grandes pensadores, como Hans Jonas, Leonardo Boff e o Papa Francisco.

A disciplina de EMRC é uma área de Formação Pessoal e Social que tem como uma das componentes essenciais a educação ecológica. Assim sendo, o seu tratamento ganha todo o seu sentido aqui, ao abrigo da Lei de Bases do Sistema Educativo, bem como ao contributo que a mundividência cristã oferece para o desenvolvimento desta temática tão atual e urgente.

Deste modo, partindo de Pedro d'Orey da Cunha, no seu artigo: *Alternativa à Educação Moral e Religiosa?*, confrontamos os pressupostos da sua visão sobre a EMR com a UL estudada, no sentido de aferir, por um lado, a identidade confessional da disciplina de EMRC, por outro, a sua orientação para a educação para os valores, condições fundamentais para ser alternativa a uma disciplina da área da Formação Pessoal e Social.

Palavras-chave: Ecologia e Valores; Ser Humano; Criação; Cuidado; Antropologia; EMRC; EMR; Formação Pessoal e Social.

Abstract

This report was prepared within the scope of the Supervised Teaching Practice discipline and focuses on the analysis of Teaching Unit 4: Ecology and Values. The election of this UL starts, mainly, from the Initiation Internship to Professional Practice, with its teaching at the Colégio de Nossa Senhora de Lourdes.

In this sense, we want to prolong the reflection and foundation of this theme present in the Moral Education and Catholic Religion Program, under the sign of care as an essential anthropological dimension of human beings.

The objective is to seek the human sense of ecology in the discovery in the human being of his role as a creator and subject of responsibility for the care of our common home. This implies visiting biblical sources to remove the important axes of Christian anthropology, through the analysis and interpretation of creation narratives and the conversion into a theological-philosophical and ethical discourse, with the help of great thinkers, such as Hans Jonas, Leonardo Boff and Pope Francis.

The EMRC discipline is an area of Personal and Social Training that has ecological education as one of its essential components. Therefore, its treatment takes on its full meaning here, under the Basic Law of the Educational System, as well as the contribution that the Christian worldview offers to the development of this very current and urgent theme.

Thus, starting from Pedro d'Orey da Cunha, in his article: *Alternativa à Educação Moral e Religiosa?*, we confront the assumptions of his vision about EMR with the studied UL, in order to assess, on the one hand, the confessional identity the EMRC discipline, on the other, its orientation towards education for values, fundamental conditions to be an alternative to a discipline in the area of Personal and Social Training.

Keywords: Ecology and Values; Human being; Creation; Care; Anthropology; EMRC; EMR; Personal and Social Formation.

Introdução

O relatório de Iniciação à Prática Profissional foi elaborado no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas, curso disponibilizado pela Universidade Católica Portuguesa e integrado na Faculdade de Teologia.

Este curso é orientado para aqueles que desejam, no futuro, exercer a docência de Educação Moral e Religiosa Católica, nas suas variadas extensões educativas: ensino público e particular-cooperativo.

Para a consecução deste trabalho foram importantes todas as disciplinas do curso. Todavia, destaco aquelas em que mais nos firmamos para a elaboração deste relatório: *Prática de Ensino Supervisionada; Hermenêuticas dos Textos Religiosos; Currículo, Planificação e Avaliação; Didática Específica em EMRC; Questões de Antropologia Teológica e Comunicação e Tecnologias da Educação.*

É fruto dum intenso *labor* realizado ao longo do ano letivo de 2019/2020, que contou com a ajuda do Professor orientador Francisco Guimarães, nas idas ao núcleo de estágio e à leção das aulas na universidade, e ao orientador-cooperante, o Professor Doutor Filipe Barbosa, no acompanhamento da leção no Colégio de Nossa Senhora de Lourdes. Deste modo, surgiram inúmeros recursos elaborados de raiz e que permitiram uma prática docente consciente e eficiente, tendo sido inúmeras vezes aperfeiçoados e refletidos, consoante a evolução conseguida ao longo do ano. Aqui constam somente aqueles direcionados para a UL de estudo, estando os restantes incluídos no Portefólio da Disciplina da PES, entregue na universidade em tempo determinado.

A unidade letiva de estudo em que se situa este relatório, pertence ao currículo do 8º ano de escolaridade de EMRC: *Ecologia e Valores*. A sua escolha partiu de dois motivos: o primeiro de índole pessoal, pelo gosto e afinidade de aprofundar este tema tão atual e tão abrangente, na medida em que possibilita o conhecimento aprofundado na área de formação-base, a Teologia, e o contato e articulação com outras áreas científicas relevantes para o estudo da ecologia, sejam elas das áreas das ciências naturais ou das ciências humanísticas; o segundo motivo, de índole social e educativa, isto é, pela sua atualidade e presença em todos os setores da sociedade e a sua regulamentação nas leis que ordenam o sistema educativo em Portugal, o que demonstra a sua pertinência e importância para a formação das gerações futuras.

A motivação para a docência de EMRC, com a consciência dos enormes desafios em que ela se encontra atualmente, sobretudo numa sociedade, como a nossa, cada vez mais secularizada, deve-se ao gosto pela ciência que sustenta a disciplina, a Teologia, e pelo gosto pela missão de educar.

A respeito deste último elemento, «*o currículo escolar, nas nossas sociedades, traduz ou deve traduzir essas aprendizagens socialmente necessárias*»¹, o que, para o nosso caso, converte-se na responsabilidade e empenho na promoção e desenvolvimento de EMRC na educação dos alunos, pois está inserida no currículo escolar.

Neste sentido, o professor de EMRC é um profissional da educação, que se mune de todos os instrumentos essenciais para o cumprimento da sua missão. Sendo a disciplina de carácter confessional, é entendimento da Conferência Episcopal Portuguesa que o professor da disciplina deve corresponder a um conjunto de critérios essenciais para ser idóneo para a leccionação da disciplina: «*propostos pelos Bispos Diocesanos e nomeados pelo Ministério da Educação, devem ser criteriosamente escolhidos, tendo em conta as condições legais de qualificação científica e pedagógica, o jeito e o gosto pela missão educativa, a capacidade de relação e de integração escolar, o equilíbrio e a maturidade humana, o testemunho de uma vida cristã coerente e comprometida eclesialmente, a disposição para assumir as orientações diocesanas e nacionais neste domínio do ensino*»².

O perfil do Professor de EMRC³ contempla três dimensões essenciais: perfil humano; perfil cristão; perfil docente profissional. Todas elas apontam para o papel do professor de EMRC como expressão do carácter educativo da Igreja: «*a presença institucional na escola através dos professores de Educação Moral e Religiosa Católica, o testemunho e a ação dos professores cristãos que, como tal, legitimamente se assumem*»⁴, é um serviço «*de uma presença fecundante da Igreja no seio das comunidades educativas*»⁵.

¹ ROLDÃO, Maria do Céu – “Educação escolar e currículo”. *IV Fórum do Ensino Particular e Cooperativo*. Algarve. (1999) p. 10.

² CEP (2006) – *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade. Conferência Episcopal Portuguesa*. Fátima. Acedido em 18/11/2020, em: <http://www.conferenciaepiscopal.pt/vl/educação-moral-e-religiosa-católica-um-valioso-contributo-para-a-formação-da-personalidade/>.

³ SDEIE (2014) – *Critérios para a admissão de candidatos à leccionação de Educação Moral Religiosa Católica*. Porto. Acedido em 26/07/2020, em: <http://www.emrcporto.pt/concursos/perfil-do-professor>.

⁴ CEP (2006) – *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade. Conferência Episcopal Portuguesa*. Fátima. Acedido em 18/11/2020, em:

Por isso, a Igreja sente como dever oferecer continuamente propostas educativas enraizadas nos valores evangélicos a quem deseje o acesso a uma educação firmada na pluralidade de opções e ofertas curriculares e de disponibilizar os seus agentes educativos, em conformidade com as disposições legais estabelecidas com o Estado.

Para além das escolas católicas que, no nosso caso, foi onde decorreu o estágio de iniciação à prática profissional, a ação educativa da Igreja «*consubstancia-se na disciplina/área curricular disciplinar de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), de carácter facultativo, que abrange os ensinós básico e secundário (do 1º ao 12º ano de escolaridade)*»⁶, no ensino estatal e particular-cooperativo.

A relevância educativa da disciplina de EMRC é legitimada, sobretudo, pelo suporte jurídico estabelecido com o Estado Português. A concordata de 1940, com a conseqüente revisão em 2004, entre o Estado Português e a Santa Sé, estabelece a obrigatoriedade do Ensino Religioso Escolar no âmbito da liberdade religiosa e o dever de o Estado cooperar com os pais na educação dos filhos.

Além disso, outro argumento importante para a relevância educativa de EMRC situa-se a nível educativo. Sendo a pessoa humana o objetivo central da ação educativa, deve-se ter conta todas as dimensões essenciais que a constituem: física, intelectual, afetiva, estética, social, moral, ética, espiritual e religiosa. Assim sendo, a proposta educativa enraizada nos valores evangélicos é, no entender da CEP, e também do nosso, a que apresenta «*à pessoa os alicerces dum verdadeiro Humanismo*»⁷, sobretudo numa época em que se dá mais relevância «*algumas componentes ou valores em detrimento da verdade plena sobre o homem*»⁸. Aqui, a disciplina pode ser um contributo valioso para formação da personalidade, porque visa o desenvolvimento harmonioso e equilibrado de todas as dimensões humanas, em detrimento duma intelectualização e tecnicização da educação, em termos de produtividade e utilidade futura na sociedade.

<http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educação-moral-e-religiosa-católica-um-valioso-contributo-para-a-formação-da-personalidade/>.

⁵ *Ibidem*.

⁶ *Ibidem*.

⁷ CEP (2002) – *Educação - direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*. Secretariado Geral da CEP. Lisboa. Acedido em 26/07/2020, em: <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-direito-e-dever-missao-nobre-ao-servico-de-todos/>.

⁸ *Ibidem*.

No que se refere ao estágio de iniciação à prática profissional, as percepções e expectativas quanto à sua realização foram muitas. Primeiro, tínhamos a curiosidade de conhecer e de fazer parte das dinâmicas educativas de uma instituição particular e, a acrescentar, de matriz cristã. Queríamos entender as diferenças entre o ensino público e privado, porque a nossa experiência profissional prévia à realização deste estágio tinha acontecido precisamente em estabelecimentos públicos.

Segundo, situa-se ao nível da atividade docente, isto é, ao crescimento profissional, procurando focar mais nas debilidades do que propriamente nas virtualidades. Foi, neste sentido, que encaramos o estágio, como promotor de novas aprendizagens e de desenvolvimento de capacidades e instrumentos em que estávamos menos familiarizados. O estágio teve esse horizonte de qualificação científica e pedagógica.

Num terceiro ponto, situa-se ao nível da metodologia, isto é, a preparação para as tarefas normais e imprescindíveis de suporte à atividade docente: elaboração de planificações, atividades de enriquecimento curricular, instrumentos de avaliação, recursos pedagógico-didáticos, etc.

Por último, uma referência à constituição do relatório. Está dividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo contém a caracterização de turma e a gestão curricular, documentos essenciais para a prática docente.

No segundo capítulo desenvolvemos a temática da ecologia sob a perspectiva do cuidado, em que assinalamos essa dimensão antropológica do ser humano em vista a conferir um sentido humano para a ecologia. Temos a noção das múltiplas abordagens que se podem realizar no contexto da ecologia: humana, cultural, social, ambiental, cultural, científica, etc.

Por exemplo, no Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, o tratamento da ecologia está mais direcionado para o ambiente, no cuidado da natureza, as visões das várias tradições religiosas sobre a natureza, a problemática ecológica, a figura de S. Francisco de Assis na relação com as criaturas e instituições de defesa do ambiente. Neste contexto, o nosso objetivo é oferecer ao tema uma orientação existencial-hermenêutica da vida humana na sua relação com o outro e o mundo, em vista a desenvolvimentos futuros na prática docente.

No terceiro capítulo debruçamo-nos sobre a análise da UL 4: *Ecologia e Valores*. Aproveitando o trabalho realizado ao longo da PES, por opção, achamos conveniente, pelo motivo anteriormente expresso, realizar uma análise curricular, a partir da reflexão de Pedro d'Orey da Cunha sobre a Educação Moral e Religiosa, tendo como horizonte analítico os

objetivos e conteúdos da unidade letiva e terminado com uma leitura crítica a partir dos pressupostos do autor.

O quarto capítulo consta o processo ensino-aprendizagem realizado ao longo da PES, com o desenvolvimento curricular anual e periódico, os critérios de avaliação da disciplina, bem como os instrumentos de avaliação e recursos pedagógico-didáticos elaborados para a lecionação da unidade letiva de estudo deste relatório.

No quinto capítulo, a jeito de conclusão, faremos um balanço crítico de desempenho, os agradecimentos e apontar algumas linhas de orientação futura.

Por fim, nos anexos, estão alguns documentos utilizados no decorrer da PES.

Capítulo I – Caracterização de Turma e Gestão do Currículo

1. Caracterização da Turma

1.1.1 Introdução

A caracterização da turma é um elemento fundamental na *«prática profissional dos professores que são quem exerce a atividade pela qual a escola é responsável – ensinar, isto é, fazer aprender»*⁹.

Ela integra-se no Projeto Curricular de Turma (PCT), e auxilia no processo de construção da gestão e desenvolvimento curricular que, por um lado, atenda à situação presente dos discentes, ao nível das aprendizagens realizadas e, por outro, às necessidades e atributos dos alunos, isto é, *«o modo, o caminho, a organização, a metodologia que se põe em marcha para o conseguir»*¹⁰, relativamente à consecução de novas aprendizagens ou a necessidade de recuperação e consolidação de anteriores aprendizagens, sobretudo aquelas que são tidas como essenciais para cada ano de escolaridade e que permitem a evolução para novas aprendizagens.

A caracterização de turma vai permitir *«as decisões tomadas individualmente pelo professor na sua disciplina ou área, em contexto de sala de aula ou afim»*¹¹.

Assim sendo, para a caracterização da turma, foram utilizados dois instrumentos de recolha de informação:

1. Um questionário, denominado de ficha de caracterização do aluno, entregue na primeira aula supervisionada no Colégio de Nossa Senhora de Lourdes;
2. A partir do projeto curricular de turma, *«adequado ao grupo concreto dos alunos da turma, com consubstancialização da diferenciação pedagógica, realizada pelo Conselho de Turma que, para isso, fará a caracterização da turma e a avaliação das situações de aprendizagens adquiridas»*¹², disponibilizado pelo orientador cooperante, o Professor Doutor Filipe Barbosa, que, em diálogo com os docentes estagiários, sublinhou alguns casos, mais específicos, a ter em atenção na gestão e desenvolvimento curricular, bem

⁹ ROLDÃO, Maria do Céu - *Gestão curricular: Fundamentos e práticas*. Lisboa: Ministério da Educação, 1999. p. 17

¹⁰ ROLDÃO, Maria do Céu; ALMEIDA, Sílvia – *Gestão curricular: Para a Autonomia das Escolas e Professores*. Ministério da Educação, 2018. p. 30.

¹¹ *Ibidem*, p. 21.

¹² LEITE, Carlinda - *Para uma escola curricularmente inteligente*. 1º ed. Edições ASA, 2003. p. 116.

como no processo ensino-aprendizagem. Além disso, enviou os documentos importantes relativos à turma: ficha da relação de turma, horário escolar e a constituição do conselho de turma.

Estes dados auxiliam o professor na operacionalização do currículo escolar, «o conjunto de aprendizagens que, por se considerarem socialmente necessárias num dado tempo e contexto, cabe à escola garantir e organizar»¹³, uma vez que permite entrar na realidade da turma, fundamental para a construção e execução de um processo ensino-aprendizagem eficiente e com consequências positivas para a vida dos discentes.

A ficha de caracterização do aluno contempla quatro dimensões essenciais: pessoal, familiar, escolar e, em particular, quanto à disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica.

Tendo em conta a subjetividade inerente a este tipo de instrumentos de recolha de informação, serão alvo de análise e síntese somente alguns dados, que conferem alguma objetividade para a construção da tipologia da turma. A dinâmica parte do particular para o geral. Os restantes dados não contempláveis aqui não significam o seu esquecimento ou secundarização, mas, pelo contrário, entram na esfera pedagógico-didática que o processo ensino-aprendizagem exige por natureza.

Por outras palavras, são dados que, em inúmeras situações, permitem tomar decisões a nível microcurricular no exercício da atividade docente.

Para a análise dos dados foi utilizada a metodologia qualitativa. Será disponibilizado, nos anexos deste relatório, um exemplar entregue no dia dezasseis de setembro de dois mil e dezanove aos alunos do oitavo ano de escolaridade. Os alunos levaram a ficha para casa para preencherem. Foram alvo de análise vinte e quatro questionários. Importa salientar que sete alunos não preencheram a ficha na sua totalidade, por desconhecimento da informação que era requerida.

Os professores, estagiário e orientador cooperante, assegurarão a confidencialidade dos dados, sem qualquer tentativa de manipulação ou adulteração da informação em vista a um fim premeditado ou manipulado. Importa referir que este questionário foi elaborado *ad hoc*, com a finalidade de corresponder a uma dimensão constitutiva deste relatório. Não foi nosso propósito contruir um instrumento sob uma base científica, no sentido estrito do termo: com guião, justificação das perguntas e respostas, validação científica. Todavia, antes da entrega aos alunos, o questionário foi visto e revisto pelo orientador-cooperante que deu o seu

¹³ ROLDÃO, Maria do Céu - *Gestão curricular: Fundamentos e práticas*. Lisboa: Ministério da Educação, 1999. p. 24.

parecer positivo á sua implementação, até porque na sua génese parte de modelos existentes, quer no contexto do estágio de iniciação à prática profissional em EMRC, de outros docentes estagiários que realizaram este curso, quer, a nível macro, de um modelo disponibilizado pela instituição educativa no conhecimento da realidade educativa.

Antes de procedermos à análise dos questionários e de orientações emanadas do projeto curricular de turma, faremos uma contextualização da instituição educativa onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada.

1.1.2 Contexto socioeducativo – Colégio de Nossa Senhora de Lourdes

A iniciação à prática profissional docente decorreu no ano letivo 2019/2020 no Colégio de Nossa Senhora de Lourdes, situado na União de Freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos, localizado na cidade do Porto.

O estabelecimento de ensino dedica-se à educação das gerações mais novas da sociedade, ou seja, atua junto das crianças e jovens, desde a creche e pré-escolar até aos três ciclos do ensino básico.

O CNSL é uma instituição privada de utilidade pública e pertence à Congregação das irmãs do Amor de Deus e, por isso, a sua identidade é de matriz cristã católica.

A Congregação das Irmãs do Amor de Deus é uma organização religiosa fundada pelo Padre Jerónimo Usera¹⁴, e desde o seu início teve como horizonte da sua existência a educação das camadas mais pobres da sociedade. Com a instauração do ensino obrigatório público, a instituição surge como uma proposta educativa para todos os que desejam receber uma educação assente nos valores do humanismo cristão.

As suas escolas assentam numa rigorosa formação científica, intelectual e cultural, procurando, com toda a sua atividade, despertar e estimular o desenvolvimento integral e harmonioso da pessoa, como agente do seu próprio crescimento, nas suas dimensões individual, social e cristã¹⁵.

Neste sentido, têm como pressupostos e finalidades, *«o respeito pela liberdade e convicções de cada um, oferecer a todos os membros da comunidade educativa e,*

¹⁴ Fundador da Congregação, Jerónimo Mariano Usera y Alarcón nasceu em Madrid a 15 de Setembro de 1810 e faleceu a 17 de Maio de 1891. Fundou a Congregação das Irmãs do Amor de Deus que se dedica à Educação, porque o melhor bem que podia fazer à sociedade era instaurar um sistema de educação baseado no amor . In CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DO AMOR DE DEUS – *Projeto Educativo: Escolas Amor de Deus.*

¹⁵ COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DE LOUDES – *Regulamento Interno.* p. 8-9.

especialmente aos seus alunos, a possibilidade de fazerem das suas vidas um projeto com sentido, na linha da mundividência cristã, de acordo com a pessoa de Jesus Cristo e com a sua mensagem»¹⁶.

Os grandes valores que norteiam o seu pensamento e ação educativa¹⁷, implícitos nos objetivos educacionais são: a liberdade, a responsabilidade, o equilíbrio afetivo, sentido crítico, desenvolvimento integral, compromisso pela promoção da vida humana, a justiça, solidariedade e a sobriedade de vida¹⁸.

1.1.3 Caracterização da Turma – Análise dos Questionários

A turma é composta por vinte quatro alunos, sendo que treze são do sexo masculino e onze do sexo feminino. Todos os alunos têm trezes anos e integram a turma B do 8º ano de escolaridade.

A maioria dos alunos são naturais da zona do Grande Porto, em cidades como Porto, Vila Nova de Gaia, Matosinhos e Vila do Conde, sendo que o Porto recolhe maior incidência neste domínio. Além disso, há três alunos oriundos de Guimarães, Açores (ilha terceira), e Luxemburgo. Quanto à residência, grande parte reside no Porto, com alguns casos a residir em Matosinhos e Vila Nova de Gaia. No caso do aluno oriundo dos Açores, trata-se de uma menina de nacionalidade angolana que chegou ao colégio no ano letivo transato.

No que toca à deslocação para o colégio, o carro é o meio de transporte mais utilizado e preterido face aos transportes públicos e ao meio pedonal.

Os alunos são, maneira geral, saudáveis. Todavia, três alunos sofrem de asma, um de alergias e outro destes dois distúrbios.

Relativamente à família, a generalidade dos pais possui o ensino superior e exercem funções variadas como Engenheiro, Bancário, Professor, Cientista, Advogado, Trabalhador Independente, Educadora de Infância, Contabilista, Vendedor de automóveis, Empresário, Bibliotecário, Jurista, Gestor, Médico, Técnico de produção, Designer, Auxiliar de ação educativa, Psicólogo, Piloto da Força Aérea, Dentista, Delegado de Informação Médica, Gerente, Arquiteto, Empregado de mesa e Vigilante. Contudo, há dois pais com o 9º ano e um com o 12º ano de escolaridade. A idade dos pais situa-se compreendida entre os 35 e 56 anos.

¹⁶ CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DO AMOR DE DEUS – *Projeto Educativo: Escolas Amor de Deus*.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ *Ibidem*.

Quanto à residência com a família, nove alunos vivem com os pais e irmãos, quatro com os pais, um com o pai e um familiar, um com a mãe e sete com a mãe e familiares. Na constituição familiar, treze alunos têm um ou mais irmãos, sendo que num caso trata-se de quadrigêmeos. Curioso dado é que três alunos introduziram os seus animais de estimação neste campo específico.

O encarregado de educação é, na generalidade, a mãe. Somente num caso o pai é o encarregado de educação e em dois casos são o pai e a mãe.

No acompanhamento da vida escolar dos alunos, os dados indicam que os pais conversam sobre o seu dia, sobre os amigos, sobre os seus gostos e interesses, sobre os seus sonhos e sobre o seu sucesso escolar.

Os pais manifestam elevado interesse com a educação dos seus filhos ao nível da verificação dos cadernos e na presença nas reuniões do colégio. Todavia, há um relativo equilíbrio de posições na ajuda ao estudo e à verificação da caderneta, tarefas muitas vezes imputadas, quase exclusivamente, à escola.

Embora nestes campos, a maioria dos alunos respondeu “Muitas Vezes” – no item ajuda ao estudo, dez alunos e no item verificação da caderneta, doze alunos – a sua diferença com as opções “Nunca” – no item ajuda ao estudo, seis alunos, e no item verificação da caderneta, cinco alunos – e “Poucas Vezes” – no item ajuda ao estudo, sete alunos, e no item verificação da caderneta, seis alunos – a ajuda ao estudo é muito ténue se se fizer o somatório das duas em confronto com a primeira, isto se interpretarmos as opções segundo a chave do compromisso, o que se revê depois na verificação da caderneta, instrumento indispensável na comunicação entre encarregados de educação e colégio/docentes sobre a vida escolar dos educandos.

Confere mais realismo se compararmos os dois campos, inseridos no domínio da escola, relativo ao local e acompanhamento do estudo: sete alunos responderam que eram acompanhados pelos pais ou somente pela mãe, sete responderam que não tinham acompanhamento, oito eram acompanhados pela psicóloga, explicadora, irmãos e amigos; ao mesmo tempo, catorze alunos reponderam que o seu local de estudo era em casa, seis referiram a biblioteca e casa como locais de estudo, dois indicaram a biblioteca, um referiu vários e dois não responderam.

Assim sendo, podemos verificar uma grande diferença entre o acompanhamento e o local de estudo: vinte e um alunos têm a casa como local de estudo, em exclusivo ou partilhado com a escola, mas somente sete pais efetivamente acompanham os seus filhos.

A nível escolar, nenhum aluno apresenta retenção escolar e todos se sentem integrados na turma, com a exceção de um aluno que “não gosta da turma, simplesmente”.

Na relação com a disciplina de EMRC, a maioria dos alunos concordam que a disciplina pode ajudar a atingir os seus objetivos escolares. Quanto aos temas que mais gostaram de aprender, os alunos elencaram temas como a liberdade, as religiões, as origens, a adolescência, a vida, o amor e a família. Ainda nesta relação, os alunos responderam que têm boas expectativas quanto à disciplina de EMRC, pois pode ajudá-los a serem pessoas melhores e a aprender coisas novas.

1.1.4 Caracterização de Turma – Projeto Curricular de Turma

Para o processo ensino-aprendizagem foi necessário ter em conta os seguintes aspetos:

1. Os quadrigémeos beneficiam de uma tutoria na escola. Esta tutoria deve-se não só a fragilidades de aprendizagem, principalmente de dois irmãos, mas por incapacidade de a família apoiar nos estudos;

2. Há dois alunos abrangidos pelo Decreto-Lei 54/2018¹⁹, com medidas acrescidas além das universais (são alunos que já se encontravam abrangidos pelo DL 3/2008²⁰);

3. Um aluno usufrui de não penalização pelos erros ortográficos e tempo suplementar na realização dos instrumentos de avaliação (15 minutos). Além disso, na disciplina de Português realiza os testes em sala à parte.

4. Um aluno realiza os testes em sala à parte, leitura do enunciado nas disciplinas de Português, História, Ciências Naturais e Geografia. Beneficia ainda de adequações nos instrumentos de avaliação em Matemática, Ciências Naturais e Físico-química. Na disciplina de EMRC, haverá a adequação dos instrumentos de avaliação formativa aos alunos com NEE, e não haverá o regime de exclusividade de realização à parte dos instrumentos de avaliação porque está enquadrado nas abordagens pedagógico-didáticas da disciplina e entende-se que tal regime não será necessário. A avaliação oral deve ser privilegiada, por um lado, no sentido de acompanhar o processo evolutivo dos alunos ao nível das aprendizagens, a nível

¹⁹ Presidência do Conselho de Ministros (2018). *Decreto-Lei n.º 54/2018*. Acedido em 19/10/2019, em: <https://dre.pt/home/-/dre/115652961/details/maximized>.

²⁰ Ministério da Educação (2008). *Decreto-Lei n.º 3/2008*. Acedido em 19/10/2019, em: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/386871/details/normal?q=Decreto-Lei+n.%C2%BA%203%2F2008%2C%20de+7+de+janeiro>.

diagnóstico, por outro, de proporcionar um modelo formativo de avaliação não restrito à modalidade escrita.

Por fim, o conselho de turma é constituído por dezasseis professores, distribuídos pelas disciplinas de Português, Matemática, História, Geografia, Ciências Naturais, Físico-química, Inglês, Espanhol, Francês, Educação Visual, Tecnologias da Informação e Comunicação, Educação Musical, Educação Física, Educação Moral e Religiosa Católica, Cidadania, Apoio a Português e Apoio a Matemática.

1.1.5 Leitura crítica, ilações curriculares, pedagógico-didáticas para a leção da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, e decisões microcurriculares

A análise da turma é sempre um momento indispensável ao nível da gestão curricular, porque nos permite realizar as melhores opções e estratégias em vista a um processo ensino-aprendizagem que entre, por um lado, na realidade da turma, por outro, seja promotor das aprendizagens requeridas para o ciclo de estudos em que os alunos se encontram.

Com base nos dados assegurados pelos questionários e pelo PCT, a turma do 8º B revela uma identidade coesa e próxima. O facto de existirem, desde logo, pontos em comum entre os alunos, ao nível da naturalidade e residência num mesmo concelho, consideramos que são indicadores benéficos para um ambiente de turma que marque pela proximidade e conhecimento mútuo.

Os casos a ter em conta, todavia, neste parâmetro, são o aluno que não se sente integrado na turma e a aluna de nacionalidade angolana. No primeiro caso, aponta-nos para a necessidade de um acompanhamento individualizado para tentar perceber, num sentido, os motivos para o seu sentimento de deslocado do grupo e, noutro, de tirar a devidas consequências ao nível curricular.

No segundo caso, distinto do anterior, trata-se simplesmente de averiguar o estado de integração da aluna no contexto da turma, uma vez que entrou para o colégio no ano transato. Será um preditor determinante para avaliar o seu desenvolvimento pessoal e social futuro, da mesma forma que o aluno referido anteriormente.

Outro dado a ter em conta é o interesse dos encarregados de educação na vida escolar dos educandos, através da presença nas reuniões da escola e na verificação dos cadernos. Este ponto é fundamental para o sucesso educativo dos alunos, pois afere a participação e contribuição dos encarregados de educação, mediante a responsabilização pessoal e/ou familiar na tarefa de educar. É sempre bom afirmar que são, também eles, agentes educativos,

e que na união de forças com os restantes agentes que constituem a comunidade educativa, está a garantia do sucesso escolar.

Neste campo, paradoxalmente, o interesse dos encarregados de educação esbate-se no compromisso mais próximo de acompanhamento ao estudo e à verificação da caderneta. No que se refere ao acompanhamento ao estudo, segundo os dados apresentados anteriormente, vemos sob a perspetiva comum de que à escola é imputado o papel de educar e aos encarregados de educação um papel de acompanhamento, de vigilância. Outros motivos que apontamos para esta leitura são: a avaliação da intuição educativa, a situação profissional dos encarregados de educação e as ofertas curriculares existentes fora do âmbito mais estrito da escola, como centros de estudos, explicações, etc.

Quanto à verificação da caderneta, instrumento importante na comunicação quotidiana entre a comunidade educativa e os encarregados de educação, a sua fraca verificação, parecidos, firma-se na argumentação anterior, e pela disponibilização de outros instrumentos de comunicação, como o contato telefónico, o email ou as redes sociais. Contudo, não podemos afirmar categoricamente esta última via, uma vez que não foi objeto de investigação do questionário.

Na relação com a disciplina de EMRC, a visão positiva da disciplina e o seu contributo para a educação dos alunos, são preditores de um bom e frutuoso ambiente pedagógico e do processo ensino-aprendizagem.

Por último, nos casos referenciados relativos às dificuldades de aprendizagem, emanado do PCT, não existe uma adequação pedagógico-didática específica em vista a facilitar ou suprimir estas dificuldades, pois a abordagem da disciplina, com o método existencial-hermenêutico, implica uma componente individual no processo ensino-aprendizagem.

Assim sendo, tendo em conta o dito anteriormente, para a gestão do currículo tomamos as seguintes decisões:

- Na unidade letiva 1, *O Amor Humano*, a ser lecionada no 2º Período, desenvolver aprofundadamente o valor da amizade com uma vertente prática, através de um jogo didático a implementar;
- Estratégias de aula que valorizem a comunicação, o debate firmado no respeito pela diferença, na aceitação e conhecimento do outro, seja pela participação e/ou a partir de dinâmicas de grupo;

- Uso de metodologias ativas e cooperativas no processo ensino-aprendizagem, valorizando as relações pedagógicas fundamentais: professor-aluno e aluno-aluno.
- Construção e adoção de recursos didáticos que transmitam com eficácia as aprendizagens requeridas.

1.2 Gestão do Currículo

O currículo «assume um duplo significado – é, por um lado, o corpo de aprendizagens que se quer fazer adquirir e é também o modo, o caminho, a metodologia que se põe em marcha para o conseguir»²¹.

As ideias subjacentes a esta definição permitem olhar o currículo, por um lado, como um repositório de saberes eleitos como prioritários, num determinado tempo e espaço, cuja missão da escola é transmiti-los às gerações que se preparam para a vida em sociedade e, por outro, refere-se aos percursos que se adotam para o conseguir.

A escola é uma realidade situada, com o seu *corpus* sociocultural particular, isto é, apresenta e desenvolve um currículo tendo em conta o seu público-alvo, a quem se dirige.

Nesta linha, Maria do Céu Roldão denota que a crise da escola que muitos apontam, deve-se ao modelo curricular e organizativo da escola de massas, destinado para uma audiência homogénea, de grupos bem definidos, e orientado para o acesso de apenas um setor da população aos postos e funções sociais mais relevantes²².

O problema, olhando a questão reflexivamente, não é tanto o currículo como o corpo de aprendizagens, mas os percursos para a sua concretização.

Se um currículo é apresentado da mesma forma e com os mesmos pressupostos para todas as escolas, o resultado será, irremediavelmente, variado e com implicações profundas na vida atual e futura dos alunos, porque muitos se sentiriam desfasados daquilo que a escola realiza e não recolhem as competências necessárias para integrar a sociedade.

Assim sendo, não faz sentido conceber, exclusivamente, o currículo apenas como o conjunto de conteúdos a ensinar:

«O currículo pode definir-se por ser um corpo de aprendizagens considerado socialmente necessário num dado momento, no qual podemos incluir, com predomínios variáveis, os saberes disciplinares, os saberes integrados, as competências, os processos de acesso ao saber, os saberes processuais e, até, as atitudes, valores e práticas de vida»²³.

²¹ ROLDÃO, Maria do Céu - *Gestão curricular: Fundamentos e práticas*. Lisboa: Ministério da Educação, 1999. p. 59.

²² *Ibidem*, p. 31-33.

²³ *Ibidem*, p. 82.

O processo visa a operacionalização dos conhecimentos em «*competências, isto é, ao seu uso social e cultural pelos atores*»²⁴. A competência é a capacidade de «*mobilizar conhecimentos prévios, selecioná-los e integrá-los adequadamente perante aquela situação*»²⁵. Ao currículo há-de corresponder não só a transmissão, mas a sua operacionalização, como promotor de intervenção e transformação da realidade, pessoal e social.

O Projeto Curricular de Escola (PCE) surge, então, como a forma elevada de gestão curricular local, consoante as especificidades de cada comunidade educativa. E isso, acaba por envolver não somente saberes e processos, mas toda a instituição escolar: «*organização dos serviços, a coordenação pedagógica, a gestão financeira, o desenvolvimento e qualificação profissional dos seus docentes, as estratégias de trabalho colaborativo, a integração e formação de novos elementos, etc.*»²⁶. Tudo isto dá corpo ao Projeto Educativo de Escola.

Se o currículo é emanado pelo poder central e dirigido a todos, o projeto curricular da escola, integrado no PEE, contextualiza-o e concretiza-o dentro de uma determinada esfera social e cultural.

A figura do docente surge, neste contexto, não como um executor de programas curriculares e manuais, mas como alguém que decide e age perante as diversas situações, organizando e utilizando o «*seu conhecimento científico e educativo face à situação concreta, ainda que enquadrado nas balizas curriculares e nas linhas programáticas nacionais*»²⁷. O docente e/ou conselho de docentes concretizam o currículo e o projeto curricular da escola no ambiente mais próximo da sua ação: a turma. Daí surge o projeto curricular de turma, «*elaborado de acordo com o perfil da turma*»²⁸, tendo como «*referência as políticas educativas nacionais e justificam-se enquanto dispositivos para melhorar a atuação educativa, gerindo essa atuação*»²⁹.

²⁴ ROLDÃO, Maria do Céu – “Educação escolar e currículo”. *IV Fórum do Ensino Particular e Cooperativo*. Algarve. (1999) p. 10.

²⁵ ROLDÃO, Maria do Céu - *Gestão do currículo e avaliação de competências: As questões dos professores*. 1ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 2003. p. 20.

²⁶ ROLDÃO, Maria do Céu – “Educação escolar e currículo”. *IV Fórum do Ensino Particular e Cooperativo*. Algarve. (1999) p. 19.

²⁷ ROLDÃO, Maria do Céu - *Gestão curricular: Fundamentos e práticas*. Lisboa: Ministério da Educação, 1999. p. 48.

²⁸ LEITE, Carlinda - *Para uma escola curricularmente inteligente*. 1º ed. Edições ASA, 2003. p. 118.

²⁹ *Ibidem*.

Os programas e manuais são sempre instrumentos do currículo. Não determina exclusivamente a ação educativa. É um auxílio para a sua concretização. Assim sendo, é função do professor adaptar o currículo e os seus instrumentos consoante as especificidades de cada turma. O que implica um conhecimento adequado do ambiente da(s) turma(s), mas também de cada situação particular.

A tarefa do professor é ensinar. Por isso, pode e deve recorrer a todos os meios para que isso efetivamente se concretize.

A gestão do currículo é, então, o modo de «*pensar globalmente para agir localmente*»³⁰, tendo em vista a sua «*finalização, intencionalidade, estruturação coerente e sequência do organizador*»³¹, relativamente ao currículo.

Neste sentido, desde o início da PES procurei, desde logo, olhar para o currículo de EMRC³² e geri-lo consoante as características da turma, o número de aulas previstas e o tempo letivo (60 minutos), que decorreram às segundas-feiras das 12:05 às 13:05 horas no núcleo de estágio.

Na disciplina de EMRC, para o 8º ano de escolaridade, estão previstas quatro unidades letivas, elencadas segundo a ordenação do programa da disciplina: *O Amor Humano*; *O Ecumenismo*; *A Liberdade*; *Ecologia e Valores*

De acordo com estes parâmetros referidos anteriormente, decidimos lecionar no 1º Período a unidade letiva 2, do Programa de EMRC: *O Ecumenismo*. O objetivo de tal opção foi a procura da visão holística e crítica dos conteúdos promovida entre a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica³³ e a disciplina de História³⁴, em função dos conteúdos comuns, a aprendizagens essenciais de cada uma e a sua articulação interdisciplinar. Para este período estão previstos catorze tempos letivos, que foram cumpridos. Os dois primeiros foram dedicados à apresentação dos professores e alunos, às considerações gerais sobre a disciplina, à entrega da ficha de caracterização do aluno, à exposição dos critérios de avaliação de

³⁰ ROLDÃO, Maria do Céu - *Gestão curricular: Fundamentos e práticas*. Lisboa: Ministério da Educação, 1999. p. 39.

³¹ *Ibidem*, p. 43.

³² SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Moscavide, 2014.

³³ Ministério da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais: Educação Moral e Religiosa Católica*. Acedido em 16/09/2019, em:

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/emrc_3c_8a.pdf.

³⁴ Ministério da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais: História*. Acedido em 16/09/2019, em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/historia_3c_8a_ff.pdf.

EMRC e ao diálogo sobre as regras do bom funcionamento da sala de aula. Os três últimos tempos letivos do período destinaram-se para revisões das matérias, no sentido de consolidar e recuperar as aprendizagens realizadas, quando necessário, a ficha de avaliação, a entrega da ficha de avaliação e autoavaliação. Nos restantes tempos, procedeu-se ao processo ensino-aprendizagem da unidade letiva.

Na unidade letiva foi abordado: A influência do cristianismo na construção civilização ocidental; O Cristianismo e o primeiro cisma da Igreja; as Igrejas saídas do cisma. O Renascimento como desligamento do teocentrismo da Idade Média para a revitalização do homem no centro do universo e os seus efeitos nas artes e na ciência; O cisma dentro da Igreja Católica provocado pelas lutas de poder sobre a cristandade; O Renascimento e as causas da Reforma Protestante; O Protestantismo e a proliferação de igrejas oriundas da Reforma; As diferenças e semelhanças entre os vários ramos do cristianismo; A Bíblia, património cultural da humanidade e fonte de comunhão entre os vários ramos do Cristianismo; O caráter inspirado da mensagem bíblica, a sua organização e formação; Jesus Cristo, o fundamento de unidade dos cristãos; O ecumenismo como esforço conjunto de fidelidade à vontade de Jesus Cristo.

No 2º Período, optamos por desenvolver duas unidades letivas: a unidade letiva 1, *O Amor Humano*, e a unidade letiva 4: *Ecologia e Valores*. Para a consecução das aprendizagens destas duas unidades curriculares, estão previstos 11 tempos letivos: quatro tempos letivos para a unidade letiva 1 e cinco tempos letivos para a unidade letiva 4.

Na unidade letiva 1 foi abordado: O amor como característica do ser humano em ordem à felicidade; As diversas formas de dizer o amor: *eros*, *philia* e *ágape*; A amizade, valência do amor humano e da vida em comum; A vivência da amizade nas relações interpessoais. A descoberta de atitudes e valores fundamentais para o exercício da amizade; O amor na mundividência cristã. Nesta unidade letiva, optei por enveredar no desenvolvimento aprofundado do valor da amizade, em vista a fomentar melhores e saudáveis relações na turma, tendo em atenção as suas características, sobretudo o aluno que não se sentia integrado. Deste modo, através de métodos pedagógicos ativos e cooperativos, procedeu-se à exploração da temática e à sua aplicação mediante uma experiência prática, no domínio das atitudes e valores.

A unidade letiva 4, escolhida para o estudo e desenvolvimento deste relatório, engloba 5 tempos letivos. Tratou essencialmente de: A ecologia como o estudo e reflexão sobre os seres vivos e as relações que mantem com o meio ambiente; O homem e o mundo na mundividência cristã e a sua relação com a crise ecológica; Os efeitos e as causas da ação

humana sobre a natureza; A visão da natureza segundo as várias tradições religiosas em vista a fundamentar uma consciência ecológica integral; O cuidado do homem e da natureza na espiritualidade cristã; O exemplo inspirador de S. Francisco de Assis para os nossos dias; O cuidado como modo de comprometimento pela preservação e defesa da natureza contra ataques à sua integridade e a preocupação de deixar um mundo bom, fértil e belo às gerações vindouras.

No âmbito da avaliação deste período, estão previstas duas aulas para a ficha de avaliação, a entrega da mesma e a autoavaliação. Contudo, neste ano letivo, surgiu no mundo uma pandemia, denominada de Covid-19, que obrigou o Estado Português, na pessoa do Presidente da República, a decretar o estado de emergência nacional³⁵, a 18 de Março de 2020, a fim de garantir a segurança e o bem-estar dos cidadãos, através do confinamento obrigatório.

O encerramento dos estabelecimentos de ensino foi das primeiras decisões tomadas pelo XXII Governo Constitucional da República Portuguesa, liderado pelo Primeiro-Ministro António Costa, mediante a declaração de situação de alerta em todo o território nacional³⁶ e o comunicado do Conselho de Ministros sobre as medidas extraordinárias de resposta à epidemia do novo coronavírus³⁷, anunciado dias antes do decreto que impunha o Estado de Emergência.

Assim sendo, as atividades letivas foram suspensas a 16 de Março. A última aula lecionada no núcleo de estágio aconteceu no dia 9 de Março. A avaliação do período estava prevista para as duas últimas semanas do período, o que não aconteceu pelos motivos supramencionados. Por isso, o orientador cooperante, o Professor Doutor Filipe Barbosa, implementou um instrumento de avaliação e procedeu à avaliação final do período.

Por fim, no 3º Período, composto por nove tempos letivos, é dedicado ao desenvolvimento da unidade letiva 3: *A Liberdade*. Esta aborda as seguintes temáticas: O conceito da liberdade; Distinção entre liberdade e livre arbítrio; A opção pelo bem; Condicionamentos à liberdade e a resposta do ser humano; A manipulação como princípio

³⁵ Presidente da República (2020). *Diário da República n.º 55/2020, 3º Suplemento, Série I*. Acedido em 15/06/2020, em: <https://dre.pt/web/guest/home/-/dre/130399862/details/maximized>.

³⁶ Administração Interna e Saúde (2020). *Diário da República n.º 52/2020, 1º Suplemento, Série II*. Acedido em 15/06/2020, em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/130243048/details/normal?l=1>.

³⁷ Conselho de Ministros (2020). *Comunicado do Conselho de Ministros de 12 de março de 2020 - Medidas extraordinárias de resposta à epidemia do novo coronavírus*. Acedido em 15/06/2020, em: <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/governo/comunicado-de-conselho-de-ministros?i=330>.

antagónico e destrutivo da liberdade; As dependências que escravizam a pessoa: Álcool; Drogas; Tabaco; Jogo; Consumo; Sexo; Uso constante do computador, TV, Vídeo Jogos e do telemóvel; A liberdade segundo a mundividência cristã; A liberdade como valor inalienável da dignidade humana.

A gestão curricular deste período, a ser implementada no contexto atual, teria de sofrer alterações nos modos, processos, sequência e avaliação das aprendizagens, uma vez que nos encontramos no contexto do Covid-19, em que o modelo educativo adotado pelas escolas, na sua generalidade, está circunscrito às plataformas digitais, o denominado ensino à distância (sigla E@D). Por isso, teriam de ser adotadas estratégias, recursos e métodos pedagógicos-didáticos orientados para e pelos equipamentos e softwares informáticos, no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Capítulo II – Proposta de Fundamentação Teórica da UL 4: *Ecologia e Valores*

2.1 O Homem nas narrativas da Criação

Nas narrativas bíblicas da criação encontramos os aspetos fundamentais que corporizam a antropologia cristã. As grandes interrogações que envolvem a existência do ser humano surgem no livro do Génesis. No contexto da ecologia, em que este relatório se insere, essas respostas possibilitam olhar o homem na sua gama, simultaneamente originária e potencial de relações, com Deus, o outro e o mundo. A existência humana, nas narrativas da criação, é marcada pela transcendência e mundanidade.

A transcendência manifesta-se na condição de imagem de Deus e a mundanidade na condição de criatura.

No livro do Génesis (*berechit*, em hebraico, significa no princípio), encontramos duas narrativas da criação. É a «*declaração temática do AT*»³⁸, da revelação de um Deus criador e salvador e a experiência vital, na história, do povo de Israel dessa mesma revelação.

Apresentamos a estrutura do livro em 2 partes: a primeira vai dos capítulos 1-11 e situa-se num tempo que «*é muito anterior aos tempos históricos; os acontecimentos têm que ver com as origens das diversas ações humanas e divinas*»³⁹; a segunda vai dos capítulos 12-50 e possui caráter histórico, porque identifica os lugares e nomes como sendo antepassados de Israel. A suas histórias «*vinculam-se com o tema da promessa de uma terra e de uma nação futura que há-de ser o Israel tal e qual como o conhecemos*»⁴⁰.

Dentro destas duas partes gerais, podemos subdividir o seu conteúdo em vários blocos literários. Para a nossa parte, interessa-nos o bloco literário que corresponde às narrativas da criação, portanto, os capítulos 1-3. Os temas fundamentais são: «*A criação do mundo e da sociedade humana, abençoados por Deus, mas ameaçados pelo pecado*»⁴¹.

³⁸ BOADT, Lawrence – “Genesis” in *Comentário Bíblico Internacional: Antigo Testamento* (dir. William F. Farmer); Editorial Verbo Divino, Pamplona, 1999, p. 320.

³⁹ BOADT, Lawrence – “Genesis” in *Comentário Bíblico Internacional: Antigo Testamento* (dir. William F. Farmer); Editorial Verbo Divino, Pamplona, 1999, p. 321.

⁴⁰ *Ibidem*.

⁴¹ *Ibidem*.

Quanto às origens destas narrativas, normalmente a investigação bíblica aludiu às fontes literárias J (Javista) e P (Sacerdotal) na base destes relatos. A abordagem histórico-crítica dos textos, isto é, ao estudo do sentido literal dos textos em vez de formas alegóricas de interpretação, começada, sobretudo, a partir do séc. XVIII, evidenciou algumas inconsistências ao nível de «*vocabulário, estilos de narrativa e conteúdo característico*»⁴² dos textos, o que sugeria que as narrativas finais seriam agrupamentos de fragmentos oriundos de várias tradições. A hipótese documental foi levantada por Julius Werhaußen e «*reconhece quatro documentos na seguinte sequência: J (IX séc.), E (VIII séc.), D (Deuteronomista, VII séc.) e P (Sacerdotal, pós-exílico)*»⁴³.

As fontes teriam sido combinadas no período pós-exílio pela tradição P e, provavelmente, por um redator. Nas narrativas da criação, a primeira teria procedido da fonte P, que se interessa pelas «*questões do culto e ritual e está interessada nas genealogias (Génesis)*»⁴⁴. Esta fonte «*apresenta as ações de Deus em termos solenes e majestosos, usa listas e longos períodos de tempo para estabelecer os planos de Deus e sublinha a bênção divina e a aliança outorgada aos seres humanos*»⁴⁵. Esta fonte surge, segundo F. M. Cross, como uma plataforma de sistematização das fontes J no período pós-exílio, não sendo, por isso, um documento independente e que deu origem ao tetrateuco (Génesis-Números)⁴⁶.

A segunda narrativa seria da fonte J, «*é marcada por antropomorfismos fortes, histórias contadas de forma animada e uma visão teológica criativa*»⁴⁷.

A fonte «*apresenta as ações de Deus em termos muitos humanos, sublinha a debilidade da humanidade e a sua tendência a falhar e utiliza histórias que se relacionam estreitamente com os mitos dos povos vizinhos*»⁴⁸. Como aludido anteriormente, esta fonte situar-se-ia, como se pensava, na monarquia davídica.

⁴² MURPHY, Roland E. – “Introdução ao Pentateuco” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 50.

⁴³ *Ibidem*, p. 51.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 52.

⁴⁵ BOADT, Lawrence – “Genesis” in *Comentário Bíblico Internacional: Antigo Testamento* (dir. William F. Farmer); Editorial Verbo Divino, Pamplona, 1999, p. 329.

⁴⁶ MURPHY, Roland E. – “Introdução ao Pentateuco” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 52.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 51.

⁴⁸ BOADT, Lawrence – “Genesis” in *Comentário Bíblico Internacional: Antigo Testamento* (dir. William F. Farmer); Editorial Verbo Divino, Pamplona, 1999, p. 329.

Esta abordagem destes textos bíblicos tem sido amplamente questionada por estudiosos que procuram aplicar outros métodos científicos à leitura dos textos bíblicos e tensões inerentes, porque este somente procurava reduzir a verdade bíblica à verdade histórica, isto é, à sua pré-história.

Neste sentido, surge a crítica das formas, impulsionada por Herman Gunkel, no seu *Comentário ao Génesis*, publicado em 1901⁴⁹. Este método «*procura resolver os problemas textuais não mais na identificação de fontes literárias ou grupos editoriais, mas na tradição oral anterior à redação da história*»⁵⁰.

O método privilegia a análise dos textos bíblicos tendo em vista as suas formas literárias. Este tipo de análise pode ser resumido nas palavras de R. Alter:

*«Análise literária corresponde às múltiplas formas de prestar atenção detalhada e discriminadora ao uso artístico da linguagem, ao jogo variado de ideias, convenções, tom, som, imaginação, sintaxe, foco narrativo, unidades composicionais e muito mais»*⁵¹

Isto significa que, para a interpretação do texto, não poderá ter-se em conta somente o seu contexto vital, mas o mundo do próprio texto. Ambas as dimensões são necessárias para interpretação teológica dos textos bíblicos.

Neste sentido, Herman Gunkel, distingue no livro do Génesis dois géneros literários: «*o mito, nos caps. 1-11 e a saga ou legenda, nos caps. 12-50*»⁵².

Assim, as narrativas da criação inserem-se na categoria do mito. O mito «*designa uma forma de pensar, a qualidade mito-poética do pensamento humano*»⁵³.

Ou seja, «*são formas antigas de comunicar as histórias e tradições importantes do passado de um povo desde uma cosmovisão que não contava com os meios, nem os buscava, para fazer relações exatas do que realmente ocorreu*»⁵⁴.

⁴⁹ *Ibidem.* p. 330.

⁵⁰ SKA, Jean-Louis – “Genesi 2-3: qualche domanda di fondo”. *Protestantesimo*. Roma. 63:1 (2008) 3.

⁵¹ MURPHY, Roland E. – “Introdução ao Pentateuco” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 55.

⁵² BOADT, Lawrence – “Genesis” in *Comentário Bíblico Internacional: Antigo Testamento* (dir. William F. Farmer); Editorial Verbo Divino, Pamplona, 1999, p. 330.

⁵³ MURPHY, Roland E. – “Introdução ao Pentateuco” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 54.

⁵⁴ *Ibidem.*

Estas tradições foram passadas de geração em geração (genealogia), maioritariamente por via oral, comunicando a experiência coletiva dos «*profundos contrários da nossa existência: vida e morte, masculino e feminino, afortunado e desgraçado, etc.*»⁵⁵.

Através do estudo das narrativas da criação segundo a crítica das formas e a sua correspondência com outros livros da Sagrada Escritura, sobretudo os proféticos e sapienciais, chegou-se à conclusão de que «*todos os textos são pós-exílicos, exceto o Gen 13, 9, de data incerta*»⁵⁶.

As duas narrativas apresentam estilos e caracteres distintos. Na primeira, encontramos perante «*um texto sóbrio, rigoroso, ritmado, litânico, esquemático, circular, que apresenta simetrias e paralelismos, mas também dissonâncias e desequilíbrios, para melhor evidenciar as suas ideias*»⁵⁷. É uma «*resposta da elite de Jerusalém aos contos da criação conhecidos na Babilónia, em particular Enuma Elis*»⁵⁸.

Trata-se de uma narrativa de “origem estrangeira”, em que os exilados afirmam a sua fé no Deus de Israel, único e verdadeiro criador do mundo. A narrativa de Gn 1 é, portanto, uma cosmologia.

A segunda narrativa apresenta um estilo completamente distinto do anterior. Possui um «*carater mais popular e mais antropomórfico*»⁵⁹. Descreve, essencialmente, a origem da humanidade e as condições de vida na terra de Israel. Sabemos que o homem bíblico se dedicava exclusivamente à agricultura e pecuária. Neste sentido, «*o primeiro ser humano é um agricultor e o Deus Criador preocupa-se principalmente com a sua sobrevivência*»⁶⁰. Foi, assim, escrito em contexto nacional, provavelmente baseado em antigas tradições locais.

Em suma, estamos perante duas narrativas que procuram descrever e transmitir o conjunto das significações e experiências vitais do povo de Israel.

Assim sendo, nos pontos seguintes vamos, a partir dos comentários bíblicos, manuais de teologia e antropologia bíblica e teológica, monografias de exegese e hermenêutica bíblica, artigos científicos e um documento do magistério, proceder ao comentário e interpretação das

⁵⁵ BOADT, Lawrence – “Genesis” in *Comentário Bíblico Internacional: Antigo Testamento* (dir. William F. Farmer); Editorial Verbo Divino, Pamplona, 1999, p. 330.

⁵⁶ SKA, Jean-Louis – “Genesi 2-3: qualche domanda di fondo”. *Protestantesimo*. Roma. 63:1 (2008) 22.

⁵⁷ COUTO, António – *Pentateuco: Caminho da Vida Agraciada*. 2ª ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005. p. 212.

⁵⁸ SKA, Jean-Louis – “Genesi 2-3: qualche domanda di fondo”. *Protestantesimo*. Roma. 63:1 (2008) 26.

⁵⁹ SKA, Jean-Louis – “Genesi 2-3: qualche domanda di fondo”. *Protestantesimo*. Roma. 63:1 (2008) 25.

⁶⁰ *Ibidem*.

narrativas da criação, principalmente no que se refere à constituição e sentido do ser humano no mundo, basilar para uma fundamentação da antropologia e ética do cuidado.

2.1.1 Comentário a Gn 1, 1 – 2, 4

Como aludido anteriormente, as narrativas bíblicas da criação não são simples histórias ou contos para entreter o imaginário infantil. Eles querem transmitir algo importante: *«querem explicar como é o mundo e o que deve fazer o homem dentro dele»*⁶¹.

A primeira narrativa é a única cosmogonia presente na Sagrada Escritura⁶². Este *«relata a ordenação do cosmos e trata, no final, da criação do homem: como se tentasse colocá-lo no conjunto do mundo criado»*⁶³. A primeira característica deste relato é que nos apresenta, em primeiro lugar, o homem na linha das criaturas, com um tempo (sexto dia) e espaço (mundo) determinado de criação. O autor bíblico quer sublinhar uma dimensão essencial do ser humano: partilha a condição de criatura com os outros seres.

Além disso, a sucessão dos dias da ação criadora de Deus e do Seu descanso faz referência à *«primeira semana da história humana; a semana de seis dias de trabalho encerrada com a observância do sábado é estabelecida como sagrada»*⁶⁴. Encontramos essa prescrição em Ex 31, 15.

Apontamos, então, um modo de estrutura do relato, que é a seguinte ⁶⁵:

- 1, 1-2 = Prelúdio;
- 1, 3-31 = Os seis dias da criação;
- 2, 1-4a = Deus descansa.

Na primeira divisão, tenhamos em conta duas ideias principais. A primeira é que o mundo se encontrava num estado inabitável para os seres humanos. A matéria informe e vazia significa *«metaforicamente, sem fundamento ou irreal»*⁶⁶.

A mentalidade semita *«discorre por imagens e não por conceitos abstratos, resulta irrepresentável – e, portanto, inconcebível – um começo desde o zero absoluto»*⁶⁷. O que

⁶¹ LORDA, Juan Luís – *Antropologia Bíblica: De Adán a Cristo*. Madrid: Ediciones Palabra, 2005. p. 30.

⁶² RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. – *Imagem de Dios: Antropologia Teológica Fundamental*. 3ª ed. Santander: Editorial Sal Terrae, 1996. p. 27.

⁶³ LORDA, Juan Luís – *Antropologia Bíblica: De Adán a Cristo*. Madrid: Ediciones Palabra, 2005. p. 35.

⁶⁴ CLLIFORD, Richard J.; MUREPHY, Roland E. – “Gênesis” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007. p. 63.

⁶⁵ BOADT, Lawrence – “Genesis” in *Comentário Bíblico Internacional: Antigo Testamento* (dir. William F. Farmer); Editorial Verbo Divino, Pamplona, 1999, p. 332.

⁶⁶ CLLIFORD, Richard J.; MUREPHY, Roland E. – “Gênesis” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 63.

⁶⁷ RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. – *Teología de la Creación*. 6ª ed. Santander: Editorial Sal Terrae, 1988. p. 40.

significa que o estado primordial em que a terra se encontrava «é a representação plástica do nada absoluto»⁶⁸. Além disso, o sentido das trevas e do abismo «obstruem a emergência do cosmos habitado»⁶⁹.

O espírito de Deus (*ruah*, em hebraico), «mostra que o caos jamais esteve fora do controlo de Deus»⁷⁰. O nada não possui existência autónoma. O nada é «onde nada atua e nada sucede, nada é, salvo a pura possibilidade de ser»⁷¹.

A segunda ideia que aponta o relato é para a criação *ex nihilo*. Deus cria (*bara*, em hebraico), «com o poder divino único de que só precisa de querer para consegui-lo»⁷². Deus cria do nada e mantém na existência.

O verbo criar aparece 50 vezes no AT, sempre com Deus como sujeito. Assim, «na descrição bíblica é Deus que preexiste, e não a matéria; não é Deus que nasce, mas exatamente o contrário: Deus cria»⁷³.

Logo, «dizer criação é mais do que dizer natureza, porque tem a ver com um projeto do amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado»⁷⁴. O facto de nomear as coisas demonstra o poder e desejo de Deus sobre a Sua obra.

Com esta chave hermenêutica atendamos, sobretudo, para a segunda divisão: a semana da criação.

A semana da criação, com todas as realidades a possuírem a existência pelo «poder de criar mediante a palavra falada»⁷⁵ de Deus, tem, todavia, «um centro de atenção único, a criação dos seres humanos à imagem de Deus»⁷⁶.

⁶⁸ *Ibidem*.

⁶⁹ CLLIFORD, Richard J.; MUREPHY, Roland E. – “Génesis” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 63.

⁷⁰ J CLLIFORD, Richard J.; MUREPHY, Roland E. – “Génesis” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 64.

⁷¹ RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. – *Teología de la Creación*. 6ª ed. Santander: Editorial Sal Terrae, 1988. p. 40.

⁷² BOADT, Lawrence – “Genesis” in *Comentário Bíblico Internacional: Antigo Testamento* (dir. William F. Farmer); Editorial Verbo Divino, Pamplona, 1999, p. 332.

⁷³ COUTO, António – *Pentateuco: Caminho da Vida Agraciada*. 2ª ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005. p. 214.

⁷⁴ IGREJA CATÓLICA, Papa – *Carta Encíclica Laudato Si’ do Santo Padre Francisco: Sobre o Cuidado da casa Comum*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015. nº 76.

⁷⁵ BOADT, Lawrence – “Genesis” in *Comentário Bíblico Internacional: Antigo Testamento* (dir. William F. Farmer); Editorial Verbo Divino, Pamplona, 1999, p. 332.

⁷⁶ *Ibidem*.

A obra da criação organiza-se em duas partes: «*nos três primeiros dias, Deus dispõe o cenário e prepara a cena; no quarto ao sexto dia os atores viventes são colocados nos seus lugares próprios*»⁷⁷.

Saliente-se o facto de, neste relato, todos os seres viventes terem um aspeto em comum: «*Deus abençoa-os, capacitando-os a se auto-propagar*»⁷⁸. Esta característica antecipa a criação do ser humano, no sexto dia. Neste dia, encontramos dois eventos: «*a terra deve gerar animais (distintos dos pássaros, provenientes das águas), animais domésticos, répteis de feras segundo as suas espécies*»⁷⁹. A origem do ser humano não segue nessa linha criatural, embora detenha elementos naturais na sua constituição. Não provém do mar ou da terra, mas é feito «*à nossa imagem, à nossa semelhança*» (Gn 1, 26), isto é, a sua existência surge diretamente de Deus. É, por isso, o ser vivente mais “semelhante” ao Criador.

Neste sentido, «*o homem é o ápice da manifestação divina, não como um ser estático, mas como um ser que age, o qual governará todas as coisas previamente criadas*»⁸⁰.

Encontramos em torno do homem dois dizeres intercalados pelo tríplice uso do verbo criar. O dizer – “Deus disse” - refere-se a um sujeito, uma vontade e liberdade preexistente, subsistente em si mesmo, Deus⁸¹. O criar, na sua concretização – Deus criou - é o resultado inédito da ação única e soberanamente transcendente de Deus⁸²: «*Deus primeiro ordena, então executa a ação*»⁸³. Tudo está sobre o seu controlo.

O tríplice uso do verbo criar (*bara*, em hebraico), surge no meio dos dois dizeres, para enfatizar o anteriormente dito e abrir para a projeção seguinte: «*Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus, Ele os criou homem e mulher*» (Gn 1, 27).

⁷⁷ *Ibidem*.

⁷⁸ CLLIFORD, Richard J.; MUREPHY, Roland E. – “Génesis” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 64.

⁷⁹ *Ibidem*.

⁸⁰ *Ibidem*.

⁸¹ COUTO, António – *Pentateuco: Caminho da Vida Agraciada*. 2ª ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005. p. 214.

⁸² RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. – *Teología de la Creación*. 6ª ed. Santander: Editorial Sal Terrae, 1988. p. 38.

⁸³ CLLIFORD, Richard J.; MUREPHY, Roland E. – “Génesis” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 64.

O homem é imagem de Deus, não «na linha estática e ontológica da participação, mas linha da representação (...) em clara dissonância com o segundo a sua espécie»⁸⁴. «A única imagem de Deus no universo é o homem»⁸⁵.

A diferenciação sexual resulta distinta dos demais seres: enquanto os animais foram criados «segundo as suas espécies» (Gn 1, 21.24.25), a humanidade é apresentada, «não em relação ao animal, mas em relação a Deus»⁸⁶. Além disso, podemos constatar que a imagem de Deus se desdobra numa relação de alteridade, o que indica que tanto o homem e a mulher são igualmente imagem.

A este respeito, alude o Papa Francisco:

«Esta afirmação mostra-nos a imensa dignidade de cada pessoa humana, que não é somente alguma coisa, mas alguém. É capaz de se conhecer, de se possuir e de livremente se dar e entrar em comunhão com outras pessoas»⁸⁷.

O mandato de dominar (Gn 1, 26.28), indica a finalidade da representação divina pelo humano. Sendo quase Deus (Slm 8,6) é constituído delegado na criação: «pela sua fecundidade, o homem – homem e mulher – pode transmitir a imagem de Deus, pela sua inteligência reflete o poder de Deus sobre o mundo»⁸⁸.

O homem domina para representar. Neste sentido, o homem é ministro de Deus na criação, o seu alter ego⁸⁹. O domínio mostra que o mundo foi feito para o homem e a mulher: «os imperativos do v. 28 são uma forma bíblica para definir a essência»⁹⁰ humana. Todavia, o uso da força e o poder que o domínio aponta, obedece a limites impostos pelo Criador: «os seres humanos, todavia, deveriam respeitar o meio ambiente; eles não deveriam matar por comida, antes tratar toda a forma vivente com respeito»⁹¹.

⁸⁴ COUTO, António – *Pentateuco: Caminho da Vida Agraciada*. 2ª ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005. p. 220.

⁸⁵ LORDA, Juan Luís – *Antropologia Bíblica: De Adán a Cristo*. Madrid: Ediciones Palabra, 2005. p. 37.

⁸⁶ COUTO, António – *Pentateuco: Caminho da Vida Agraciada*. 2ª ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005. p. 220.

⁸⁷ IGREJA CATÓLICA, Papa – *Carta Encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco: Sobre o Cuidado da casa Comum*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015. nº 66.

⁸⁸ LORDA, Juan Luís – *Antropologia Bíblica: De Adán a Cristo*. Madrid: Ediciones Palabra, 2005. p. 38.

⁸⁹ RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. – *Imagem de Dios: Antropologia Teológica Fundamental*. 3ª ed. Santander: Editorial Sal Terrae, 1996. p. 42.

⁹⁰ CLLIFORD, Richard J.; MUREPHY, Roland E. – “Génesis” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 65.

⁹¹ *Ibidem*.

O regime vegetariano (Gn 1, 29-30), presente no relato é, por um lado, «*símbolo da paz universal*»⁹² para a totalidade da criação, por outro, que «*o domínio conferido sobre o animal não implica um direito arbitrário de vida ou de morte; o regime carnívoro entra na criação não por mandamento divino, mas pela mão da humanidade pecadora*»⁹³.

Isto acontecerá, a partir do capítulo terceiro, quando o homem recusa a sua condição de criatura para assumir o destino da criação, pela desobediência ao mandamento divino.

O processo criador termina com a presidência do ser humano sobre a criação. Ao ver a Sua obra, Deus considera-a muito boa.

Esta adjetivação «*não é um juízo estético, mas ontológico: a criatura corresponde à intenção do autor*»⁹⁴. No mundo que Deus criou não há maldade, apenas beleza. As coisas criadas surgem tal como a palavra divina assim pensa e dita. Isto significa que «*todo o criado é bom tanto em si mesmo como no plano que Deus tem para ele*»⁹⁵.

Neste sentido, qualquer exercício do homem sobre a criação está circunscrito pelo respeito da beleza e harmonia das realidades imanentes⁹⁶ e, em retrospectiva, pelo próprio criador, realidade originária e transcendente. Qualquer ação desagregadora, pode colocar em causa não só a própria essência das coisas, como e gravemente, a própria essência humana. O ser imagem de Deus consiste em «*ser no mundo como Deus é no céu*»⁹⁷.

Em suma, verificamos que na «*expressão "imagem" de Deus que aparece no primeiro texto resume, de certa maneira, a antropologia cristã*»⁹⁸.

Atendamos também para o caráter escatológico do relato: «*este mundo sereno e belo, no qual tudo é subordinado aos seres humanos, e estes, por sua vez, são subordinados a Deus, é a forma que deverá existir no fim*»⁹⁹. Tendo em conta o aludido anteriormente, o sentido humano ecologia ganha aqui o seu horizonte, tendo em conta o estado atual da

⁹² LORDA, Juan Luís – *Antropologia Bíblica: De Adán a Cristo*. Madrid: Ediciones Palabra, 2005. p. 47.

⁹³ *Ibidem*.

⁹⁴ RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. – *Teología de la Creación*. 6ª ed. Santander: Editorial Sal Terrae, 1988. p. 42.

⁹⁵ BOADT, Lawrence – “Genesis” in *Comentário Bíblico Internacional: Antigo Testamento* (dir. William F. Farmer); Editorial Verbo Divino, Pamplona, 1999, p. 332-333.

⁹⁶ COUTO, António – *Pentateuco: Caminho da Vida Agradada*. 2ª ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005. p. 48.

⁹⁷ COUTO, António – “Da posse e do furto ao dom e ao furto”. *Didaskalia*. Lisboa. 42:1 (2012) 38.

⁹⁸ LORDA, Juan Luís – *Antropologia Bíblica: De Adán a Cristo*. Madrid: Ediciones Palabra, 2005. p. 35.

⁹⁹ CLLIFORD, Richard J.; MUREPHY, Roland E. – “Génesis” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 65.

criação, em que «a terra, nossa casa, parece transformar-se cada vez mais num imenso depósito de lixo»¹⁰⁰.

A definição de ser humano nesta narrativa ajuda-nos na percepção que o ser humano deve assumir quanto à sua existência: «existe por obra de outro, não por si mesmo»¹⁰¹. A gratuidade da existência é partilhada com as restantes criaturas, pois tudo é fruto da ação amorosa de Deus. Neste sentido, «bíblico, criacional, ser e dom coincidem coextensivamente, no espaço e no tempo, sem nenhum menos e nenhum mais, sem nenhum antes e nenhum depois. Verdadeiramente, a vida e as coisas são dom»¹⁰².

Portanto, antes de qualquer manifestação da sua imensa dignidade, há um sentido fundamental que não pode descurar, correndo o risco de compreender-se mal a si mesmo e acabar por contradizer a sua própria realidade¹⁰³.

A sua peculiar dignidade coloca-o no cume da criação. A sua constituição e existência é assinalada pela imagem de Deus.

¹⁰⁰ IGREJA CATÓLICA, Papa – *Carta Encíclica Laudato Si’ do Santo Padre Francisco: Sobre o Cuidado da casa Comum*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015. nº 21.

¹⁰¹ SILVA, João – Indicações para uma espiritualidade do cuidado à luz da teologia da criação. *Atualidade Teológica*. Brasil. 36 (2010) 411.

¹⁰² COUTO, António – “Da posse e do furto ao dom e ao furto”. *Didaskalia*. Lisboa. 42:1 (2012) 28.

¹⁰³ IGREJA CATÓLICA, Papa – *Carta Encíclica Laudato Si’ do Santo Padre Francisco: Sobre o Cuidado da casa Comum*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015. nº 115.

2.1.2 Comentário a Gn 2, 5-25

O segundo relato não é uma cosmogonia, mas antes um relato da criação do homem¹⁰⁴. Comparativamente ao relato anterior, este «é muito menos litúrgico, solene ou sabiamente organizado; é mais direto, íntimo e antropomórfico»¹⁰⁵.

O texto destaca, desde o início, o lugar central dos seres humanos no plano que Deus tem sobre as coisas.

Apontamos a seguinte estrutura do relato¹⁰⁶:

- 2, 4b-17 = O primeiro homem;
- 2, 18-25 = A primeira mulher.

Na primeira divisão, encontramos uma inversão retórica¹⁰⁷ relativa ao começo face à declaração final do relato anterior: a referência à «origem da criação dos céus e da terra» (Gn 2, 4a), aqui sucede o seu contrário, «quando o Senhor Deus fez a terra e os céus» (Gn 2, 4b). Esta inversão «põe de relevo um novo ponto de partida, mantendo a continuidade com o tema das origens humanas»¹⁰⁸.

A terra é apresentada num estado que aguarda o homem para a trabalhar, mostrando desde logo qual a relação do homem com ela¹⁰⁹.

A criação do homem vem no seguimento: «então o senhor Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida e o homem transformou-se num ser vivo» (Gn 2,7).

Assistimos a uma constituição plástica do ser humano, em que Deus forma o homem a partir de elementos naturais e transcendentais. Esta perícopa, tanto nos diz muito sobre o homem, como sobre Deus. Estamos perante «um Deus que modela com as suas mãos o homem da terra pura e fecunda»¹¹⁰. Deus surge aqui como um oleiro que trabalha o barro da

¹⁰⁴ RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. – *Imagem de Dios: Antropología Teológica Fundamental*. 3ª ed. Santander: Editorial Sal Terrae, 1996. p. 27.

¹⁰⁵ BOADT, Lawrence – “Genesis” in *Comentário Bíblico Internacional: Antigo Testamento* (dir. William F. Farmer); Editorial Verbo Divino, Pamplona, 1999, p. 333.

¹⁰⁶ *Ibidem*.

¹⁰⁷ *Ibidem*.

¹⁰⁸ BOADT, Lawrence – “Genesis” in *Comentário Bíblico Internacional: Antigo Testamento* (dir. William F. Farmer); Editorial Verbo Divino, Pamplona, 1999, p. 333.

¹⁰⁹ LORDA, Juan Luís – *Antropologia Bíblica: De Adán a Cristo*. Madrid: Ediciones Palabra, 2005. p. 42.

¹¹⁰ COUTO, António – “Da posse e do furto ao dom e ao furto”. *Didaskalia*. Lisboa. 42:1 (2012) 29.

terra com as suas mãos (Is 64,7), por isso, enche-o de cuidado e amor. É fruto do desejo e querer de Deus.

O homem (*Adam*, em hebraico) é criado a partir da terra (*adamah*, em hebraico). Sem dúvida, que o autor quer destacar a condição terrena e frágil da humanidade¹¹¹.

Adam é de *adamah*, o mesmo parentesco etimológico do latim *homo* – *húmus*¹¹².

Este jogo de palavras «*leva alguns estudiosos a propor a tradução “criatura terrestre” no lugar de “homem”, a fim de enfatizar que sua origem é proveniente da terra*»¹¹³.

Mas o homem não é somente terra. Recebe o sopro divino que lhe dá alento, respiração, vida. Este relato aponta também para a singularidade da criação humana que recebe a vida a partir de Deus. É, por isso, um dom. E o dom remete para aquele que o oferece¹¹⁴.

A respiração ou espírito (*ruah*, em hebraico) é o princípio vital do homem. Sem ele, fica reduzido à terra. Com ele, transforma-se num ser vivente (*nefes hajja*, em hebraico), «*alma (nefes, em hebraico), isto é, com interioridade, psicologia*»¹¹⁵. Deste modo, a ideia de imagem de Deus do primeiro relato surge aqui em conformidade. O homem em íntima dependência de Deus.

O homem tanto está unido à terra como a Deus. Com isso, é colocado no jardim do Éden, junto às criaturas. Não é um jardim qualquer. A palavra jardim (*gan*, em hebraico) tem a sua correspondente no grego paraíso (*paradeisos*) e é, por sua vez, o lugar de Deus¹¹⁶.

Neste sentido, convida o homem a constatar a criação com os Seus olhos (Gn 2, 8). Era tudo agradável e saboroso, isto é, sublime à sua vista, manifestação da grandeza da glória divina¹¹⁷. Aqui, encontra-se igualmente o sentido e qualificação da criação análogo ao primeiro relato: «*Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa*» (Gn 1, 31).

O lugar e o sentido do homem no jardim estão delimitados no mandato de cultivar e guardar (Gn 2, 15). A presença do homem é, portanto, ativa:

¹¹¹ LORDA, Juan Luís – *Antropologia Bíblica: De Adán a Cristo*. Madrid: Ediciones Palabra, 2005. p. 42.

¹¹² RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. – *Teología de la Creación*. 6ª ed. Santander: Editorial Sal Terrae, 1988. p. 38.

¹¹³ CLLIFORD, Richard J.; MUREPHY, Roland E. – “Génesis” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 66.

¹¹⁴ COUTO, António – “Da posse e do furto ao dom e ao furto”. *Didaskalia*. Lisboa. 42:1 (2012) 37.

¹¹⁵ LORDA, Juan Luís – *Antropologia Bíblica: De Adán a Cristo*. Madrid: Ediciones Palabra, 2005. p. 47.

¹¹⁶ CLLIFORD, Richard J.; MUREPHY, Roland E. – “Génesis” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 66.

¹¹⁷ RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. – *Imagem de Dios: Antropología Teológica Fundamental*. 3ª ed. Santander: Editorial Sal Terrae, 1996. p. 51.

«Ao trabalhar a terra, o homem cuida, preserva a sua integridade, cumpre o destino para o qual foi criado por Deus. E vice-versa: se tem cuidado com a terra, na medida em que a cultiva, então não a deixa estéril e sem fruto»¹¹⁸.

O homem não está presente no mundo como um meio hostil ou estranho à sua natureza. Está ligado à natureza das coisas numa espécie de parentesco e exerce o domínio submetido a Deus¹¹⁹.

A dependência de Deus é expressa no assentimento de um único mandato: «*não se apropriar dos frutos da árvore do bem e do mal*»¹²⁰. A consequência é a morte: «*morrer aqui significa ser expulso, cortado da comunhão com Deus*»¹²¹.

Por outras palavras, não ceder ao desejo de perverter o sentido da criação e deixar-se ao cuidado de quem procede. Não transformar o dom e o fruto em posse e furto¹²², «*extraordinária figuração do pecado*»¹²³.

Todavia, é possibilidade real o homem escolher outra via, a da posse e do furto. O homem é um sujeito, dador de resposta, por isso, estruturalmente capaz de desobediência.

A este respeito, refere António Couto:

«*Ficou assim expressa a condição criatural do homem: o homem criado por Deus deve receber-se a si mesmo das mãos de Deus; não tem em si o seu próprio fundamento, mas em Deus. Ser homem é viver dentro do horizonte do dom. Apropriar-se do dom é negá-lo, e sair desse horizonte é morrer por asfixia no seio da totalidade indistinta, que é um mundo-objeto, o mundo em si, não dado, e que não remete para ninguém*»¹²⁴.

A imposição do nome às criaturas, na procura de uma auxiliar semelhante a ele é um sinal manifesto da superioridade qualitativa do homem face aos animais¹²⁵ (Gn 2, 18-20).

¹¹⁸ RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. – *Imagem de Dios: Antropología Teológica Fundamental*. 3ª ed. Santander: Editorial Sal Terrae, 1996. p. 32.

¹¹⁹ RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. – *Imagem de Dios: Antropología Teológica Fundamental*. 3ª ed. Santander: Editorial Sal Terrae, 1996. p. 31.

¹²⁰ LORDA, Juan Luís – *Antropologia Bíblica: De Adán a Cristo*. Madrid: Ediciones Palabra, 2005. p. 60.

¹²¹ CLLIFORD, Richard J.; MUREPHY, Roland E. – “Génesis” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 66.

¹²² COUTO, António – “Da posse e do furto ao dom e ao furto”. *Didaskalia*. Lisboa. 42:1 (2012) 50.

¹²³ *Ibidem*.

¹²⁴ COUTO, António – *Pentateuco: Caminho da Vida Agraciada*. 2ª ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005. p. 236.

¹²⁵ CLLIFORD, Richard J.; MUREPHY, Roland E. – “Génesis” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 67.

O homem descobre a sua incompletude na diferença face às criaturas. Reconhece-se como um ser humano e não pura animalidade¹²⁶. Mas não tem com quem partilhar a existência. Não está completa a obra em torno do homem.

Na segunda divisão temos a criação da mulher (Gn 2, 21-22) e vem concluir o processo criativo do homem. Mais uma vez, assistimos a uma constituição plástica da mulher. Ela é formada a partir do homem e é objeto do cuidado divino. Esta imagem significa que a mulher «participa da mesma condição humana, da mesma carne, ossos e vitalidade»¹²⁷.

A apresentação da mulher ao homem coloca em evidência uma dimensão essencial do homem: «é homem na comunhão interpessoal, não na solidão existencial. Esta alocação tem seu paralelismo na linha representativa do primeiro relato: o homem é representação divina enquanto homem e mulher, portanto, como alteridade.

Além disso, a relação abre à individuação sexual, homem e mulher. Até então a palavra homem era usada em sentido genérico (*adam*, em hebraico), aqui surge um masculino e feminino (*ish-isha*, em hebraico), para enfatizar que a humanidade se desdobra numa comunhão interpessoal, homem e mulher.

Todavia, este desdobramento ultrapassa a esfera sexual, isto é, da diferenciação sexual, para «se tornar uma unidade de vida, de duas pessoas que precisam de viver uma para a outra»¹²⁸. Por outras palavras, o homem (*adam*, sentido genérico) é chamado a auxiliar outro homem, pois partilha da mesma dignidade.

¹²⁶ COUTO, António – *Pentateuco: Caminho da Vida Agraciada*. 2ª ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005. p. 240.

¹²⁷ LORDA, Juan Luís – *Antropologia Bíblica: De Adán a Cristo*. Madrid: Ediciones Palabra, 2005. p. 44.

¹²⁸ *Ibidem*, p. 46.

2.2 Visão holística do Homem a partir das narrativas da criação

A partir dos relatos da criação apresentados anteriormente, podemos apontar alguns traços característicos da antropologia cristã:

- a) Em primeiro lugar, que tudo procede de Deus: o homem, a natureza. A criação «*tem a ver com um projeto de amor divino, onde cada criatura tem o seu valor e significado*»¹²⁹. A existência, portanto, é um dom para todos;
- b) «*A narrações bíblicas sugerem que a existência humana se baseia em três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o outro e com a terra*»¹³⁰. O homem comunga das realidades transcendente e imanente;
- c) O homem é criatura entre criaturas, «*não está no mundo como um meio hostil ou estranho à sua natureza*»¹³¹. Reúne em si todos os elementos naturais presentes na obra da criação. O ser humano tece a sua existência no mundo;
- d) A dignidade humana define-se no ser imagem de Deus. Não participa da constituição ontológica de Deus, mas na sua constituição está intrínseca a função de representar Deus. Por sua origem, o homem é chamado a ser delegado de Deus na obra da criação¹³². Há um vínculo original entre Deus e o homem, marcado pela referencialidade e dependência. Enquanto homem e mulher, o género humano toma a presidência das realidades imanentes e tem a capacidade de transmitir ininterruptamente a imagem de Deus por meio da procriação¹³³.

¹²⁹ IGREJA CATÓLICA, Papa – *Carta Encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco: Sobre o Cuidado da casa Comum*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015. n.º 76.

¹³⁰ *Ibidem*, n.º 66.

¹³¹ RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. – *Imagem de Dios: Antropología Teológica Fundamental*. 3ª ed. Santander: Editorial Sal Terrae, 1996. p. 31.

¹³² COUTO, António – *Pentateuco: Caminho da Vida Agraciada*. 2ª ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005. p. 220.

¹³³ LORDA, Juan Luís – *Antropologia Bíblica: De Adán a Cristo*. Madrid: Ediciones Palabra, 2005. p. 59.

- e) O sentido do homem no mundo aponta para o domínio sobre todas as coisas, referido no primeiro relato, e para o cultivar e guardar o jardim, do segundo relato. Ao domínio há-de corresponder o cultivo e a guarda da criação: «*uma atitude ética de utilização equilibrada dos bens da criação em vista do ser humano, da comunhão dos homens entre si, com a natureza e com Deus*»¹³⁴. Neste sentido, o homem torna-se com-criador e sujeito de responsabilidade pela obra da criação. Estas dimensões são imprescindíveis para a fundamentação de uma antropologia e ética baseada no cuidado.

¹³⁴ SILVA, João - Indicações para uma espiritualidade do cuidado à luz da teologia da criação. *Atualidade Teológica*. Brasil. 36 (2010) 412.

2.3 O Homem como com-criador e sujeito de responsabilidade

O conceito de ser humano como com-criador e sujeito de responsabilidade provém do encargo divino de dominar sobre a obra criadora. Isso pressupõe a saída de si rumo ao outro, com quem compartilha a mesma condição de criatura. Só assim, se torna capaz de reconhecer às outras criaturas o seu valor e de ter gestos de cuidado para com elas¹³⁵.

O homem torna-se com-criador na medida em que reconhece a sua vocação de ministro dos bens criados, sentindo-se parte ativa na continuidade da obra divina. Pelas suas capacidades singulares de inteligência, vontade e liberdade, descobre um mundo orientado para a sua necessidade, que «*assim é interpelado a transformar-se em sujeito de responsabilidade*»¹³⁶. Essa responsabilidade deve estar impregnada de uma urgência amorosa¹³⁷, pois, em vez de reduzir o mundo a um objeto, disponível para ser manipulado a seu bel-prazer, posiciona-se «*como instrumento de Deus para ajudar a fazer desabrochar as potencialidades que Ele mesmo inseriu nas coisas*»¹³⁸.

Por isso, o domínio a que o homem é chamado a exercer não é o da lógica despótica e prepotente, mas numa lógica de receção e continuidade¹³⁹.

Afinal de contas, não nos podemos esquecer que o homem é «*apenas uma imagem administradora dos bens criados: o verdadeiro Senhor da criação é Deus*»¹⁴⁰.

O modo como o homem exerce o seu domínio é descrito no cultivar e guardar o jardim: «*enquanto cultivar quer dizer lavrar ou trabalhar um terro, guardar significa proteger, cuidar, preservar, velar*»¹⁴¹. Se o primeiro indica o modo de como o homem se faz

¹³⁵ IGREJA CATÓLICA, Papa – *Carta Encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco: Sobre o Cuidado da casa Comum*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015. nº 231.

¹³⁶ COUTO, António – *Pentateuco: Caminho da Vida Agraciada*. 2ª ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005. p. 39.

¹³⁷ RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. – *Imagem de Dios: Antropología Teológica Fundamental*. 3ª ed. Santander: Editorial Sal Terrae, 1996. p. 33.

¹³⁸ IGREJA CATÓLICA, Papa – *Carta Encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco: Sobre o Cuidado da casa Comum*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015. nº 124.

¹³⁹ SILVA, João - Indicações para uma espiritualidade do cuidado à luz da teologia da criação. *Atualidade Teológica*. Brasil. 36 (2010) 413.

¹⁴⁰ LORDA, Juan Luís – *Antropologia Bíblica: De Adán a Cristo*. Madrid: Ediciones Palabra, 2005. p. 41.

¹⁴¹ IGREJA CATÓLICA, Papa – *Carta Encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco: Sobre o Cuidado da casa Comum*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015. nº 67.

presente no mundo, o segundo indica o horizonte dessa sua presença. Neste sentido, são complementares.

Assim, a com-criação do homem dá-se numa dinâmica recíproca: enquanto trabalha o terreno, cuida, preserva a sua integridade; enquanto cuida através do cultivo, então não a deixa estéril e sem fruto¹⁴².

Deste modo, o homem cumpre o destino para a qual foi criado e torna-se verdadeira imagem de Deus, o mesmo que dizer com-criador. Como sujeito de responsabilidade, por isso, dador de uma resposta, sempre que dá o seu assentimento ao desejo divino, permanece ligado à sua origem mediante a entrega pelo trabalho que há-de ser expressão de cuidado pela vida.

¹⁴² RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. – *Imagem de Dios: Antropología Teológica Fundamental*. 3ª ed. Santander: Editorial Sal Terrae, 1996. p. 33.

2.4 Antropologia e Ética do Cuidado

A partir da sabedoria das narrativas bíblicas da criação, compreendemos que o homem surge como o expoente máximo de um projeto de amor divino e como entrelaçam na sua natureza as realidades imanente e transcendente.

Como sujeito, entra em relação com todas as coisas e é impelido a dar uma resposta responsável. Ora, como vimos anteriormente, a natureza humana sustenta-se numa interdependência. Primeiro, com o Transcendente, de onde procede a sua existência. Ele foi modelado pelas “mãos” de Deus e recebeu o sopro divino, tornando-se um ser vivente, ou seja, um sujeito; segundo, com a materialidade. Sendo ele criatura, recebe o encargo de fazer presente, isto é, de representar o criador no mundo, como com-criador. Para isso, tem ao seu dispor capacidades singulares como a inteligência, vontade e liberdade, que o fazem ser imagem de Deus. Está é, porventura, a definição mais elevada de dignidade humana¹⁴³. O homem só poderá ser fiel a si mesmo se preservar esta gama de relações estruturantes da sua natureza. É a sua máxima responsabilidade.

Neste sentido, os relatos bíblicos apontam para o cuidado como forma de habitar o mundo e de realizar plenamente a sua vocação de com-criador, mediante o trabalho. A este respeito, refere o Leonardo Boff: «O cuidado faz que surja um ser humano complexo, sensível, solidário, amável e ligado com tudo e com todos no universo»¹⁴⁴. O cuidado surge, então, como um modo de ser essencial e o centro nevrálgico de toda a decisão e ação responsável.

Nas páginas que se seguem, iremos abordar esta dimensão fundamental do ser humano.

¹⁴³ RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. – *Imagem de Dios: Antropología Teológica Fundamental*. 3ª ed. Santander: Editorial Sal Terrae, 1996. p. 45.

¹⁴⁴ BOFF, Leonardo – *El cuidado esencial: Ética de lo humano, compasión por la Tierra*. Tradução Juan Valverde. Madrid: Editorial Trotta, 2002. p. 156.

2.5 O cuidado: modo de ser humano

Antes de qualquer aportação à essência do cuidado no ser humano, começaremos por indagar sobre o sentido etimológico da palavra. Segundo Leonardo Boff, na raiz da palavra cuidado encontramos duas aceções: a palavra *cura*¹⁴⁵, usada no contexto das relações de amor e amizade; e a palavra *cogitare*¹⁴⁶, com o mesmo sentido de *cura*: cogitar, pensar, pôr atenção, manifestar interesse, preocupação.

Assim, «*cuidado significa, então, desvelo, solícitude, diligência, zelo, atenção, delicadeza*»¹⁴⁷ O cuidado é, então, a capacidade de sair de si mesmo rumo ao outro. Tal capacidade se traduz no rompimento com a autorreferencialidade para ir ao encontro do outro e do meio ambiente¹⁴⁸.

Sendo assim, pelo cuidado estamos ligados a tudo o que existe, o que significa que tal modo de presença expressa uma característica fundamental do ser humano. Como vimos nos relatos bíblicos, na natureza humana está entrelaçada as realidades transcendente e imanente. É nessa interdependência que se radica a sua essência. Neste sentido, o mandato de ser criador e sujeito de responsabilidade surge como manifestação do seu ser. Essa manifestação surge sobre a forma de cuidado.

Logo, «*o cuidado entra na natureza e consituição do ser humano. O modo de ser cuidado revela de maneira concreta como é o ser humano*»¹⁴⁹. É uma dimensão ontológico-existencial do homem.

Assim sendo, o homem coloca cuidado em tudo o que projeta e realiza. É algo que não pode ser totalmente desvirtuado, porque é a característica primeira do ser humano.

O homem está para o cuidado como o cuidado está para o homem. Sem o cuidado, o homem deixa de ser ele mesmo. É um modo de ser. Ser, simultaneamente, para o cuidado e objeto, ele mesmo, de cuidado.

¹⁴⁵ BOFF, Leonardo – *El cuidado esencial: Ética de lo humano, compasión por la Tierra*. Tradução Juan Valverde. Madrid: Editorial Trotta, 2002. p. 72.

¹⁴⁶ *Ibidem*. p. 73.

¹⁴⁷ *Ibidem*.

¹⁴⁸ IGREJA CATÓLICA, Papa – *Carta Encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco: Sobre o Cuidado da casa Comum*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015. nº 208.

¹⁴⁹ BOFF, Leonardo – *El cuidado esencial: Ética de lo humano, compasión por la Tierra*. Tradução Juan Valverde. Madrid: Editorial Trotta, 2002. p. 30.

Não se trata, contudo, de um conjunto de atos virtuosos, mas é, essencialmente, uma atitude, que se radica no seu íntimo.

É uma atitude que se caracteriza, por um lado, pelo desvelo e atenção pelo outro, por outro, pela preocupação e inquietude. Deste modo, estamos perante o pano de fundo que estabelece as relações do homem com todas as coisas, isto é, o modo de ser no mundo¹⁵⁰.

Sentir-se implicado, afetado pelo outro com quem entra em relação, eis o homem em toda a sua contrução e realização.

Além disso, também encontramos na estrutura ontológica do homem a dimensão do trabalho: «*O modo-de-ser no mundo por meio do trabalho se dá na forma de interação e de intervenção*»¹⁵¹. É pelo trabalho que o homem constrói a sua existência e adapta o mundo à sua necessidade.

A com-criação do homem sustenta-se no trabalho, como vimos anteriormente, pois, através dele, dá continuidade à evolução das coisas criadas e insere novas realidades inauditas conforme a sua inteligência dita.

Contudo, «*o trabalho não esgota o significado da vida humana nem o sentido da história da humanidade*»¹⁵². Se o trabalho é o modo pela qual o homem transforma o mundo à sua necessidade, o cuidado confere-lhe o seu horizonte. O homem trabalha para tirar o seu sustento e dar continuidade à evolução pela inserção de novas realidades, adequadas a si. O cuidado indica o horizonte do modo de ser trabalho, isto é, a valorização dos limites e potencialidades inscritas na natureza das coisas, mediante «*a dimensão da alteridade, do respeito, da sacralidade, da reciprocidade e complementaridade*»¹⁵³. Parafraseando António Couto, «*o homem deve, por isso, saber fazer com que tudo seja muito bom*»¹⁵⁴, a respeito da criação no livro do Génesis. O cuidado tanto está para o homem como para o mundo. Por isso, estas duas dimensões estão intimamente relacionadas. A sua separação implicaria um desvirtuamento das relações de convivência fundamentais consigo mesmo, o outro e o mundo.

¹⁵⁰ BOFF, Leonardo – *El cuidado esencial: Ética de lo humano, compasión por la Tierra*. Tradução Juan Valverde. Madrid: Editorial Trotta, 2002. p. 74.

¹⁵¹ *Ibidem*, p. 74.

¹⁵² SILVA, João - Indicações para uma espiritualidade do cuidado à luz da teologia da criação. *Atualidade Teológica*. Brasil. 36 (2010) 413.

¹⁵³ BOFF, Leonardo – *El cuidado esencial: Ética de lo humano, compasión por la Tierra*. Tradução Juan Valverde. Madrid: Editorial Trotta, 2002. p. 78.

¹⁵⁴ COUTO, António – *Pentateuco: Caminho da Vida Agraciada*. 2ª ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005. p. 224.

O ser no mundo do homem baseia-se numa coexistência. Este modo de existência possibilita olhar a realidade no seu valor intrínseco, como já referia o Papa Francisco na *Laudato Sí*, aludida anteriormente. Este posicionamento configura a antropologia assente no cuidado, uma vez que o homem percebe-se como parte de uma totalidade a que é chamado a entrar em interação e comunhão¹⁵⁵. Se o homem interage com o outro e o mundo somente para intervir, reduz a realidade a um objeto manipulável a seu bel-prazer, isto é, ao utilitarismo enquanto submissão ao seu desejo de ânsia de poder.

O primeiro efeito do modo de ser trabalho como única dimensão ontológico-existencial do homem é a perda da ligação com o todo e, conseqüentemente, a desvalorização das coisas na sua essência. Este modo de ser, de forma exclusiva, «mata a ternura, liquida o cuidado, fere a existênica humana»¹⁵⁶. Tudo fica, então, em perigo: o planeta e o próprio homem, porque rejeita as relações de convivência fundamentais, baseadas no cuidado, para o equilíbrio e harmonia da vida.

Esta posição foi assumida, sobretudo, a partir do século XVIII, com a industrialização, em que a razão e a técnica se tornaram os únicos modos de interagir e intervir na realidade. O modelo de ser humano, a partir deste paradigma, é o que o Papa Francisco denomina de antropocentrismo moderno¹⁵⁷.

O antropocentrismo moderno caracteriza-se, sobretudo, pelo esbatimento das relações vitais com as realidades que formam um todo orgânico, transcendente e imanente. Neste sentido, em que tudo está, então, ordenado simplesmente para o ser humano, as coisas perdem o seu valor e autonomia e passam a estar disponíveis para a dominação humana pelo poder e a violência¹⁵⁸.

O homem torna-se a única referência, pois tudo está colocado para a satisfação dos seus desejos, por mais elevados e heróicos que se possam pensar. Superar-se a si mesmo, cada vez mais, para dominar toda a realidade é o lema do antropocentrismo moderno. Desvanece-se, progressivamente, a relação sujeito-sujeito, para dar lugar à relação sujeito-objeto, em que o sujeito é o homem e o objeto é tudo o resto. O paradigma tecnocrático que está subjacente

¹⁵⁵ BOFF, Leonardo – *El cuidado esencial: Ética de lo humano, compasión por la Tierra*. Tradução Juan Valverde. Madrid: Editorial Trotta, 2002. p. 78.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 80.

¹⁵⁷ IGREJA CATÓLICA, Papa – *Carta Encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco: Sobre o Cuidado da casa Comum*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015. nº 115.

¹⁵⁸ BOFF, Leonardo – *El cuidado esencial: Ética de lo humano, compasión por la Tierra*. Tradução Juan Valverde. Madrid: Editorial Trotta, 2002. p. 77.

ao antropocentrismo moderno, preocupa-se em desenvolver e aprimorar, exaustivamente, técnicas de posseção, domínio e transformação de tudo. Tudo o que o homem imagina e raciocina tem a sua realização com a técnica.

O ser humano tornou-se o rei/rainha do universo¹⁵⁹, em que tudo está disponível a seu bel prazer. A dimensão do cuidado foi esquecida; a alteridade, o respeito e a sacralidade das realidades, transcendente e imanente, foram marginalizadas. O homem posicionou-se acima da realidade, gerindo-a como lhe convém. Toda a vida e realização humana está orientada segundo este paradigma: política, económico-financeira, social, ambiental.

Da responsabilidade deu lugar ao descuidado. Este modelo de homem formulado nestes termos é totalmente estranho à antropologia bíblica: «a bíblia não dá lugar a um antropocentrismo despótico, que se desinteressa das outras criaturas»¹⁶⁰, como vimos anteriormente. O homem, na perspectiva cristã, é um ser intimamente ligado a Deus e às criaturas. Situa-se no seu centro, enquanto chamado ao cultivo-trabalho e guarda-cuidado da obra do Criador.

Não podemos deixar de verificar que a questão do mal desenvolvida no livro do Génesis (Gn 3), tem uma assombração ressonância no antropocentrismo moderno. O desejo de autonomia e independência face às realidades, surge no livro do Génesis figurada no ato explícito do alimento do fruto do bem e do mal (Gn 3, 6). O homem e a mulher sentiram o apelo à falsa promessa e aspiração enganosa de serem como deuses (Gn 3, 5) e, por isso, recusaram tacitamente a sua condição de criatura sob o signo de Deus para assumir-se com as pregorrativas de Deus¹⁶¹. Nesse momento, «a ciência que os homens adquiriram ao comer da árvore não é a sabedoria do bem e do mal, mas talvez a malícia»¹⁶², porque o bem ele já o tinha recebido, pelo dom da sua vida e o estado de serenidade e beleza do paraíso. Em vez de dar lugar ao cuidado como resposta a um encargo divino, o homem apoderou-se daquilo que não é seu. As consequências deste ato, segundo o livro do Génesis, são avassaladoras: a morte, o sofrimento, a terra inóspita. As relações originárias transformaram-se em conflito e distorceram quer o sentido do trabalho, quer o sentido do cuidado¹⁶³.

¹⁵⁹ BOFF, Leonardo – *Ética da vida: a nova centralidade*. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 15.

¹⁶⁰ IGREJA CATÓLICA, Papa – *Carta Encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco: Sobre o Cuidado da casa Comum*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015. nº 68.

¹⁶¹ LORDA, Juan Luís – *Antropologia Bíblica: De Adán a Cristo*. Madrid: Ediciones Palabra, 2005. p. 51.

¹⁶² *Ibidem*, p. 52.

¹⁶³ IGREJA CATÓLICA, Papa – *Carta Encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco: Sobre o Cuidado da casa Comum*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015. nº 66.

O mal ou pecado, hoje, manifesta-se «*com toda a sua força de destruição, nas guerras, nas várias de violência e abuso, no abandono dos mais frágeis, nos ataques contra a natureza*»¹⁶⁴. A crise ecológica a que assistimos deve levar-nos a buscar as suas raízes, cujo nível mais profundo é antropológico, isto é, no modo de entender a vida, o lugar e ação do ser humano no mundo.

Assim sendo, é peremptório uma conversão ecológica assente no resgate da dimensão ontológico-existencial do cuidado no ser humano.

O resgate do cuidado implica a requalificação de dimensões essenciais do espírito humano: «*o pathos, o sentimento, a capacidade de empatia, a dedicação, o cuidado e a comunhão com o diferente*»¹⁶⁵. Se o trabalho é orientado muito pela razão, o cuidado como compaixão configura uma tomada de re-ligação consigo mesmo, com o outro e o mundo, «*ancorada no mistério do Supremo Criador e provedor de tudo*»¹⁶⁶. O cuidado é o modo de sentir-se ligado a tudo, respeitando o valor de cada ser e a compaixão pelo desprezado e desprovido da sua dignidade. Somente assim, se torna possível a tomada de decisões responsáveis em prol da defesa da vida humana, da natureza e do planeta terra. Potenciar e desenvolver as virtualidades das coisas, mediante a razão, para as melhor poder cuidar, mediante a gratuidade, a compaixão, o amor e a comunhão universal¹⁶⁷. O trabalho deixa de ser o único horizonte do ser humano, para dar lugar ao cuidado como horizonte do trabalho. Em última instância, trata-se de ser humano na sua plenitude.

O cuidado como modo de ser do homem inclui uma reflexão ética ao seu serviço, no sentido de estabelecer, por um lado, limites à ação humana, por outro, que busque cada vez condições para assegurar e manifestar a dignidade do ser humano no mundo, como veremos a seguir.

¹⁶⁴ *Ibidem*.

¹⁶⁵ BOFF, Leonardo – *El cuidado esencial: Ética de lo humano, compasión por la Tierra*. Tradução Juan Valverde. Madrid: Editorial Trotta, 2002. p. 81.

¹⁶⁶ IGREJA CATÓLICA, Papa – *Carta Encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco: Sobre o Cuidado da casa Comum*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015. nº 220.

¹⁶⁷ BOFF, Leonardo – *El cuidado esencial: Ética de lo humano, compasión por la Tierra*. Tradução Juan Valverde. Madrid: Editorial Trotta, 2002. p. 24.

2.6 Ética do cuidado: Solidariedade, Responsabilidade e Compaixão

Toda a antropologia desemboca numa ética, isto é, para um agir orientado pelos pressupostos que determinada visão encerra acerca do homem, quanto ao sentido e lugar no mundo.

A ética que propomos sinalizar parte do cuidado como dimensão ontológico-existencial do ser humano. Como vimos anteriormente, o cuidado surge como aquela característica fundamental que confere ao homem um estatuto de administrador dos bens criados e um modo essencial de ser no mundo, isto é, pelo facto de ser humano possui as capacidades necessárias para pensar, sentir e entrar em comunhão com as coisas e de coexistir com elas.

O paradigma ético que tem como base o cuidado deverá ter em conta as relações fundamentais inscritas na essência humana: o outro e a natureza. No contexto da ecologia, que «*estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem*»¹⁶⁸, um paradigma ético ao seu serviço é imprescindível, no sentido de evidenciar as relações a que o ser humano é chamado a manter com as coisas sem que coloque em causa a sustentabilidade da vida, que se alicerça na inter-relação, preservação, desenvolvimento e continuidade.

O estado de um determinado meio ambiental está profundamente ligado ao sentido e lugar que o homem dá a si mesmo e ao meio onde se insere. Neste sentido, na crise ecológica atual está intimamente ligada uma degradação humana e ética¹⁶⁹.

Torna-se necessário, portanto, desenvolver uma ética que procure relações mais harmoniosas e equilibradas entre o homem-homem e homem-natureza, para o presente e para futuro, e isso só será possível mediante uma redefinição do ser humano a partir da dimensão do cuidado. «*Uma nova ética pressupõe uma ótica nova*»¹⁷⁰.

A ética do cuidado, nesta ótica, permitirá uma nova convivência entre os seres humanos e a natureza, a partir da emergência da natureza profunda do homem.

¹⁶⁸ IGREJA CATÓLICA, Papa – *Carta Encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco: Sobre o Cuidado da casa Comum*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015. nº 138.

¹⁶⁹ *Ibidem*, nº 56.

¹⁷⁰ BOFF, Leonardo – *El cuidado esencial: Ética de lo humano, compasión por la Tierra*. Tradução Juan Valverde. Madrid: Editorial Trotta, 2002. p. 26.

A palavra ética vem do grego *ethos*¹⁷¹, que pode significar tanto a toca do animal ou a casa humana. O que o homem faz em relação à sua casa, o planeta terra, é, portanto, a essência da ética.

Assim sendo, refere-se ao «conjunto de valores, princípios e atitudes (as várias morais) que conformarão o habitat comum e a nova sociedade nascente»¹⁷².

Os valores que dão corpo à ética do cuidado são a solidariedade, a responsabilidade e a compaixão. A solidariedade parte do reconhecimento da interdependência das coisas e do valor inerente a elas. Vivemos num equilíbrio delicado e frágil. Somente com o auxílio dos outros podemos construir uma existência virtuosa e permitir que o planeta continue a ser um lugar habitável, em que todos se sintam parte dela, para os de agora e para os que virão¹⁷³. A solidariedade não se resume ao presente, é geracional, isto é, a preocupação em garantir a continuidade da vida para os que ainda não vieram a este mundo¹⁷⁴. Desta consciência nasce a responsabilidade, que não é mais que a resposta afirmativa ao outro com quem estamos, no presente e no futuro, em diálogo. O homem sente-se implicado face à existência do outro e, por isso, cuida, zela, potencia, desenvolve as condições necessárias para que a sua existência e a do outro sejam possíveis e duradouras. «É a responsabilidade que faz um ser ético»¹⁷⁵. O homem tem o poder, eis a sua peculiar dignidade, de agir como o herdeiro responsável do Criador ou, pelo contrário, de agir como o administrador irresponsável, levando tudo à destruição e devastação. De qualquer das formas, o seu destino está intimamente unido ao destino do planeta.

Por último, a compaixão. A palavra tem a sua origem etimológica do termo grego *pathos*, que significa sentimento, paixão, afeto. É a condição de possibilidade da solidariedade e da responsabilidade. É o sentimento que nos une a tudo e a todos e «configura a estrutura básica da existência enquanto ser no mundo junto com os outros em permanente inter-relacionamento»¹⁷⁶.

¹⁷¹ *Ibidem*, p. 27.

¹⁷² *Ibidem*, p. 35.

¹⁷³ IGREJA CATÓLICA, Papa – *Carta Encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco: Sobre o Cuidado da casa Comum*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015. n.º 159.

¹⁷⁴ BOFF, Leonardo – *Ética da vida: a nova centralidade*. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 38.

¹⁷⁵ *Ibidem*, p. 36.

¹⁷⁶ *Ibidem*, p. 63.

A compaixão consitui o núcleo da ética do cuidado, pois abre-nos ao outro, principalmente ao pobre e oprimido, daquele cuja existência se encontra ameaçada e desprovida da sua dignidade. A compaixão torna o homem solidário e responsável.

Em suma, a ética do cuidado pressupõe uma nova convivência do ser humano consigo mesmo e com os demais seres, a partir da emergência do cuidado como modo de ser essencial.

2.6.1 Ética do cuidado : Imperativos éticos

Os imperativos éticos constituem normas de comportamento que regulam a ação do homem dentro dos princípios estabelecidos por uma determinada ética. Assim sendo, no que concerne ao nosso caso, em que buscamos fundamentar uma ética do cuidado, que se alicerça nos princípios da solidariedade, responsabilidade e compaixão, pelo homem e a natureza, apontamos os seguintes, tendo em conta os princípios referidos:

«Aja de modo que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a terra, ou, expresso negativamente: Aja de modo que os efeitos da tua ação não sejam destrutivos para a possibilidade futura de uma tal vida»¹⁷⁷.

Os princípios norteadores deste imperativo ético, formulado de forma positiva e negativa, são a solidariedade geracional e a responsabilidade, isto é, a preocupação com as gerações futuras e a responsabilidade de deixar um mundo habitável para quem nos vai suceder. Na linha da teologia da criação, só poderá ser um mundo bom, fértil, rico na diversidade, em que todas as formas de vida tenham possibilidade de existência.

Hans Jonas, no *Princípio da Responsabilidade*, obra-mestra da ética da responsabilidade, refere que uma ética deste tipo supera a ética tradicional, quanto ao mote de relações, ao tempo e espaço onde se inserem. A ética tradicional possuía uma matriz antropocêntrica, ou seja, dizia respeito ao relacionamento direto do homem com o homem, inclusive o de cada homem consigo mesmo¹⁷⁸. O seu âmbito residia na imediatidade das relações dentro da esfera da cidade, isto é, do locus da interação humana: *«A ética tinha a ver com o aqui e agora, com as ocasiões que se apresentavam ao homem, com as situações recorrentes e típicas da vida privada e pública»¹⁷⁹.*

As antigas prescrições éticas, que todos conhecemos e seguem como sendo referências do agir humano, muitas delas oriundas da cultura judeo-cristã, estão confinadas à esfera mais próxima da interação humana. Em cada ação encontramos um efeito previsível, vivenciado no presente.

A essência da ética tradicional é o homem. A natureza como horizonte de responsabilidade humana e de significação ética não se colocava em questão, porque as relações que mantinha com ela não provocavam alterações profundas à sua apresentação e

¹⁷⁷ JONAS, Hans – *O Princípio da Responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Tradução Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2006. p. 48.

¹⁷⁸ *Ibidem*, p. 35.

¹⁷⁹ *Ibidem*, p. 36.

integridade. A natureza era tida como uma força incontrollável, estável, autónoma, misteriosa, por isso, fora do âmbito da compreensão e ação humana. O contacto do homem com a natureza situava-se no domínio da necessidade.

Com o desenvolvimento da técnica, isto é, a capacidade de domínio e transformação da realidade¹⁸⁰, esforço e fim humano¹⁸¹, alterou profundamente o quadro de relações do homem. Este percebeu que tinha poder sobre a natureza e, por isso, tornou-a vulnerável, manipulável. O véu sobre a natureza foi desmitificado e submeteu-se à vontade e habilidade humana.

A vulnerabilidade da natureza foi presentida antes que ela se desse a conhecer pelos danos causados pela intervenção humana¹⁸². Essa descoberta levou ao surgimento da ciência do meio ambiente, a ecologia, termo criado em 1866 por Ernst Haeckel, um biólogo alemão, que consiste no «*estudo do inter-relacionamento de todos os sistemas vivos e não vivos entre si e com o seu meio ambiente*»¹⁸³. Na etimologia da palavra ecologia encontramos a sua subdivisão em duas, de origem grega: *oikós*, que significa casa, habitat; *lógos*, que significa estudo, pensamento.

O estudo das coisas naturais subentende não somente as inter-relações, mas as ações e efeitos nos intervenientes. Neste sentido, torna-se objeto de interesse ético, porque entra na esfera do agir humano.

Assim sendo, «*a natureza como responsabilidade humana é seguramente um novum sobre o qual uma nova teoria ética deve ser pensada*»¹⁸⁴. Ao contrário da ética anterior, que continua válida porque se refere às relações estritamente humanas, esta amplia a responsabilidade humana no cuidado da natureza. Todavia, enquanto que a ética tradicional se focava num presente comum, a ética do cuidado considera a condição global da vida humana, o futuro distante, inclusive a existência da espécie¹⁸⁵. Isso implica desenvolver um conceito de bem humano que inclua o bem das coisas extra-humanas, porque estão intimamente

¹⁸⁰ BOFF, Leonardo – *El cuidado esencial: Ética de lo humano, compasión por la Tierra*. Tradução Juan Valverde. Madrid: Editorial Trotta, 2002. p. 76.

¹⁸¹ JONAS, Hans – *O Princípio da Responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Tradução Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2006. p. 43.

¹⁸² *Ibidem*, p. 39.

¹⁸³ BOFF, Leonardo – *Ética da vida: a nova centralidade*. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 11.

¹⁸⁴ JONAS, Hans – *O Princípio da Responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Tradução Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2006. p. 39.

¹⁸⁵ *Ibidem*, 41.

ligados. A ética do cuidado também aponta para o futuro indeterminado, acessível pela imaginação, em que projeta o homem do futuro e as condições do planeta. O que ainda foi experimentado torna-se tangível: «Portanto, o malum imaginado deve aqui assumir o papel do malum experimentado»¹⁸⁶. Este elemento afecta a disposição e a atitude ética para o cuidado.

Por último, apontamos outro imperativo para a ética do cuidado:

*«Bom é tudo o que conserva e promove todos os seres em seu equilíbrio dinâmico, especialmente os vivos e, dentre os vivos, os mais fracos e ameaçados; mau é tudo o que prejudica e faz desaparecer os seres ou destrói as condições de sua reprodução e desenvolvimento»*¹⁸⁷.

Neste imperativo emerge a solidariedade e a compaixão como valores ecológicos. Enquanto que em Hans Jonas, o agir está orientado para a responsabilidade com as gerações humanas futuras, ainda que em relação com o extra-humano, este imperativo orienta-se para a responsabilidade com a natureza, por um lado, pela preservação e cuidado, por outro, pela recuperação da essência das coisas, que não são meros objetos. Possuem uma existência e valor autónomo.

O que está em causa é a ação sobre si e o meio ambiente, e como estas estão relacionadas para a preservação, desenvolvimento e continuidade do homem e da natureza. Daqui surge o sentido humano da ecologia, pelo resgate do cuidado como dimensão ontológico-existencial do homem.

A ética do cuidado, como doutrina do agir, sustenta-se numa doutrina do existir, ou seja, numa ontologia, porque expressa em comportamentos, valores e atitudes uma dimensão essencial da condição humana: o cuidado. Em última instância, situa o homem em termos bíblicos: como com-criador, mediante o trabalho, enquanto realidade puramente humana, e o cuidado, enquanto *focus* da responsabilidade pela criação.

¹⁸⁶ *Ibidem*, p. 73.

¹⁸⁷ BOFF, Leonardo – *Ética da vida: a nova centralidade*. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 188.

2.7 Textos da SE na UL 4: *Ecologia e Valores*

No programa de Educação Moral e Religiosa Católica¹⁸⁸, para esta unidade curricular, encontramos duas perícopes de suporte didático, a saber:

- Salmo 8, 4-7;
- Daniel 3, 57-82

Intentaremos, então, analisar estas perícopes no sentido de aferir se estão bem sinalizadas para esta unidade curricular.

2.7.1 Salmo 8, 4-7

No contexto geral do livro, o salmo 8 pertence à categoria literária do hino. Este tipo de salmo possui, normalmente, três partes: a introdução, em que *«geralmente menciona a intenção de louvar ou de bendizer Iahweh, ou convida outro para fazê-lo»*¹⁸⁹; o corpo que *«dá a razões para louvar a Deus»*¹⁹⁰ e a conclusão, que *«pode reiterar a linguagem ou pensamento da introdução ou conter um desejo ou uma bênção»*¹⁹¹.

O salmo, em estudo, divide-se em duas partes¹⁹²:

- vv 2-3 = primeira parte
- vv 4-9 = segunda parte

A primeira parte proclama a glória divina e a segunda enaltece a humanidade como coroa da criação. Trata-se de *«um hino de louvor a Iahweh como criador com algumas conexões com Gn 1»*¹⁹³, pois o *«o leitor atual o lê e reza conhecendo já o começo do Gênesis»*¹⁹⁴.

¹⁸⁸ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Moscavide, 2014.

¹⁸⁹ KSELMAN, John; BARRÉ, Michael L. – “Salmos” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 1032.

¹⁹⁰ *Ibidem*.

¹⁹¹ *Ibidem*.

¹⁹² JÜNGLING, Hans-Winfried – “Salmos 1-41” in *Comentário Bíblico Internacional* (dir. William F. Farmer); Editorial Verbo Divino, Pamplona, 1999, p. 720.

¹⁹³ KSELMAN, John; BARRÉ, Michael L. – “Salmos” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 1038.

¹⁹⁴ SCHÖKEL, Luís Alonso; CARNITI, Cecília – *Salmos I (Salmos 1-72)*. Tradução João Rezende Costa. S. Paulo: Paulus, 1996. p. 203.

O salmo inicia com uma *inclusio*, isto é, um estilo literário em que há a repetição da mesma linguagem no início e no fim duma secção textual.

A primeira parte dá-se com a proclamação da glória e majestade divina (v. 2-3). Deus é louvado «*com um horizonte ilimitado, toda a terra*»¹⁹⁵. O nome de Deus é «*o portador da realidade divina*»¹⁹⁶. O homem louva a Deus mediante a «*boca das crianças*» (v. 3). Esta forma alude à atitude infantil que livra o homem «*da rebeldia mesquinha e vingativa, porque lhe ensina a aceitar o mundo e o seu posto nele*»¹⁹⁷.

A interrogação (v. 5) contém uma dupla abordagem: a primeira define o homem na relação com Deus, aludido anteriormente: «*pode ser um Prometeu rebelde, e pode ser um infante que louva a Deus*»¹⁹⁸; a segunda, «*o poeta contrasta a majestade divina com a insignificância humana*»¹⁹⁹. A condição humana é descrita nos versículos seguintes (v.6-9), e «*segue imediatamente a referência ao conselho divino, exatamente como acontece em Gn 1, 26*»²⁰⁰. Os atributos divinos (v. 6) associados ao homem são como um cerimonial de investidura: «*primeiro o lugar atribuído na ordem dos seres, depois a coroação, pela qual é constituído chefe, finalmente se lhe põe um escabelo debaixo dos pés*»²⁰¹. O homem é colocado no cume da criação, estabelecendo domínio sobre todas as criaturas (v. 7-9).

O salmo termina como começou. O salmo, portanto, «*não é um hino ao homem, mas um hino a Deus através do homem*»²⁰².

¹⁹⁵ *Ibidem*, p. 201.

¹⁹⁶ KSELMAN, John; BARRÉ, Michael L. – “Salmos” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 1038.

¹⁹⁷ SCHÖKEL, Luís Alonso; CARNITI, Cecília – *Salmos I (Salmos 1-72)*. Tradução João Rezende Costa. S. Paulo: Paulus, 1996. p. 201.

¹⁹⁸ *Ibidem*.

¹⁹⁹ KSELMAN, John; BARRÉ, Michael L. – “Salmos” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 1038.

²⁰⁰ *Ibidem*, p. 1039.

²⁰¹ SCHÖKEL, Luís Alonso; CARNITI, Cecília – *Salmos I (Salmos 1-72)*. Tradução João Rezende Costa. S. Paulo: Paulus, 1996. p. 203.

²⁰² SCHÖKEL, Luís Alonso; CARNITI, Cecília – *Salmos I (Salmos 1-72)*. Tradução João Rezende Costa. S. Paulo: Paulus, 1996. p. 198.

2.7.2 Daniel 3, 57-82

Esta perícope, normalmente intitulada por *Cântico dos Três Jovens*, é um hino de louvor e fidelidade no meio da perseguição e idolatria sob domínio estrangeiro.

O marco histórico do livro «é fictício e é definido mais de quatro séculos antes, nos começos do séc. VI a.C. durante a conquista de Israel pelo rei da Babilônia Nabucodonosor»²⁰³.

A estrutura do livro é a seguinte²⁰⁴:

- Dn 1-6 = histórias de Daniel e seus companheiros na corte babilônica;
- Dn 7-12 = Visões de Daniel dos impérios humanos.

No livro estão presentes dois géneros literários: o género hagádico, que corresponde à primeira divisão, e o género apocalíptico, na segunda divisão. O género hagádico, «recebe seu nome do hebraico mishnaico, *hagadá literalmente, narrativa ou composição*»²⁰⁵, pertence a um género tradicional de literatura didática e educativa, com o objetivo de inculcar esperança e fé nos judeus perseguidos no momento presente, através do exemplo edificante dos seus antepassados. Depois, temos o género apocalíptico, «com um herói caracterizado pela sabedoria mântica (adivinhatória)»²⁰⁶. Esta parte possui caráter histórico, na medida em que é possível definir o seu contexto histórico: a perseguição impulsionada por Antíoco Epífanes entre 167-164 a.C. Provavelmente, foi neste período que foi redigido o livro.

Ao profeta Daniel, figura principal do livro, é atribuída, normalmente, a sua autoria.

O hino de louvor em análise pertence ao primeiro género literário. No contexto da divisão no livro, este surge no terceiro capítulo, na secção temática: Adoração da estátua de Ouro²⁰⁷ (Dn 3). Neste capítulo, assistimos à imposição da idolatria a judeus fiéis à Lei. A sua negação espontânea e a afirmação da fidelidade e fé ao Deus Verdadeiro vão conduzi-los à fornalha ardente. Os três judeus afirmam a sua fé e fidelidade ao Deus de Israel, que ouve os pecados cometidos e atende com misericórdia as suas súplicas, descritos no hino anterior de

²⁰³ RAVASI, Gianfranco – *Los Profetas*. Tradução Pio Suárez Benítez. Colômbia: Ediciones Paulinas, 1989. p. 234.

²⁰⁴ HARTMAN, Louis F.; DI LELLA, Alexander A. – “Daniel” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 808.

²⁰⁵ *Ibidem*, p. 810.

²⁰⁶ LACOQUE, André – “Daniel” in *Comentário Bíblico Internacional: Antigo Testamento* (dir. William F. Farmer); Editorial Verbo Divino, Pamplona, 1999, p. 991.

²⁰⁷ ORDEM DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS – *Bíblia Sagrada*. 5º ed. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2008.

Azarias (v. 24-49), protegendo-os «dos perigos contando que eles permaneçam fiéis a Ele»²⁰⁸.

Portanto, este hino de louvor alude, por um lado, ao reconhecimento da soberania divina sobre a criação, incluindo os poderes humanos, por outro, ao sentimento de profunda confiança em Deus, sentimento necessário a quem tinha de enfrentar a amargura e a provas das perseguições, intensas, sobretudo, «na grande epopeia da revolução dos Macabeus contra o poder sírio de Antíoco Epifanes»²⁰⁹, que exercia uma feroz perseguição aos judeus e impunha, sob pena de morte, a idolatria.

2.7.3 Textos alternativos ao dos Programa de E.M.R.C

A ecologia é o estudo das relações que os seres vivos mantêm entre si e o meio ambiente onde se desenvolvem. No que toca ao ser humano, será oportuno «propor uma ecologia que, nas suas várias dimensões, integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade que o rodeia»²¹⁰.

Neste sentido, é nossa convicção que estes textos bíblicos (recursos didáticos) são insuficientes para fundamentar um sentido humano da ecologia. Apresentam, é certo, uma leitura religiosa da pessoa, contudo, não apontam para o cuidado como chave hermenêutica do homem para com a criação.

Por isso, recomendamos como textos de suporte a esta unidade letiva as narrativas da criação (Gn 1-2), desenvolvidas no 1º capítulo do relatório, porque oferecem as respostas essenciais para a fundamentação do sentido humano da ecologia.

No ponto seguinte, iremos propor um desenho curricular para esta unidade letiva, a partir da conversão em objetivos e conteúdos deste referencial teórico e a sua articulação com o programa prescrito da disciplina. A finalidade é potenciar e ampliar a reflexão desta temática, sobretudo com o desenvolvimento das interrogações existenciais do ser humano a partir da mundividência cristã que, como já vimos, oferece-nos respostas úteis para o estudo da ecologia.

²⁰⁸ HARTMAN, Louis F.; DI LELLA, Alexander A. – “Daniel” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 817.

²⁰⁹ RAVASI, Gianfranco – *Los Profetas*. Tradução Pio Suárez Benítez. Colômbia: Ediciones Paulinas, 1989. p. 234.

²¹⁰ IGREJA CATÓLICA, Papa – *Carta Encíclica Laudato Si’ do Santo Padre Francisco: Sobre o Cuidado da casa Comum*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015. nº 15.

Os textos de Gn 1-2 que propomos como base para o estudo desta unidade letiva surgem como recursos didáticos, em detrimento dos do programa prescrito, mas também como conteúdos. No quadro que se segue, está uma proposta de organização curricular da unidade letiva. As metas curriculares permanecem as mesmas do programa, sendo alvo de reformulação, substituição e inserção os objetivos e conteúdos da UL. Para uma análise comparativa com o programa da disciplina, ver o desenho curricular prescrito no capítulo IV deste relatório, relativo à organização e gestão do processo de ensino-aprendizagem.

2.7.4 Desenho curricular para a UL 4: Ecologia e Valores

Unidade Letiva: ECOLOGIA E VALORES		
<i>Metas curriculares</i>	<i>Objetivos</i>	<i>Conteúdos</i>
1. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Reconhecer na dignidade humana a sua relação com a totalidade da criação enquanto dádiva de Deus.	1. A ecologia como reflexão acerca da casa de todos os seres humanos, dádiva de Deus. 1. As narrativas da criação (Génesis) querem explicar como é o mundo e o que deve o homem fazer nele. 1. O mundo é a nossa casa. 1. O sentido da existência humana: cultivar (com-criação) e guardar (sujeito de responsabilidade) de o jardim (mundo). 1. O ser humano é o cume de toda a natureza. É a obra-prima de Deus a quem foi confiado o cuidado de todas as outras realidades.
2. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	2. Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza.	2. A destruição do ambiente vital onde habitamos: o esgotamento

		<p>dos recursos naturais, a desertificação, a extinção dos habitats e das espécies, a poluição, o aumento da temperatura média global, o «buraco» na camada do ozono.</p> <p>2. Razões que conduzem ao comportamento destrutivo: o egoísmo; o desenvolvimento direcionado para o lucro e não para o bem-estar global; a vontade de obter condições de bem-estar no imediato sem prevenir as consequências negativas a médio ou longo prazo; a subordinação da política à economia.</p>
3. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.	<p>3. Conhecer a perspetiva religiosa sobre a natureza como local de encontro com Deus.</p> <p>3. Reconhecer o contributo do cristianismo no cuidado da natureza.</p>	<p>3. O “criado” nas várias tradições religiosas;</p> <p>3. A natureza existe em função do ser humano, mas tem também autonomia que deriva de ter sido criada por Deus e por ele amada.</p> <p>3. O exemplo universal de S. Francisco de Assis.</p>
4. Amadurecer a sua	4. Organizar um universo	Ética do Cuidado -

<p>responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p>	<p>de valores orientados para o sentido humano da ecologia.</p> <p>4. Conhecer organismos e instituições de defesa da natureza.</p>	<p>Responsabilidade, Solidariedade e Compaixão: a responsabilidade do ser humano em relação a toda a natureza; a responsabilidade em relação às gerações vindouras; o sentimento de religião com o Todo.</p> <p>4. Imperativos éticos da Ética do Cuidado.</p> <p>4. Instituições de defesa da natureza: objetivos e atuações.</p>
---	---	--

Capítulo III – Análise da UL 4: Ecologia e Valores

Neste capítulo, analisaremos a unidade letiva tendo como objetivo aferir a sua base confessional que caracteriza a disciplina de EMRC e a sua inserção na área de Formação Pessoal e Social, a partir do referencial teórico de Pedro d’Orey da Cunha.

3.1 Alternativa à Educação Moral e Religiosa?

Pedro d’Orey da Cunha²¹¹ coloca como objeto de análise a introdução de uma disciplina alternativa à Educação Moral e Religiosa no sistema educativo. A sua reflexão desenvolve-se, sobretudo, a partir de dois eixos fundamentais: o primeiro, refere-se ao princípio organizativo do sistema educativo de «assegurar a formação moral e cívica dos jovens»²¹², contemplada na Lei de Bases do Sistema Educativo, o segundo, pela criação da Área de Formação Pessoal e Social²¹³.

A necessidade de uma alternativa tornou-se evidente com a criação da Área de Formação Pessoal e Social uma vez que, até ao momento, a formação moral estava, exclusivamente, a cargo da Educação Moral e Religiosa, uma disciplina de frequência facultativa.

Assim sendo, o grande desafio a que Pedro d’Orey da Cunha se propõe é de fundamentar um modelo em alternativa à Educação Moral e Religiosa, que respeite os princípios fundamentais de um Estado democrático, como os princípios da Liberdade Religiosa, da Igualdade e da Não-Programação Ideológica, bem como outros princípios de natureza científica e pedagógica.

As grandes interrogações transversais a toda esta problemática, desenvolvidas neste artigo, podem ser formuladas nos seguintes termos: Como pode uma disciplina aconfessional, porque “patrocinada” pelo Estado, constituir-se como alternativa a uma disciplina confessional e de frequência facultativa? Em que sentido é que as disciplinas de Desenvolvimento Pessoal e Social e Educação Moral e Religião são alternativas uma da outra?

²¹¹ CUNHA, Pedro d’Orey – *Educação em debate*. 1º ed. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 1997.

²¹² Assembleia da República (1986). *Lei de Bases do Sistema Educativo*. Acedido em 07/07/2020, em: https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/34444975/view?p_p_state=maximized.

²¹³ Ministério da Educação (1989). *Decreto-Lei n.º 286/89*. Acedido em 07/07/2020, em: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/618310/details/normal?jp=true%2Fen>.

A primeira interrogação está na base de algumas dúvidas e objeções levantadas pelos professores Barbosa de Melo e Bártolo Paiva Campo ao estatuto de alternativa, relativo aos princípios da Liberdade Religiosa, da Igualdade e da Não-Programação Ideológica.

No princípio da Liberdade Religiosa, o Professor Barbosa de Melo afirma que apresentar uma alternativa no mesmo regime da Educação Moral e Religiosa, seria o mesmo que *«equiparar uma religião aquilo que confessamente não o é»*²¹⁴ e, como consequência, retirava o valor e seriedade da disciplina, colocando em causa o respeito pelo princípio da liberdade religiosa. Por outro lado, a ser de frequência obrigatória, como defende, numa disciplina deste tipo, *«devem ser veiculados universalmente aceites, e aqueles que constituem a matriz cultural portuguesa»*²¹⁵.

Para Pedro d'Orey da Cunha, as posições assumidas pelo professor contêm algumas imprecisões, na medida em que apresentar uma alternativa não é o mesmo que comparar, simplesmente surge como uma opção curricular. Todavia, o próprio assume que a violação do princípio da liberdade religiosa pode acontecer ao nível das organizações escolares, muitas vezes motivadas por ideologias e sensibilidades contra a religião e ao catolicismo, em que se mobilizam para pressionar os alunos a escolherem a/uma alternativa não religiosa.

Igualmente, no caso de a disciplina ser de frequência obrigatória, em que veicula valores universalmente aceites, grande parte deles originários da religião e moral católica, embora transmitidos *«à luz, não só da razão, mas também da fé»*²¹⁶ pela Educação Moral e Religiosa, o grande perigo deste regime seria o conflito de interesses. Assistir-se-ia, então, à violação do princípio da liberdade religiosa pela minimização do valor e seriedade da Educação Moral e Religiosa, com os alunos a terem de repetir os mesmos conteúdos nas duas disciplinas. Pelo carácter facultativo e com a desvalorização na tarefa de educar para os valores, a opção pela disciplina de Educação Moral e Religiosa estaria em causa.

Assim sendo, Pedro d'Orey da Cunha defende que deve ser apresentada a disciplina de Formação Pessoal e Social como alternativa, porque salvaguarda o Princípio da Liberdade Religiosa e a missão da educação para os valores da Educação Moral e Religiosa.

No Princípio da Igualdade, parte da posição de Barbosa de Melo de que a nova disciplina educa para os valores, aconfessionais. Assim, deve ser obrigatória para todos porque não está refém de uma nenhuma crença ou religião. A sua posição teve influência,

²¹⁴ CUNHA, Pedro d'Orey – *Educação em debate*. 1º ed. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 1997.

²¹⁵ *Ibidem*.

²¹⁶ *Ibidem*.

entretanto, no caráter obrigatório da frequência de Educação Cívica no 3º ciclo do ensino básico.

Pedro d'Orey da Cunha alerta e recorda que nas origens desta disciplina está a intenção de controlar mentalidades mediante a transmissão de uma moral laica ou estatal. Ela remonta à 1ª República, em que o Estado queria propagar uma moral laica com o intuito de eliminar, gradualmente, a moral católica, tida como a causa do atraso português. Esse esclarecimento, como diziam, continuou parcialmente no Estado Novo, com a instrumentalização da moral católica para determinados fins e a imposição de um conjunto de valores transmitidos pela educação e estruturas de propaganda do regime. O objetivo consistia em veicular conteúdos dos quais a Igreja não teria, por imposição ou por ser considerada inapta, competência para tratar, afastando e privando-a da esfera social. Logo, a disciplina de Educação Cívica seria imposta a todos porque a moral católica era limitada e porque era dever do Estado proporcionar uma educação integral.

Além disso, outra posição, mais recente, subsiste no método: «*a disciplina de Educação Moral e Religiosa transmite valores, o que, de algum modo significa, que impõe valores*»²¹⁷, em contraposição à ideia de que a nova disciplina, «*desligada de qualquer obediência confessional, irá permitir, através do debate organizado e informação livre que os alunos construam os seu valores, que os clarifiquem, que os assumam consciente e livremente*»²¹⁸. Portanto, ninguém deve ficar isento desta formação esclarecida.

Para Pedro d'Orey da Cunha, em qualquer dos argumentos, está presente o perigo da ideia de um Estado que programa ou intervém na educação dos seus cidadãos. O princípio da Igualdade sujeita-se, então, à vontade e visão do Estado, em que procura oferecer uma solução para algo que considera limitado e imperfeito. Como consequência, pode colocar em causa o Princípio da Não-Programação Ideológica, salvaguardado na LBSE, no nº 3, artigo 2: «*O Estado não pode atribuir-se o direito de programar a educação e a cultura segundo quaisquer diretrizes filosóficas, estéticas, políticas, ideológicas ou religiosas*»²¹⁹.

Incluir alternativas, como a Educação Moral e Religiosa, e mobilizar e consciencializar as Associações de Pais e do Conselho da Escola para a contínua vigilância, são formas a impedir ou corrigir possíveis atropelos à liberdade de consciência e à herança familiar.

²¹⁷ *Ibidem*.

²¹⁸ *Ibidem*.

²¹⁹ Assembleia da República (1986). *Lei de Bases do Sistema Educativo*. Acedido em 07/072020, em: https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/34444975/view?p_p_state=maximized.

Assim sendo, o estatuto de alternativa da nova disciplina, o Desenvolvimento Pessoal e Social, é, para Pedro d'Orey da Cunha, a que oferece melhores garantias para uma problemática complexa, porque consegue assegurar o cumprimento “relativo” dos princípios constitucionais anteriormente mencionados.

Nos princípios da Autonomia Científica e da Harmonia Pedagógica está a resposta à segunda interrogação, a saber: Em que sentido é que as disciplinas de Educação Moral e Religiosa e de Desenvolvimentos Pessoal e Social são alternativas uma da outra?

No Princípio da Autonomia Científica, o argumento essencial para justificar a obrigatoriedade da nova disciplina no sistema educativo é que esta não pretende ser uma área de educação para os valores. Este argumento sustenta-se na dupla orientação que o professor Bártolo Paiva Campos concerne à área de Formação Pessoal e Social, determinada na Lei de Bases do Sistema Educativo: a primeira orienta-se para a educação para os valores, onde se inclui a Educação Moral e Religiosa; a segunda para o «*desenvolvimento da competência do sistema pessoal para a resolução criativa dos problemas da existência*»²²⁰. Esta segunda orientação seria o motor da nova disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social e, por isso, deve ser obrigatória para todos porque não entra em conflito com a Educação Moral e Religiosa.

Pedro d'Orey da Cunha duvida da interpretação que o professor faz do nº 2, artigo 47 da Lei de Bases do Sistema Educativo, porque, por um lado, não faz sentido colocar-se a questão da alternativa, por outro, reduz-se a disciplina a uma «educação psicológica ou terapêutica», aquém dos valores. Por isso, entende que não concretiza o princípio de «*assegurar a formação moral e cívica dos jovens*»²²¹.

Uma disciplina que seja alternativa à Educação Moral e Religiosa tem de promover igualmente uma autêntica educação para os valores, com a mesma função formativa e base científica, embora na Educação Moral e Religiosa tenha a Teologia e áreas afins como um referencial fundamental, se não, por um lado, não seria confessional, por outro, não haveria um racional diferenciador, seria uma mera duplicação curricular.

Nestes termos, é plausível e justificado o estatuto de alternativa porque as duas disciplinas concorrem para a formação moral e cívica dos jovens.

²²⁰ CUNHA, Pedro d'Orey – *Educação em debate*. 1º ed. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 1997.

²²¹ Assembleia da República (1986). *Lei de Bases do Sistema Educativo*. Acedido em 07/072020, em: https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/34444975/view?p_p_state=maximized.

No Princípio da Harmonia Pedagógica, refere-se aos potenciais conflitos pedagógicos derivados do estatuto de alternativa nas organizações escolares. A disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social foi projetada para se concretizar no contexto global da turma, com o diretor de turma a encarregar-se de dirigi-la com o auxílio de outros professores. Como se apresenta de frequência opcional, pode originar alguns problemas éticos e pedagógicos como a marginalização dos alunos que escolheram a opção de Educação Moral e Religiosa, vendo-se privados de aspetos importantes da vida da turma e da escola. O grande erro de tentar contornar este problema seria a formação de turmas com base na escolha de Desenvolvimento Pessoal e Social e Educação Moral e Religiosa, porque pode potencializar uma rotulação de alunos (proveniência, *status* social, divisão entre católicos e não-católicos). Em nenhum momento a opção por Educação Moral e Religiosa deve estar associada a outra consequência pedagógica. Neste caso, «*uma tal formação de turmas com base na opção de DPS e EMR constituiria um autêntico problema ético e pedagógico*»²²². Por último, o estatuto de alternativa pode constituir-se como um meio favorável para veicular ideias pouco dóceis à religião, sobretudo por professores e membros do conselho diretivo, através do favorecimento implícito daqueles que escolhem a via não religiosa, quer pela disponibilização da disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social em horários e salas apetecíveis, remetendo a disciplina de Educação Moral e Religiosa para tempos e espaços indesejáveis.

É um pensamento que está omnipresente nas consciências dos agentes educativos, principalmente nos professores de Educação Moral e Religiosa. Pedro d'Orey da Cunha apela ao sentido democrático e à via do respeito, cooperação e negociação das estruturas escolares.

Findo este debate, é possível dar uma resposta mais concreta e concisa às interrogações iniciais. Pedro d'Orey da Cunha afirma que a disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social só justifica o estatuto de alternativa se for orientada no sentido de uma educação para os valores. Na mesma medida, a disciplina de Educação Moral e Religiosa só justifica o estatuto de alternativa se for orientada para o desenvolvimento pessoal e social dos alunos, sem prejuízo da perspetiva religiosa.

²²² CUNHA, Pedro d'Orey – *Educação em debate*. 1º ed. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 1997.

3.1.1 Eixos de análise da Unidade Letiva para o Relatório da PES

A partir da reflexão de Pedro d'Orey da Cunha, podemos retirar dois eixos de análise para analisar criticamente a unidade letiva 4, do 8º ano de escolaridade, do programa de Educação Moral e Religiosa, *Ecologia e Valores*.

O primeiro eixo de análise situa-se:

- No âmbito da Educação Moral e Religiosa, isto é, a perspetiva religiosa é uma distinção que deve ser constante e nunca ficar diluída, pois é esse elemento que confere identidade à disciplina.

O segundo eixo de análise situa-se:

- No âmbito da Área de Formação Pessoal e Social, ou seja, o objetivo de educação moral de EMR deve ser concebido no contexto de autêntico desenvolvimento pessoal e social orientado para os valores.

3.2 Dispositivo de análise e instrumento de recolha de dados

O dispositivo de análise seguirá a metodologia quantitativa através da técnica de análise de conteúdo. Segundo Berelson, a análise de conteúdo é «*uma técnica de investigação que através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação dessas mesmas comunicações*»²²³.

Ela obedece a várias etapas de investigação²²⁴:

- a) «*Definição dos objetivos e do quadro de referência teórico*» (Pedro d'Orey da Cunha, *Alternativa à Educação Moral e Religiosa?* e eixos de análise);
- b) «*Constituição de um corpus*» (Programa de EMRC);
- c) «*Definição de Categorias*» (EMRC/FPS; EM/ER);
- d) «*Definição de unidades de análise*» (Objetivos e conteúdos do Programa);
- e) «*Quantificação*» (Frequências), para perceber tendências;
- f) «*Interpretação dos resultados obtidos*» desde aquelas tendências.

Para a análise desta unidade letiva foram respeitados todos estes procedimentos para que a interpretação dos resultados seja fiável e válida.

²²³ BARDIN, Laurence – *Análise de Conteúdo*. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002. p. 34.

²²⁴ CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela Malheiro – *Metodologia da investigação: guia para auto-aprendizagem*. 2ª ed. Lisboa: Universidade Aberta, 2008. p. 271-277.

3.3 Recolha de dados e sua interpretação

A partir do primeiro eixo de análise, foram estabelecidas duas categorias analíticas, a saber:

- EMRC, isto é, em quais objetivos e conteúdos está presente a perspectiva religiosa;
- FPS - Formação Pessoal e Social, isto é, ao que se refere a esta área específica.

Assim sendo, o respetivo quadro de análise:

Programa de Educação Moral e Religiosa Católica		
Objeto: 8º ano – UL 4: Ecologia e Valores		
Objeto de Análise	Indicadores	
Objetivos	EMRC	FPS
Reconhecer na dignidade humana a sua relação com a totalidade da criação enquanto dádiva de Deus.	X	
Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza.	X	X
Conhecer a perspectiva religiosa sobre a natureza como local de encontro com Deus.	X	
Reconhecer o contributo do cristianismo no cuidado da natureza.	X	X
Frequência Relativa	100%	50%
Frequência Comum	50%	
Conteúdos	EMRC	FPS
O mundo é a nossa casa.	X	X
A ecologia como reflexão acerca da casa de todos os seres humanos, dádiva de Deus.	X	
Tudo na natureza está interligado: a relação dos seres vivos entre si e a relação do ser humanos com outros seres vivos.	X	X
O ser humano é o cume de toda a natureza. É a obra-prima de Deus a quem foi confiado o cuidado de todas as realidades.	X	
A natureza existe em função da felicidade do ser humano, mas tem também autonomia que deriva de ter sido criada por Deus e por Ele amada.	X	
A destruição do ambiente vital onde todos habitamos:		X

- O esgotamento dos recursos naturais, a desertificação, a extinção dos habitats e das espécies, a poluição, o aumento da temperatura média global, o «buraco» na camada do ozono.		
Razões que conduzem ao comportamento destrutivo:		
- O egoísmo; o desenvolvimento direcionado para o lucro e não para o bem-estar no imediato sem prevenir consequências negativas a médio ou longo prazo; a subordinação da política à economia.	X	X
O “criado” nas várias tradições religiosas.	X	X
A experiência da gratidão em relação ao Deus que na criação se dá e tudo nos oferece.	X	
O reconhecimento da natureza como lugar permeado pela presença de Deus.	X	
A natureza como local de onde se pode fazer a experiência do encontro com Deus.	X	
A responsabilidade do ser humano em relação a toda a natureza: usar a natureza com equilíbrio e sem arbitrariedade e egoísmo.	X	X
A responsabilidade em relação às gerações vindouras.	X	X
Instituições de defesa da natureza: objetivos e atuações.		X
O exemplo de S. Francisco de Assis e a irmã Natureza.	X	X
Como viver com empenho pessoal o criar das condições de habitabilidade no mundo.	X	X
Frequência Relativa	87,5%	62,5%
Frequência Comum	50%	
TOTAL GLOBAL	90%	60%

Como é possível verificar no quadro, os objetivos e conteúdos da unidade letiva demonstram que a perspetiva religiosa é uma constante e não se encontra diluída. Conserva a identidade confessional da disciplina de EMRC, como comprovam os 90% do total global das unidades de análise.

Além disso, os 60 % da FPS, indicam que o tratamento da temática tem como fim a formação cívica e moral dos jovens.

A frequência comum apresentada nos objetivos e conteúdos da unidade letiva apontam para um equilíbrio tensional entre a identidade religiosa e a formação pessoal e social da disciplina. Neste sentido, a partir do desenho curricular, podemos concluir que este se enquadra nos pressupostos de Pedro d’Orey da Cunha, de que a EMR, por um lado, é uma

disciplina confessional, por outro, surge como alternativa a uma disciplina de formação pessoal e social.

A partir do segundo eixo de análise, foram introduzidas duas categorias, a saber:

- Educação Moral, ou seja, educação para os valores;
- Educação Religiosa.

Assim sendo, o respetivo quadro de análise:

Programa de Educação Moral e Religiosa Católica		
Objeto: 8º ano – UL 4: Ecologia e Valores		
Objeto de Análise	Indicadores	
Objetivos	Ed. Moral	Ed. Religiosa
Reconhecer na dignidade humana a sua relação com a totalidade da criação enquanto dádiva de Deus.		X
Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza.	X	
Conhecer a perspetiva religiosa sobre a natureza como local de encontro com Deus.		X
Reconhecer o contributo do cristianismo no cuidado da natureza.	X	X
Frequência Relativa	50%	75%
Frequência Comum	25%	
Conteúdos	Ed. Moral	Ed. Religiosa
O mundo é a nossa casa.	X	X
A ecologia como reflexão acerca da casa de todos os seres humanos, dádiva de Deus.		X
Tudo na natureza está interligado: a relação dos seres vivos entre si e a relação do ser humanos com outros seres vivos.	X	
O ser humano é o cume de toda a natureza. É a obra-prima de Deus a quem foi confiado o cuidado de todas as realidades.		X
A natureza existe em função da felicidade do ser humano, mas tem também autonomia que deriva de ter sido criada por Deus e por Ele amada.		X

A destruição do ambiente vital onde todos habitamos: - O esgotamento dos recursos naturais, a desertificação, a extinção dos habitats e das espécies, a poluição, o aumento da temperatura média global, o «buraco» na camada do ozono.	X	
Razões que conduzem ao comportamento destrutivo: - O egoísmo; o desenvolvimento direcionado para o lucro e não para o bem-estar no imediato sem prevenir consequências negativas a médio ou longo prazo; a subordinação da política à economia.	X	
O “criado” nas várias tradições religiosas.		X
A experiência da gratidão em relação ao Deus que na criação se dá e tudo nos oferece.		X
O reconhecimento da natureza como lugar permeado pela presença de Deus.		X
A natureza como local de onde se pode fazer a experiência do encontro com Deus.		X
A responsabilidade do ser humano em relação a toda a natureza: usar a natureza com equilíbrio e sem arbitrariedade e egoísmo.	X	
A responsabilidade em relação às gerações vindouras.	X	
Instituições de defesa da natureza: objetivos e atuações.	X	
O exemplo de S. Francisco de Assis e a irmã Natureza.		X
Como viver com empenho pessoal o criar das condições de habitabilidade no mundo.	X	
Frequência Relativa	50%	56,3%
Frequência Comum		6,3%
TOTAL GLOBAL	50%	60%

No quadro em análise, verificamos um certo equilíbrio entre a educação religiosa (60%) e a educação moral (50%) na unidade letiva. O que nos induz a afirmar, à semelhança da análise anterior, da confessionalidade da disciplina e da sua orientação para a educação para os valores.

Além disso, a frequência comum das unidades de análise é baixa, o que se pode explicar a partir do referencial teórico de Pedro d’Orey da Cunha.

A premissa de Pedro d’Orey da Cunha é de que a área de Formação Pessoal e Social é uma área orientada para os valores, que se serve de disciplinas científicas como a História, a

Antropologia, a Ética, a Psicologia e a Sociologia para a sua prossecução, embora na Educação Moral e Religiosa Católica a Teologia seja fulcral porque lhe confere identidade, existe a intenção de relacionar os conhecimentos dos vários ramos científicos e a preocupação em mobilizá-los para uma leitura alargada e tratamento holístico do fenómeno visado.

A função formativa da Educação Moral e Religiosa Católica tem em conta outros campos e saberes que extravasam o domínio da Teologia.

O grande perigo resultante é julgar que a Educação Moral Religiosa Católica é um espaço de formação estritamente religiosa, descurando a formação moral de base, sobretudo em componentes essenciais da Formação Pessoal e Social como a *«educação ecológica, a educação do consumidor, a educação familiar, a educação sexual, a prevenção de acidentes, a educação para a saúde, a educação para a participação nas instituições, serviços cívicos e outros do mesmo âmbito»*²²⁵.

A este respeito, a CEP, no contexto da distinção entre Catequese e EMRC, afirma que *«a EMRC insere-se nas suas finalidades, utiliza os seus métodos e tem uma especificidade própria: O que confere ao ensino religioso escolar a sua característica peculiar é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de se relacionar com os outros saberes»*²²⁶.

3.4 Conclusão

Finda esta análise, aprez-nos apontar dois princípios a reter como conclusão. O primeiro, de que a disciplina de Educação Moral e Religiosa conserva a sua confessionalidade nesta unidade letiva que esteve em análise. Respeita, de modo claro, um dos eixos do princípio de Pedro d'Orey da Cunha.

Um segundo princípio, referente à área de Formação Pessoal e Social, demonstra que a unidade letiva analisada orienta para uma educação para os valores.

Todavia, é importante referir a recomendação de Pedro d'Orey da Cunha relativa à Educação Moral e Religiosa Católica:

²²⁵ Ministério da Educação (1989). *Decreto-Lei n.º 286/89*. Acedido em 07/07/2020, em: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/618310/details/normal?jp=true%2Fen>.

²²⁶ CEP (2006) – *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*. Conferência Episcopal Portuguesa. Fátima. Acedido em 18/11/2020, em: <http://www.conferenciaepiscopal.pt/vl/educação-moral-e-religiosa-católica-um-valioso-contributo-para-a-formação-da-personalidade/>.

- *«Os Programas e práticas pedagógicas sejam revistos, tanto nos conteúdos específicos e aqueles inseridos na Área de Formação Pessoal e Social, como nos métodos, em vista a promover uma autêntica formação pessoal e social»²²⁷.*

A busca progressiva de melhores programas e práticas pedagógicas não-de ajudar a construir disposições favoráveis à disciplina no currículo escolar e a compreender que o seu lugar é pertinente, na medida em que contribui para assegurar a formação moral e cívica dos jovens e é uma alternativa válida e concreta a disciplinas orientadas para os valores.

²²⁷ CUNHA, Pedro d'Orey – *Educação em debate*. 1º ed. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 1997.

Capítulo IV – Processo ensino- aprendizagem

No capítulo que se segue, apresentaremos o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido ao longo do ano letivo de 2019/2020, no estágio de iniciação à prática profissional docente realizada no núcleo de estágio, no Colégio de Nossa Senhora de Lourdes, tendo como público-alvo a turma 8º B. Além disso, abordaremos e apresentaremos a relevância educativa da unidade letiva escolhida para a realização deste relatório, bem como as sequências das aulas, os recursos didáticos utilizados, os instrumentos e critérios de avaliação da disciplina de E.M.R.C e a atividade de enriquecimento curricular e de integração na comunidade educativa, no Plano Anual de Atividades (PAA).

4.1 Relevância educativa da UL 4: Ecologia e Valores

O tema da ecologia possui pertinência curricular para a escola e, principalmente, para a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Como vimos nos capítulos anteriores, o currículo *«é exatamente um serviço prestado à sociedade e é o serviço que justifica a existência da instituição escola»*²²⁸, na medida em que traduz as aprendizagens socialmente necessárias para a sua integração e desenvolvimento.

O estudo e tratamento desta unidade letiva visa a tomada de consciência sobre a ação desconcertante e desagregadora do ser humano no mundo atual e a busca de melhores e fecundas relações a ter com a natureza e, em última instância, com o homem, consigo mesmo e o outro. Isso implica, em primeiro lugar, descobrir o sentido humano da ecologia, isto é, o lugar do homem no mundo e qual o sentido da sua vida e das demais realidades existentes.

Como vimos anteriormente, a ecologia estuda as relações dos seres vivos entre si e o meio onde habitam. O ser humano, na sua peculiar dignidade, torna consciente a presença de uma interdependência vital que não pode ser completamente descurada ou desvirtuada. Para esta visão, converge todo o conhecimento das ciências naturais, bem como das sociais e humanas, que revelam que tudo está interligado, tanto na sua essência e construção, como na sua degradação e destruição. Depressa a ecologia deixou de ser objeto exclusivo de estudo das ciências naturais, termo originariamente criado neste âmbito, em 1866, pelo biólogo alemão Ernst Haeckel (1834-1866)²²⁹, para ser alvo da reflexão das ciências humanas. Esta perspectiva

²²⁸ ROLDÃO, Maria do Céu – “Conclusões”. *IV Fórum do Ensino Particular e Cooperativo*. Algarve. (1999) p. 83.

²²⁹ BOFF, Leonardo – *Ética da vida: a nova centralidade*. Rio de Janeiro: Record, 2009. p.11.

assenta na busca duma visão holística e integral do fenómeno que precisa de todo o conhecimento científico e humanístico disponível para ter aplicação real na vida humana: *«uma ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos põem em contacto com a essência do ser humano»*²³⁰.

Este alargamento de âmbito surgiu com a crise ecológica, que colocou à luz do entendimento humano a sua responsabilidade pelo estado atual das coisas, bem as consequências que se sentem à escala planetária e que afeta toda a vida, nas suas variadas formas e expressões. Porque a raiz humana da crise ecológica está no modo de entender a vida, o lugar e a ação do ser humano do mundo, o que exige *«pensar no bem comum e avançar no caminho de diálogo que requer paciência, ascese e generosidade, recordando sempre que a realidade é superior à ideia»*²³¹. Este diálogo deve ser fecundo e plural, possível e realizado ao nível científico, político, cultural, social, moral, ético, espiritual e religioso e, para o nosso caso, educativo, dimensões essas que envolvem a vida do ser humano.

Neste sentido, ao nível educativo, o tratamento desta temática foi contemplado na Lei de Bases do Sistema Educativo²³², que regula a educação em Portugal. O que significa que, para a sociedade, a educação ecológica insere-se no conjunto das aprendizagens tidas como necessárias para sua integração e desenvolvimento.

A educação ecológica insere-se na Formação Pessoal e Social e vem aplicar dois princípios organizativos da LBSE, no artigo 3:

- *«Contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhes um equilibrado desenvolvimento físico.»;*
- *«Assegurar a formação cívica e moral dos jovens.»*

Esta área de formação é descrita no artigo 50 da mesma lei: *«Os planos curriculares do ensino básico incluirão em todos os ciclos e de forma adequada uma área de formação pessoal e social, que pode ter como componentes a **educação ecológica**, a educação do consumidor, a educação familiar, a educação sexual, a prevenção de acidentes, a educação*

²³⁰ IGREJA CATÓLICA, Papa – *Carta Encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco: Sobre o Cuidado da casa Comum*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015. nº 11.

²³¹ *Ibidem*, nº 231.

²³² Assembleia da República (1986). *Lei de Bases do Sistema Educativo*. Acedido em 07/07/2020, em: https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/34444975/view?p_p_state=maximized.

para a saúde, a educação para a participação nas instituições, serviços cívicos e outros do mesmo âmbito.»

O Decreto-Lei nº 286/89²³³ cria a Disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social, para todos os alunos dos ensinos básico e secundário, permitindo aos alunos a opção, em alternativa, pela disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica ou de outras confissões, com obrigatoriedade da frequência de uma destas disciplinas. Estabelece ainda, para o 3º ciclo do ensino básico, incluído na área Escola, um programa de educação cívica para a participação nas instituições democráticas.

Deste modo, a disciplina de EMRC, constituindo-se como alternativa a uma possível disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social, pertence a esta área curricular, isto é, orientada para o desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania.

Em suma, a relevância educativa desta unidade letiva é subscrita, tanto pela LBSE e o decreto supramencionado, que confere à disciplina de EMRC as capacidades científicas, pedagógicas e didáticas para desenvolver estas aprendizagens no seu processo ensino-aprendizagem.

²³³ Ministério da Educação (1989). *Decreto-Lei n.º 286/89*. Acedido em 07/07/2020, em: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/618310/details/normal?jp=true%2Fen>.

4.2 Organização e gestão do processo de ensino-aprendizagem

No início do ano letivo foi redigido um documento em que constam as unidades curriculares que compõem o currículo para o 8º ano de escolaridade, quanto às metas, objetivos e conteúdos. Os mesmos encontram-se no programa de Educação Moral e Religiosa Católica²³⁴.

As unidades letivas foram distribuídas ao longo do calendário escolar, tendo em conta o número de aulas previstas para o ano letivo 2019/2020, no Colégio de Nossa Senhora de Lourdes, bem como as datas em que aulas se concretizaram.

Constatou-se que a turma terá 34 aulas durante o ano letivo, com 60 minutos em cada tempo letivo: no 1º período estão agendadas 14 aulas; no 2º período, 11 aulas e no 3º período 9 aulas. As unidades letivas a serem lecionadas em cada período são: no 1º período, *O Ecumenismo*; no 2º período, *O Amor Humano e Ecologia e Valores*; no 3º Período, *A Liberdade*.

De seguida, os quadros com as informações anteriormente referidas, relativas ao 1º período.

Planificação Anual - 1º PERÍODO				
14 Aulas Previstas				
Unidade Letiva: O Ecumenismo				
Unidade Letiva	Tema	Data		
		DD/MM/AAAA		
Apresentação	Apresentação (Professor orientador cooperante)	09	09	2019
	Apresentação.			
	Unidades curriculares, critérios e instrumentos de avaliação. Ficha de caracterização do aluno.	16	09	2019
	Cristianismo: uma fé ao serviço dos povos.	23	09	2019
	Cristianismo: uma fé, vários caminhos. • O cisma do Oriente: separação das igrejas latina e ortodoxa.	30	09	2019

²³⁴ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Moscavide, 2014.

O Ecumenismo	Cristianismo: uma fé, vários caminhos. • Do Renascimento ao cisma do Ocidente.	07	10	2019
	Cristianismo: uma fé, vários caminhos: • Reforma Protestante: causas.	14	10	2019
	Cristianismo: uma fé, vários caminhos: • Reforma Protestante: Martinho Lutero, João Calvino e Henrique VIII	21	10	2019
	Cristianismo: uma fé, vários caminhos: • O Protestantismo; • Identidade das Igrejas.	04	11	2019
O Ecumenismo	Cristianismo: uma fé, vários caminhos: • A Bíblia.	11	11	2019
	Cristianismo: uma fé, vários caminhos: • A unidade dos crentes em Cristo; • O Ecumenismo.	18	11	2019
	Cristianismo: uma fé, vários caminhos: • Movimentos ecuménicos: Taizé e Focolares; • Concílio Ecuménico Vaticano II.	25	11	2019
Avaliação	Revisões para a Ficha de Avaliação.	02	12	2019
	Ficha de Avaliação.	11	12	2019
	Entrega da Ficha de Avaliação e Autoavaliação.	16	12	2019

O quadro com as metas, objetivos e conteúdos da unidade letiva: *O Ecumenismo*.

Unidade Letiva: O ECUMENISMO		
<i>Metas curriculares</i>	<i>Objetivos</i>	<i>Conteúdos</i>
1. Identificar o núcleo central do cristianismos e catolicismo.	1. Assumir o cristianismo como uma adesão à pessoa de Jesus Cristo. 1. Identificar o cristianismo como uma comunidade de crentes na história humana.	1. O cristianismo assenta na fé e esperança em Jesus Cristo. 1. O cristianismo contribuiu para a construção da civilização

		ocidental.
2. Identificar o núcleo central do cristianismo e consequentes motivos das Igrejas cristãs.	2. Identificar criticamente factos históricos sobre a separação entre as Igrejas cristãs.	2. O cisma do Oriente. 2. Identidade da Igreja Latina (Romana) e da Igreja Ortodoxa (Bizantina).
3. Identificar o núcleo central do cristianismo e consequentes motivos das divisões das Igrejas cristãs.	3. Interpretar criticamente factos históricos sobre a separação entre as Igrejas cristãs	3. Do Renascimento ao cisma do Ocidente.
4. Identificar o núcleo central do cristianismo e consequentes motivos das divisões das Igrejas cristãs.	4. Interpretar criticamente factos históricos sobre a separação entre as Igrejas cristãs.	4. A Reforma Protestante: Martinho Lutero.
5. Identificar o núcleo central do cristianismo e consequentes motivos das divisões das Igrejas cristãs.	5. Interpretar criticamente factos históricos sobre a separação entre as Igrejas cristãs.	5. O Protestantismo. 5. Multiplicidade das denominações das Igrejas da Reforma.
6. Identificar o núcleo central do cristianismo e as diferenças entre os ramos do cristianismo.	6. Entender as características de cada ramo do cristianismo.	6. A identidade das igrejas cristãs.
7. Compreender o valor e influência da Bíblia no Cristianismo.	7. Destacar a Bíblia como o livro mais lido e difundido no mundo. 7. Entender a Bíblia como fonte de inspiração e comunhão do cristianismo.	7. A questão bíblica. Cânone protestante e cânone católico.
8. Promover o diálogo ecuménico como suporte para a construção da paz e unidade entre os cristãos.	8. Reconhecer a unidade e o fundamento da adesão ao Deus de Jesus Cristo. 8. Descobrir no ecumenismo como via de e	8. A unidade da Igreja: corresponde à vontade de Cristo; a unidade da Igreja em Cristo. 8. O movimento

	diálogo e reconciliação entre os ramos de cristianismo.	ecuménico: o desejo da unidade perdida.
9. Promover o diálogo ecuménico como suporte para a construção da paz e unidade entre os cristãos.	9. Descobrir no ecumenismo como via de diálogo e reconciliação entre os ramos do cristianismo. 9. Organizar um universo de valores orientados para a unidade entre todos os cristãos, identificando o fundamento religioso do movimento ecuménico.	9. Concílio Ecuménico Vaticano II. 9. Atitudes para a construção da unidade: eliminação de juízos, palavras e ações hostis; oração comum entre pessoas de comunhões diferentes; acolhimento generoso do outro e aceitação do testemunho que dá a mensagem; reconhecimento dos próprios erros; cooperação na construção da sociedade; o contributo pessoal de cada um.

Quanto ao 2º período, o quadro com o desenvolvimento curricular das unidades letivas: *O Amor Humano e Ecologia e Valores*.

Planificação Anual – 2º PERÍODO				
11 Aulas Previstas				
Unidades Letivas: O Amor Humano; Ecologia e Valores.				
Unidade Letiva	Tema	Data DD/MM/AAAA		
O Amor	O Amor humano: • Amor e fecundidade humana.	06	01	2020
	O Amor humano: • Paternidade e maternidade responsáveis.	13	01	2020
	O Amor humano:	20	01	2020

Humano	<ul style="list-style-type: none"> Mensagem bíblica sobre o amor e a fecundidade. 			
	O Amor humano: <ul style="list-style-type: none"> A alegria do amor. 	27	01	2020
Ecologia e Valores	Ecologia e Valores: <ul style="list-style-type: none"> O mundo é a nossa casa. 	03	02	2020
	Ecologia e Valores: <ul style="list-style-type: none"> Ação humana sobre a natureza. 	10	02	2020
	Ecologia e Valores: <ul style="list-style-type: none"> A natureza na sabedoria religiosa. 	17	02	2020
	Ecologia e valores: <ul style="list-style-type: none"> A natureza na sabedoria religiosa (continuação); 	09	03	2020
	Ecologia e Valores: <ul style="list-style-type: none"> Cuidar da terra, cuidar dos outros. Considerações para a Ficha de Avaliação. 	09	03	2020
Avaliação	Ficha de Avaliação	16	03	2020
	Entrega das Fichas de Avaliação e Autoavaliação.	23	03	2020

O quadro seguinte refere-se às metas, objetivos e conteúdos das unidades letivas para o 2º período.

Unidade Letiva: O AMOR HUMANO		
<i>Metas curriculares</i>	<i>Objetivos</i>	<i>Conteúdos</i>
1. Conhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	1. Reconhecer a sexualidade, a fecundidade e o amor humano como essenciais à realização da pessoa.	1. Amor e fecundidade humana: fecundidade é sinal e fruto do amor; O amor abre a família à relação com os outros. 1. A fecundidade sexual é um bem social de: realização pessoal; sobrevivência da espécie; participação na construção

		da sociedade.
2. Articular uma perspectiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.	2. Organizar um universo de valores fundado na perspectiva cristã e na liberdade responsável de cada pessoa.	2. A paternidade e maternidade responsáveis. 2. A proposta da Igreja Católica sobre o controlo da natalidade, uma perspectiva ética que defende o bem da pessoa: o respeito pela vida humana; a abertura à vida; a aprendizagem do controlo, para que o ato sexual não seja um egoísmo a dois; o respeito do Estado pelas decisões do casal (não impor medidas de controlo da natalidade); A vivência da plenitude do ato sexual: união, relação pessoal e procriação; o discernimento responsável do casal.
3. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.	3. Descobrir a mensagem cristã sobre o amor e a fecundidade, reconhecendo as suas implicações na prática da vida quotidiana.	3. A fecundidade como bênção de Deus. 3. Os filhos como dádiva de Deus. 3. A família universal como desígnio amoroso de Deus.
4. Amadurecer a responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	4. Desenvolver uma atitude responsável perante a sexualidade.	4. Ser responsável, antecipando as consequências dos próprios atos.

		<p>4. O respeito pelo corpo, os sentimentos próprio e dos outros.</p> <p>4. A importância da fidelidade e a doação no amor e na sexualidade.</p>
--	--	--

Unidade Letiva: ECOLOGIA E VALORES		
<i>Metas curriculares</i>	<i>Objetivos</i>	<i>Conteúdos</i>
1. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Reconhecer na dignidade humana a sua relação com a totalidade da criação enquanto dádiva de Deus.	<p>1. O mundo é a nossa casa.</p> <p>1. A ecologia como reflexão acerca da casa de todos os seres humanos, dádiva de Deus.</p> <p>1. O ser humano é o cume de toda a natureza. É a obra-prima de Deus a quem foi confiado o cuidado de todas as outras realidades.</p> <p>1. A natureza existe em função do ser humano, mas tem também autonomia que deriva de ter sido criada por Deus e por ele amada.</p>
2. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	2. Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza.	2. A destruição do ambiente vital onde habitamos: o esgotamento dos recursos naturais, a desertificação, a extinção dos habitats e das espécies, a poluição, o aumento da temperatura média global,

		<p>o «buraco» na camada do ozono.</p> <p>2. Razões que conduzem ao comportamento destrutivo: o egoísmo; o desenvolvimento direcionado para o lucro e não para o bem-estar global; a vontade de obter condições de bem-estar no imediato sem prevenir as consequências negativas a médio ou longo prazo; a subordinação da política à economia.</p>
3. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.	3. Conhecer a perspectiva religiosa sobre a natureza como local de encontro com Deus.	<p>3. O “criado” nas várias tradições religiosas;</p> <p>3. A experiência da gratidão em relação ao Deus que na criação se dá e tudo nos oferece.</p> <p>3. A natureza como local de onde se pode fazer a experiência do encontro com Deus.</p>
4. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.	4. Conhecer a perspectiva religiosa sobre a natureza como local de encontro com Deus.	<p>4. A responsabilidade do ser humano em relação a toda a natureza: usar a natureza com equilíbrio, sem arbitrariedade e egoísmo;</p> <p>4. A responsabilidade em relação às gerações</p>

		vindouras. 4. Instituições de defesa da natureza: objetivo e atuações.
5. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	5. Reconhecer o contributo do cristianismo no cuidado da natureza.	5. O exemplo de S. Francisco de Assis. 5. Como viver com empenho pessoal o criar das condições de habitabilidade no mundo.

Por último, os quadros relativos ao envolvimento curricular para o 3º período, bem como as suas metas curriculares, objetivos e conteúdos.

Planificação Anual – 3º PERÍODO				
9 Aulas Previstas				
Unidade letiva: A Liberdade				
Metas curriculares	Tema	Data		
		DD/MM/AAAA		
A Liberdade	A Liberdade: <ul style="list-style-type: none"> • Desejo humano. • Opção pelo bem 	20	04	2020
	A Liberdade: <ul style="list-style-type: none"> • Visualização do filme “Freedom Writers” (2007), enquadrado na UL. 	27	04	2020
	A Liberdade: <ul style="list-style-type: none"> • Continuação da visualização do filme “Freedom Writers” (2007), enquadrado na UL. 	04	05	2020
	A Liberdade: <ul style="list-style-type: none"> • Comentário e interpretação do filme mediante uma atividade reflexiva. 	11	05	2020

A Liberdade	<ul style="list-style-type: none"> • Jogo(s) de influências. 			
	A Liberdade: <ul style="list-style-type: none"> • Condicionamentos à liberdade. 	18	05	2020
	A Liberdade: <ul style="list-style-type: none"> • Páscoa: itinerário de libertação. 	25	05	2020
	A Liberdade: <ul style="list-style-type: none"> • Amor de Deus e liberdade humana. • Atividade de interpretação da Parábola do pai misericordioso. • Dignidade humana e livre escolha. 	01	06	2020
Avaliação	Ficha de Avaliação.	08	06	2020
	Entrega da Ficha de Avaliação e Autoavaliação	15	06	2020

As metas curriculares, objetivos e conteúdos da unidade letiva para este período.

Unidade Letiva: A LIBERDADE		
<i>Metas curriculares</i>	<i>Objetivos</i>	<i>Conteúdos</i>
1. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé. 1. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	1. Questionar o sentido da realidade enquanto espaço onde o ser humano exerce a sua liberdade. 1. Reconhecer que a consciência autónoma da pessoa deriva da sua condição de ser livre e está orientada para o bem.	1. Os conceitos de liberdade e livre arbítrio. 1. A liberdade orientada para o bem. 1. Definição de bem e “bem maior”. 1. Condicionamentos à liberdade e reposta do ser humano. 1. A consciência moral. 1. A opção pelo bem.
2. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	2. Interpretar criticamente situações de manipulação da consciência humana.	2. Liberdade e manipulação: o que é a manipulação; tipo de manipulação; Tomar consciência da

		manipulação de que se está a ser alvo e libertar-se dele; como libertar os outros da manipulação de que estão a ser vítimas.
3. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	3. Tomar consciência dos riscos das dependências.	3. Quando a liberdade se autodestrói. 3. As dependências que escravizam a pessoa: Álcool; Drogas; Tabaco; Jogo; Consumo; Sexo; Uso constante do computador, TV, Vídeo Games e do telemóvel. 3. Fatores motivacionais para a adesão aos comportamentos de risco: pressão dos grupos; a dificuldade de renunciar ao prazer imediato; ausência de um programa de vida. 3. O grave problema social do tráfico de droga.
4. Identificar os valores evangélicos.	4. Interpretar a Páscoa como experiência de libertação.	4. O Deus dos cristãos é um Deus libertador: Moisés e a libertação do Egito, a Páscoa judaica; Jesus Cristo e a Páscoa cristã.
5. Conhecer a mensagem cristã sobre a relação entre a bondade amorosa de Deus e a liberdade humana.	5. Conhecer a mensagem cristã sobre a relação entre a bondade amorosa de Deus e a liberdade humana.	5. Parábola do Pai misericordioso: um Deus que respeita a liberdade humana.

5. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	5. Tomar consciência da liberdade como um bem para a realização pessoal.	5. Um Deus bom que chama a optar pelo bem e pela verdadeira liberdade. 5. A dignidade humana exige que o ser humano atue segundo a sua consciência e livre escolha.
--	--	--

Por último, uma nota sobre os conteúdos programáticos. No programa de EMRC, surgem aliados aos conteúdos, referências a textos bíblicos de suporte. A opção de não incluir deve-se ao facto de que estes são recursos didáticos, não conteúdos.

4.3 Planificações aula-aula da Unidade Letiva aprofundada

Neste ponto encontram-se as planificações elaboradas para a execução das aulas lecionadas no Colégio de Nossa de Lourdes, da unidade letiva aprofundada para este relatório.

As planificações foram elaboradas e submetidas ao orientador coordenador, o Professor Doutor António Filipe, que contribuiu em vista a melhorar os aspetos formais dos documentos, bem como a sua exequibilidade no tempo letivo disponível.

A par disso, foram importantes os contributos dados pelas disciplinas do curso de Mestrado em Ciências Religiosas, nomeadamente *Currículo, Planificação e Avaliação, Didática Específica em EMRC, Comunicação e Tecnologias de Informação e Prática de Ensino Supervisionada*.

Esta última disciplina foi particularmente relevante, na medida em que permitiu fazer a ponte entre a teoria e a prática, através dos trabalhos pedidos ao longo do ano, a apresentação de modelos educativos, a fundamentação e clarificação de conceitos ligados ao currículo, qual o perfil do professor de EMRC, a diferenciação entre catequese e EMRC, os argumentos que sustentam a pertinência e lugar da disciplina no currículo escolar e, principalmente, os contributos que foram sendo dados pelos professores coordenadores, da disciplina e do curso, e os orientadores coordenadores dos vários núcleos de estágio durante as apresentações e debates sobre as planificações apresentadas na Universidade Católica Portuguesa.

À medida que o desenvolvimento curricular foi decorrendo, houve a necessidade de reformular os objetivos e conteúdos do programa, devido à fraca consonância entre esses elementos e à necessidade de operacionalizar os objetivos em termos de competências.



COLÉGIO DE NOSSA
SENHORA DE LOURDES

Disciplina de E.M.R.C.

8º ANO – Unidade Letiva 4

Ecologia e Valores

TEMPO
PREVISTO
O
1 Aula
60
minutos

Aprendizagens essenciais: *Identificar sinais que manifestem Amor; (CN) Reconhecer a família como espaço de amor e de abertura aos outros; Compreender que a fecundidade sexual é um bem pessoal e social; (CN, GEO) Identificar os métodos anticoncepcionais: suas vantagens e desvantagens e implicações éticas; (CN, CD) Perceber a Maternidade e paternidade responsável; (CN) Reconhecer na mensagem cristã a importância do amor e da fecundidade e suas implicações numa opção de vida; (GEO) Valorizar atitudes de fidelidade e doação no amor e na sexualidade. (CN, CD).*

Discutir o conceito de Ecologia como ponto de partida para um mundo habitável e sustentável; (CN, GEO, EV, CD) Questionar razões e situações que conduzem a comportamentos destrutivos para com a natureza; (CN, CFQ, EF, HIST, GEO, CD) Caracterizar algumas instituições de defesa da natureza; Identificar na mensagem e tradição cristã a natureza como dádiva de Deus para a felicidade do ser humano; (CN, EV, GEO, CD) Participar em iniciativas que promovam a proteção do mundo como casa comum. (CN, EV, HIST, GEO, CD).


ESQUEMA HERMENÊUTICO: O amor na mundividência cristã, na sua gama de relações a que é chamado a manter em ordem à felicidade; a ecologia como o estudo e reflexão sobre os seres vivos e as relações que mantem com o meio ambiente.

TEMAS ORGANIZADOS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
O Amor Humano.	Descobrir a mensagem cristã sobre o amor e a amizade, gerador de bens ao serviço da dignidade humana. Sintetizar as grandes ideias-chave do amor e da amizade.	Perspetiva cristã do amor. A fecundidade do amor. Conceito de amor e as suas manifestações nas relações humanas. A sua importância na construção do seu projeto de vida.
Ecologia .	Compreender a ecologia como chave de leitura do ser humano e da natureza.	Definição de Ecologia.


METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS	OBSERVAÇÕES
- Diálogo - Sínteses conclusivas - Registos	- Exposição
	- Observação das atitudes. - Intervenção educativa imediata e/ou mediada.

TEMAS ORGANIZADORES	OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES	RECURSOS	TEMPO	AValiação
			Acolhimento: saudação inicial e chamada nominal dos alunos Registo do sumário da aula: <ul style="list-style-type: none"> • Continuação da aula anterior; • Início da unidade letiva 4: Ecologia e Valores. 	- PC - Projetor - INOVAR - Quadro - Caderno - Material de escrita - PPT	5	Observação das atitudes.
O Amor	Descobrir a mensagem cristã sobre o amor e a amizade, gerador de bens ao serviço da dignidade humana.	Perspetiva cristã do amor. A fecundidade do amor.	Retoma-se a dinâmica realizada na aula anterior com a fundamentação teológico-cristã do amor com ao recurso ao PPT, com passagens a mensagem cristã sobre o amor e a amizade: Prv 17, 17; Ecl 4, 10; 1 Jo 4, 16; 1 Jo 4, 12; Jo 15, 13.	- Quadro - Projetor - PC - PPT - Novelo de lã.	15	Observação das atitudes, interesse, empenho e participação fundamentada.

Humano.	Sintetizar as grandes ideias-chave do amor e da amizade.	Conceito de amor e as suas manifestações nas relações humanas. A sua importância na construção do seu projeto de vida.	Síntese da unidade letiva, com o recurso ao PPT. Os alunos escrevem no caderno diário.	- Quadro - Projetor - PC - Caderno - Material de escrita - PPT	15	Observação das atitudes, interesse e empenho.
Ecologia.	Compreender a ecologia como chave de leitura do ser humano e da natureza.	Definição de Ecologia.	A partir de dois vídeos e do PTT, estabelecer um diálogo construtivo sobre o que é a ecologia. Após esse momento, o professor transmite uma definição de ecologia, a qual os alunos passam para o caderno diário.	- Quadro - Projetor - PC - Caderno - Material de escrita - PPT - Vídeos	24	Observação das atitudes, interesse, empenho e participação fundamentada
			Despedida e ordem de saída de aula.		1	

 <p>COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DE LOURDES <i>Disciplina de E.M.R.C.</i></p>		<h2>8º ANO – Unidade Letiva 4</h2> <h3><i>Ecologia e Valores</i></h3>				<p>TEMPO PREVISTO O 1 Aula 60 minutos</p>
<p>Aprendizagens essenciais: <i>Discutir o conceito de Ecologia como ponto de partida para um mundo habitável e sustentável; (CN, GEO, EV, CD) Questionar razões e situações que conduzem a comportamentos destrutivos para com a natureza; (CN, CFQ, EF, HIST, GEO, CD) Caracterizar algumas instituições de defesa da natureza; Identificar na mensagem e tradição cristã a natureza como dádiva de Deus para a felicidade do ser humano; (CN, EV, GEO, CD) Participar em iniciativas que promovam a proteção do mundo como casa comum. (CN, EV, HIST, GEO, CD).</i></p>						
<p>ESQUEMA HERMENÊUTICO: O homem e o mundo na mundividência cristã e a sua articulação com a crise ecológica.</p>						
TEMAS ORGANIZADOS		OBJETIVOS	CONTEÚDOS			
Sentido humano da ecologia.		Reconhecer na dignidade humana a sua relação com a totalidade da criação, enquanto vocação primeira à felicidade.	O mundo como casa comum. Visão cristã do homem e do mundo.			
Razões e situações de destruição da natureza.		Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza.	A destruição do ambiente vital onde habitamos.			
METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS			OBSERVAÇÕES			
- Diálogo - Sínteses conclusivas - Registos			- Exposição		- Observação das atitudes. - Intervenção educativa imediata e/ou mediada.	
TEMAS ORGANIZADOS	OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES	RECURSOS	TEMP	AValiação

DORES					O	
			<p>Acolhimento: saudação inicial e chamada nominal dos alunos</p> <p>Registo do sumário da aula:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Continuação da aula anterior; • Ecologia e Valores: Ação humana sobre a natureza. 	<p>- PC</p> <p>- Projetor</p> <p>- INOVAR</p> <p>- Quadro</p> <p>- Caderno</p> <p>-Material de escrita</p> <p>- PPT</p>	5	Observação das atitudes.
Sentido humano da ecologia.	Reconhecer na dignidade humana a sua relação com a totalidade da criação, enquanto vocação primeira à felicidade.	O mundo como casa comum. Visão cristã do homem e do mundo.	Diálogo introdutório com os alunos em vista a recordar o conceito de ecologia e, com o recurso ao PPT, transmite o conteúdo de modo expositivo. Será apresentado no decorrer da exposição um vídeo sobre a beleza do mundo, o qual os alunos serão chamados a exprimir as suas emoções, pensamentos acerca do vídeo. Além disso, será também apresentada e interpretada a perícopie do Manual de suporte ao conteúdo, a saber: Sl 8, 4-7.	<p>- Quadro</p> <p>- Projetor</p> <p>- PC</p> <p>- Caderno</p> <p>-Material de Escrita</p> <p>- PPT</p> <p>- Vídeo</p>	25	Observação das atitudes, interesse, empenho e participação fundamentada.
Razões e situações de destruição da natureza.	Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza.	A destruição do ambiente vital onde habitamos.	A partir da visualização e audição da música dos Linkin Park: What I've done (o que eu fiz?), os alunos são convidados a enunciar os grandes problemas que afligem e estão a destruir o planeta. A partir de cada problema identificado, será transmitido em breves traços as características e os efeitos do fenómeno sobre a natureza, no PPT.	<p>- Quadro</p> <p>- Projetor</p> <p>- PC</p> <p>- PPT</p> <p>- Música</p>	22	Observação das atitudes, interesse e empenho.
			Despedida e ordem de saída de aula.		3	

 <p>COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DE LOURDES <i>Disciplina de E.M.R.C.</i></p>	<h2>8º ANO – Unidade Letiva 4</h2> <h3><i>Ecologia e Valores</i></h3>		<p>TEMPO PREVIS-TO 1 Aula 60 minutos</p>
<p>Aprendizagens essenciais: <i>Discutir o conceito de Ecologia como ponto de partida para um mundo habitável e sustentável; (CN, GEO, EV, CD) Questionar razões e situações que conduzem a comportamentos destrutivos para com a natureza; (CN, CFQ, EF, HIST, GEO, CD) Caracterizar algumas instituições de defesa da natureza; Identificar na mensagem e tradição cristã a natureza como dádiva de Deus para a felicidade do ser humano; (CN, EV, GEO, CD) Participar em iniciativas que promovam a proteção do mundo como casa comum. (CN, EV, HIST, GEO, CD).</i></p>			
<p>ESQUEMA HERMENÊUTICO: Os efeitos e as causas da ação humana sobre a natureza; A visão da natureza segundo as várias tradições religiosas em vista a fundamentar uma consciência ecológica integral.</p>			
<p>TEMAS ORGANIZADOS</p>	<p>OBJETIVOS</p>	<p>CONTEÚDOS</p>	
<p>Razões e situações de destruição da natureza.</p> <p>A natureza na sabedoria religiosa.</p>	<p>Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza.</p> <p>Conhecer a perspectiva religiosa sobre a natureza como local de encontro com Deus.</p>	<p>A destruição do ambiente vital onde habitamos. Razões que conduzem ao comportamento destrutivo.</p> <p>O “criado” nas várias tradições religiosas. A natureza como lugar de experiência do transcendente.</p>	
<p>METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS</p>		<p>OBSERVAÇÕES</p>	
<p>- Diálogo</p> <p>- Sínteses conclusivas</p> <p>- Registos</p>		<p>- Exposição</p> <p>- Observação das atitudes.</p> <p>- Intervenção educativa imediata e/ou mediada.</p>	

TEMAS ORGANIZADORES	OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES	RECURSOS	TEMPO	AVALIAÇÃO
			<p>Acolhimento: saudação inicial e chamada nominal dos alunos.</p> <p>Registo do sumário da aula:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Continuação da aula anterior; • Ecologia e Valores: a Natureza na Sabedoria Religiosa. 	<p>- PC</p> <p>- Projetor</p> <p>- INOVAR</p> <p>- Quadro</p> <p>- Caderno</p> <p>- Material de escrita</p> <p>- PPT</p>	5	Observação das atitudes.
Razões e situações de destruição da natureza.	I Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza.	A destruição do ambiente vital onde habitamos.	Finalização da etapa de fundamentação da crise ecológica. Depois, será lida e interpretada a letra da música.	<p>- Quadro</p> <p>- Projetor</p> <p>- PC</p> <p>- PPT</p>	15	Observação das atitudes, interesse, empenho e participação fundamentada.
		Razões que conduzem ao comportamento destrutivo.	O professor promove um período de reflexão e interroga os alunos sobre os motivos dos comportamentos humanos adversos à natureza. Fundamenta alguns a partir do Manual. Os alunos escrevem no caderno diário as ideias principais da matéria lecionada anteriormente relativo às causas e motivos da crise ecológica, transmitidas a partir do PPT.	<p>- Quadro</p> <p>- Projetor</p> <p>- PC</p> <p>- PPT</p> <p>- Música</p>	10	Observação das atitudes, interesse e empenho.

<p>A natureza na sabedoria religiosa.</p>	<p>Conhecer a perspectiva religiosa sobre a natureza como local de encontro com Deus.</p>	<p>O “criado” nas várias tradições religiosas. A natureza como local de onde se pode fazer a experiência do encontro com Deus.</p>	<p>A partir do PPT, o professor apresenta as mundividências das várias religiões presentes no Manual: Hinduísmo, Islamismo, Budismo, Judaísmo e Cristianismo. Serão apresentados os textos de suporte do Manual, a saber: Hino à Deus Terra (excerto de Atharva-Veda, 8); Alá e a terra (Alcorão 16, 10-15); Cântico dos três Jovens (Dn 3, 57-82).</p>	<p>- Quadro - Projetor - PC - PPT - Manual</p>	<p>25</p>	<p>Observação das atitudes, interesse, empenho e participação fundamentada</p>
			<p>T.P.C -Exercício da página 117. Despedida e ordem de saída de aula.</p>		<p>1</p>	

 <p>COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DE LOURDES <i>Disciplina de E.M.R.C.</i></p>	<h2>8º ANO – Unidade Letiva 4</h2> <h3><i>Ecologia e Valores</i></h3>	<p>TEMPO PREVISTO O 1 Aula 60 minutos</p>
---	---	--

Aprendizagens essenciais: *Discutir o conceito de Ecologia como ponto de partida para um mundo habitável e sustentável; (CN, GEO, EV, CD) Questionar razões e situações que conduzem a comportamentos destrutivos para com a natureza; (CN, CFQ, EF, HIST, GEO, CD) Caracterizar algumas instituições de defesa da natureza; Identificar na mensagem e tradição cristã a natureza como dádiva de Deus para a felicidade do ser humano; (CN, EV, GEO, CD) Participar em iniciativas que promovam a proteção do mundo como casa comum. (CN, EV, HIST, GEO, CD).*


ESQUEMA HERMENÊUTICO: O cuidado do homem e da natureza na espiritualidade cristã; O exemplo inspirador de S. Francisco de Assis para os nossos dias.

TEMAS ORGANIZADOS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
S. Francisco de Assis, Padroeiro da ecologia.	Reconhecer o contributo do Cristianismo no cuidado da natureza.	A natureza como lugar de experiência do transcendente. A visão ecológica de S. Francisco de Assis.
METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS		OBSERVAÇÕES
<ul style="list-style-type: none"> - Diálogo - Sínteses conclusivas - Registos 	<ul style="list-style-type: none"> - Exposição 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação das atitudes. - Intervenção educativa imediata e/ou mediada.

TEMAS ORGANIZADOS	OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES	RECURSOS	TEMPO	AVALIAÇÃO
			Acolhimento: saudação inicial e chamada nominal dos alunos Registo do sumário da aula:	- PC - Projeter	5	Observação das atitudes.

			<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do trabalho de casa. • Ecologia e Valores: O exemplo de Francisco de Assis. 	<ul style="list-style-type: none"> - INOVAR - Quadro - Caderno - Material de escrita - PPT 		
			Diálogo com os alunos em vista a recordar a matéria da aula anterior e transmitir sínteses das ideias principais a reter. Os alunos escrevem no caderno.	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro - Projetor - PC - PPT - Caderno - Material de escrita 	15	Observação das atitudes, interesse, empenho e participação fundamentada.
			Apresentação dos trabalhos de casa sobre a rotina diária, no contexto da ecologia. No final, será promovido um diálogo em vista a consciencializar os alunos a uma possível mudança de comportamentos e/ou a continuar a promover comportamentos atuais amigos do ambiente.	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro - Projetor - PC - PPT 	15	Observação das atitudes, interesse e empenho.
S. Francisco de Assis, Padroeiro da ecologia.	Reconhecer o contributo do Cristianismo no cuidado da natureza.	<p>A natureza como lugar de experiência do transcendente.</p> <p>A visão ecológica de S. Francisco de Assis.</p>	Apresentação da mundividência cristã da ecologia a partir do exemplo de S. Francisco de Assis, a sua vida e obra, através do PPT e dos textos hagiográficos do Manual e da Declaração de João Paulo II acerca da instituição de S. Francisco de Assis como Padroeiro da ecologia.	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro - Projetor - PC - PPT - 	24	Observação das atitudes, interesse, empenho e participação fundamentada

				Manual		
			Despedida e ordem de saída de aula.		1	

 <p>COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DE LOURDES <i>Disciplina de E.M.R.C.</i></p>	<h2>8º ANO – Unidade Letiva 4</h2> <h3><i>Ecologia e Valores</i></h3>				<p>TEMPO PREVISTO O 1 Aula 60 minutos</p>	
<p>Aprendizagens essenciais: <i>Discutir o conceito de Ecologia como ponto de partida para um mundo habitável e sustentável; (CN, GEO, EV, CD) Questionar razões e situações que conduzem a comportamentos destrutivos para com a natureza; (CN, CFQ, EF, HIST, GEO, CD) Caracterizar algumas instituições de defesa da natureza; Identificar na mensagem e tradição cristã a natureza como dádiva de Deus para a felicidade do ser humano; (CN, EV, GEO, CD) Participar em iniciativas que promovam a proteção do mundo como casa comum. (CN, EV, HIST, GEO, CD).</i></p>						
<p>ESQUEMA HERMENÊUTICO: O cuidado como modo de comprometimento pela preservação e defesa da natureza contra ataques à sua integridade e a preocupação de deixar um mundo bom, fértil e belo às gerações vindouras.</p>						
<p>TEMAS ORGANIZADOS</p>	<p>OBJETIVOS</p>	<p>CONTEÚDOS</p>				
<p>O compromisso pelo cuidado da natureza.</p>	<p>Consciencializar para o compromisso de cuidar da natureza. Conhecer formas concretas de atuar na natureza.</p>	<p>A responsabilidade do ser humano em relação a toda a natureza. A responsabilidade em relação às gerações vindouras. O compromisso pessoal e comunitário na defesa da natureza.</p>				
<p>METODOLOGIAS PRIVILEGIADAS</p>		<p>OBSERVAÇÕES</p>				
<p>- Diálogo - Sínteses conclusivas - Registos</p>		<p>- Exposição</p>		<p>- Observação das atitudes. - Intervenção educativa imediata e/ou mediada.</p>		
<p>TEMAS ORGANIZADOS</p>	<p>OBJECTIVOS</p>	<p>CONTEÚDOS</p>	<p>ESTRATÉGIAS / ATIVIDADES</p>	<p>RECURSOS</p>	<p>TEMPO</p>	<p>AValiação</p>

			<p>- Acolhimento: saudação inicial e chamada nominal dos alunos</p> <p>- Registo do sumário da aula:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Continuação da aula anterior: S. Francisco de Assis e o carinho pela natureza. • Ecologia e valores: Cuidar da terra, cuidar dos outros. • Exemplos concretos de atuação na natureza. 	<p>- PC</p> <p>- Projetor</p> <p>- INOVAR</p> <p>- Quadro</p> <p>- Caderno</p> <p>- Material de escrita</p> <p>- PPT</p>	5	Observação das atitudes.
O compromisso pelo cuidado da natureza	Consciencializar para o compromisso de cuidar da natureza.	<p>A responsabilidade do ser humano em relação a toda a natureza.</p> <p>A responsabilidade em relação às gerações vindouras.</p>	<p>A partir do PPT, concluir a matéria sobre a visão e a experiência cristã da natureza segundo S. Francisco de Assis. Para auxílio da exposição será lido e interpretado um texto do manual com o título: Contemplação do Criador nas criaturas, pág. 129.</p> <p>Em diálogo com os alunos, apontar as ideias principais do texto de forma a construírem mentalmente um arquétipo da consciência ecológica. Os alunos escrevem as ideias principais no caderno diário.</p> <p>Após este momento, realizar com os alunos uma cronologia temática sobre o caminho percorrido até aqui em vista a despertar o compromisso pelo cuidado do outro e do mundo. Será usado um esquema a partir do PPT para o efeito.</p> <p>No seguimento, será visualizado um vídeo do Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=S69L9KSyyns, sobre consciencialização ambiental.</p> <p>Os alunos reúnem-se 6 grupos de 4 e durante 15 minutos</p>	<p>- Quadro</p> <p>- Projetor</p> <p>- PC</p> <p>-Manual</p> <p>- Caderno</p> <p>- Material de Escrita</p> <p>- PPT</p> <p>- Vídeo</p> <p>- Laudato Si</p>	12 + 22	Observação das atitudes, interesse, empenho e participação fundamentada.

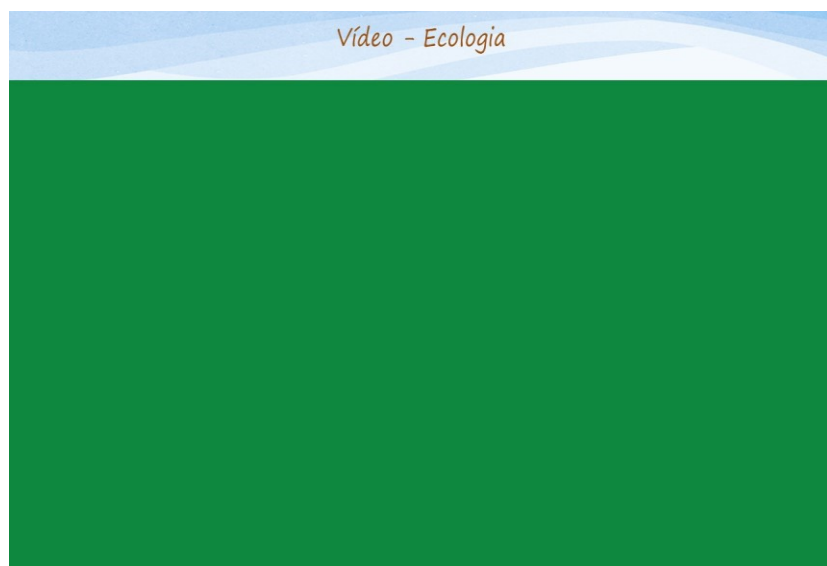
<p>O compromisso pelo cuidado da natureza</p>			<p>vão trabalhar a mensagem do vídeo, respondendo a 4 perguntas. Para auxílio no trabalho, será distribuído um texto de suporte, da Laudato Sí, nº 211-212. Perguntas a responder: 1- Qual a mensagem do vídeo? 2- Que contributo dá o Papa Francisco para a mensagem do vídeo? 3- Quais acham que são as virtudes de que fala o Papa Francisco? 4- Em que mundo queres viver e que mundo queres deixar para os que vêm a seguir?</p>			
<p>O compromisso pelo cuidado da natureza</p>	<p>Conhecer formas concretas de atuar na natureza.</p>	<p>O compromisso comunitário na defesa da natureza.</p>	<p>Elucidar os alunos sobre outras formas de atuar na natureza, em grupo. com isso, os alunos vão pesquisar uma Instituição ou Personalidade de defesa do ambiente, quanto aos seus objetivos e atuações, de defesa do meio ambiente, indicada pelo Professor, a saber: Sociedade Ponto Verde; Green Peace; Quercus; Wangari Maathai; Al Gore; Painel Intergovernamental sobre as alterações climáticas da ONU; (ou outras que, eventualmente, indiquem)</p> <p>No final será cada grupo apresenta à turma.</p> <p>Síntese conclusiva do trabalho realizado na aula, transmitida no PPT. Os alunos escrevem no caderno diário. (dependendo do tempo, poderá ficar para o início da próxima aula).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro - Projetor - PC - PPT - Música - Tablets 	<p>20</p>	<p>Observação das atitudes, interesse e empenho.</p>
			<p>Despedida e ordem de saída de aula.</p>		<p>1</p>	

4.4 Recursos ou documentos enriquecedores

Ao longo do estágio de iniciação à prática profissional foram elaborados e utilizados muitos recursos e documentos para o desenvolvimento do processo-ensino aprendizagem do currículo do 8º ano de escolaridade. Aqui, apresentaremos aqueles considerados gerais e imprescindíveis e os elaborados de raiz para o desenvolvimento curricular da unidade letiva: Ecologia e Valores. Os recursos e documentos utilizados foram:

- Quadro e Giz, usados para construção de algumas sínteses dos conteúdos lecionados e para atividades de *brainstorming*, que antecediam sempre o início de uma unidade letiva e/ou de algum conteúdo referencial, com o intuito de realizar um diagnóstico sobre os conhecimentos prévios dos discentes acerca das matérias que se iniciavam;
- Projetor e Computador, utilizados constantemente no processo ensino-aprendizagem e também para procedimentos formais, como sumários das aulas, marcação de faltas, etc;
- Caderno diário do aluno, elemento que consideramos importante para o registo dos conteúdos trabalhados e para a organização pessoal do desenvolvimento curricular; através do registo dos sumários e das sínteses temáticas realizadas em todas as aulas;
- Manual do 8º ano, empregado sobretudo ao nível da recolha de textos, imagens e atividades para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem;
- Ficha de caracterização de turma, com o objetivo de conhecer a turma e cada aluno individualmente. Este instrumento foi entregue na primeira aula de lecionação e serviu de base para a caracterização de turma;
- Ficha de autoavaliação, para despertar e desenvolver nos alunos capacidades de autocrítica e de reflexão quanto ao trabalho que realizaram durante o período;
- Questão-aula e ficha de trabalho em grupo, no sentido de aferir o estado evolutivo do processo de ensino-aprendizagem através da apresentação oral e escrita, tanto individual e/ou coletivamente;
- Recursos digitais, como PowerPoint, vídeos, músicas, textos, imagens, utilizados para a exploração e transmissão dos conteúdos a serem lecionados.

Deste modo, nas páginas seguintes, estão presentes alguns recursos elaborados de raiz para o desenvolvimento curricular. Os documentos surgem nos anexos deste relatório.





Por outras palavras...

Qual o lugar que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade que o rodeia?

Ecologia – o que vamos desenvolver

A visão cristã do homem e do mundo...

O que está a acontecer à nossa casa e as suas causas...

A natureza na sabedoria religiosa...

Valores e atitudes ao serviço da ecologia...



Sumário nº 20 10/02/2020

- Continuação da aula anterior;
- Ecologia e Valores: Ação Humana sobre a natureza.

Visão cristã do homem e do mundo

- Na perspetiva cristã, Deus é o criador. Criou todas coisas com valor e beleza única.
- O homem, criado à Imagem e Semelhança de Deus, recebeu a tarefa de PROTÉGER, PRESERVAR e CONTINUAR a obra da criação.
- No Génesis, encontramos os relatos da obra criadora e a missão dada ao homem no cuidado e preservação da casa.



Visão cristã do homem e do mundo

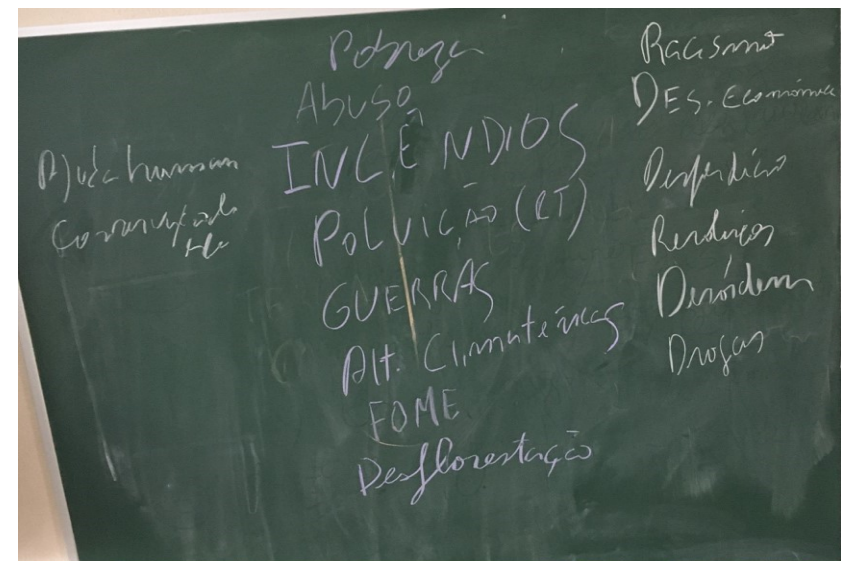
- O ser humano não é dono da natureza. Foi-lhe confiada para, com ela, ser feliz.
- As grandes atitudes de reconhecimento da bondade do criador são, por um lado, o cuidado, por outro, a gratidão.
- Podemos ver, a partir do Salmo 8 do manual, pág. 198, como o homem louva o criador pela dignidade especial que recebeu no seio da criação...

Ação humana sobre a natureza

- O que estamos a fazer à nossa casa?



Linkin Park – What i've done



What I've done – O que eu fiz

O Que é que eu Fiz
Nesta despedida
Não há sangue
Não há desculpa
Porque estou destinado ao remorso
(arrependimento)
(perante a) Da verdade
Por trás de milhares de mentiras

Então deixa a misericórdia vir
E limpar

O que eu fiz
Eu vou me enfrentar
Para apagar o que me tornei
Apagar a mim mesmo
E deixar ir embora
O que eu já fiz

Esquece tudo
O que pensas de mim
Quero recomeçar
Sem ter certezas.

Então deixa a misericórdia vir
E fazer - me esquecer

O que eu fiz
Eu vou me enfrentar
Para apagar o que me tornei
Apagar a mim mesmo
E deixar ir embora
O que eu já fiz

Por tudo o que fiz
Quero começar novamente
E seja qual for a dor que vier
Hoje isto acaba
Quero pedir perdão

(Por tudo) O que eu fiz
Eu vou me enfrentar
Para apagar o que me
tornei
Apagar a mim mesmo
E deixar ir embora
O que eu já fiz

(Adaptado da Música
Whita I've done, Linkin
Park, 2007)

Ação humana sobre a natureza



• Conseguem apontar em alguns motivos dos nossos comportamentos destrutivos?

• Pág. 119

Síntese...

- A nossa ação tem trazido consequências severas para a vida da nossa casa comum:
 - A extinção de espécies animais e vegetais;
 - Aumento do volume de água devido ao degelo das zonas mais frias da terra e que ameaça destruir as zonas costeiras;
 - Catástrofes naturais com maior frequência e incidência;
 - Doenças provocadas pela poluição dos ecossistemas;
 - Agravamento da fome do mundo e migrações humanas em alta escala.

Síntese...

- A ação humana no mundo tem originado um conjunto de problemas que põem em causa a vida no nosso planeta, tais como:
 - A desflorestação, com o abatimento de imensas florestas para as necessidades humanas;
 - A desertificação, mediante o uso intensivo dos solos para a garantia do nosso modo de vida;
 - A poluição, com o descarte dos materiais que não precisamos ou que já não queremos, nos ecossistemas.
 - O aquecimento global, devido à emissão de gases prejudiciais para a camada do ozono, pelo uso exaustivo dos combustíveis fósseis.

Síntese

- As razões que levam ao nosso comportamento dizem respeito ao modo como nos relacionamos com o mundo. O EGOÍSMO, a procura do LUCRO, o BEM-ESTAR imediato são motivos que nos impedem de olhar para outro: ser humano, animal, planta, água, terra, ar...



EMRC

Sumário nº 21 17/02/2020

- Continuação da aula anterior;
- Ecologia e Valores: A natureza na sabedoria religiosa



Hinduísmo

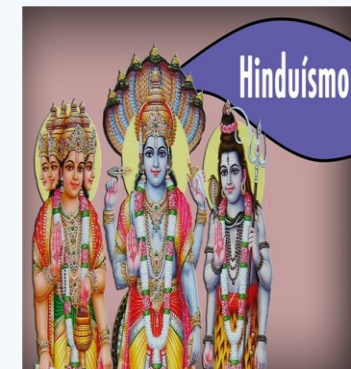
Desde as rochas até ao cosmos, tudo é a casa de Deus.

É sagrado...

O mundo é como uma floresta...

Na perspetiva hindu, o corte de uma árvore implica que se plantem cinco.

Hino à deusa terra - pág. 124



Budismo



Moderação dos recursos naturais...

«A floresta existe dependente do solo, o solo permanece sólido porque se apoia na água, a água depende do vento, o vento pende do espaço; o espaço não depende de nada».

Judaísmo



Os Rabinos ensinam a imitar o criador.

O Mandamento de não destruir é um convite a fazer ações generosas.



Islamismo

Fala também da relação com o meio ambiente...

À humanidade foi dado o usufruto da terra, mas sem danos nem desperdício.

«Comej e bebei, mas sem excessos e sem desperdiçar; por certo Alá não ama os que excedem os limites» (Alcorão 7, 32)

Alá e a terra – pág. 125



Cristianismo



Os cristãos reconhecem que, pela natureza, amam o criador.

Como criaturas, louvam o criador.

Cântico dos três jovens - Pág. 126

Em síntese...

Mensagem Religiosa

A natureza exige o respeito e a solidariedade humana.

A bondade reflete a bondade do Criador.

A natureza é boa.

Síntese

- As tradições religiosas que estudamos, como o Budismo, Hinduísmo, Islamismo, Judaísmo e Cristianismo, veem o mundo como um lugar onde a transcendência se faz presente em todas as formas de vida.
- Cometer um dano contra a natureza é, para as religiões, estragar a beleza e existência das criaturas e perverter a intenção bondosa do princípio que as criou.
- Devemos respeitar e ser solidários com o espaço em que habitamos, porque nos foi dado. Estamos todos interligados por uma mesma casa.
- A beleza do nosso Planeta faz o crente reconhecer a bondade do criador e entoar cânticos, poemas de louvor e agradecimento.



Sumário nº 22 02/03/2020

- Apresentação do trabalho de casa.
- Ecologia e Valores: O exemplo de Francisco de Assis.

S. Francisco de Assis

- É o Patrono da Ecologia
- Fé e seguimento de Jesus Cristo.
- Desejo de viver como Jesus. O princípio do amor a Deus, aos homens e às criaturas.
- Promoveu a fraternidade universal. Nutria uma especial sensibilidade pelas criaturas.
- É considerado o homem universal.



1181-1226
Manual pág. 127 - 130

Francisco de Assis - História





Sumário nº 23 09/03/2020

- Continuação da aula anterior: S. Francisco de Assis e o carinho pela natureza.
- Ecologia e Valores: cuidar da terra, cuidar dos outros;
- Instituições de defesa da natureza: Objetivos e atuações.

S. Francisco de Assis

- É o Patrono da Ecologia
- Fé e seguimento de Jesus Cristo.
- Desejo de viver como Jesus. O princípio do amor a Deus, aos homens e às criaturas.
- Promoveu a fraternidade universal. Nutria uma especial sensibilidade pelas criaturas.
- É considerado o homem universal.



1181-1226
Manual pág. 127 - 130



Vídeo – Compromisso ecológico



Grupos

- | | | |
|---------------------|--------------------|-----------------------|
| 1. Afonso Almeida | 2. Afonso Campos | 3. Beatriz Ribeiro |
| 8. Helena Pinto | 9. Iara Ribeiro | 6. Gonçalo Rodrigues |
| 18. Matilde Baião | 17. Marta Ferreira | 13. Leonor Gonçalves |
| 20. Rodrigo Dias | 23. Tiago Bandeira | 14. Margarida Cardoso |
| 4. Diogo Lopes | 5. Francisca Lopes | 6. João Guimarães |
| 12. José Pereira | 11. João Bandeira | 7. Gustavo Machado |
| 16. Mariana Pereira | 15. Maria Freitas | 21. Sofia Pinheiro |
| 23. Tiago Bandeira | 19. Rafael Ribeiro | 24. Tiago Ribeiro |

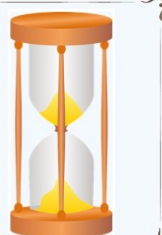
Trabalho de Grupo



O melhor pensamento para exemplificar o que é trabalho em grupo: A união faz a força!



Relacionar o vídeo com as palavras do Papa Francisco.



10:00

Instituições/Personalidades de defesa do meio-ambiente



Trabalho de Grupo



O melhor pensamento para exemplificar o que é trabalho em grupo: **A união faz a força!**

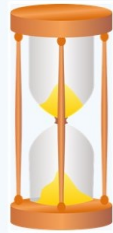


Respeito ao Meio Ambiente é o caminho

Instituições de defesa do MEIO AMBIENTE: Missão e Ação.

- QUEM É?

- O QUE FAZEM?



10:00



Papa Francisco - Laudato Sí

Leiam atentamente o seguinte texto e respondam às seguintes perguntas:

«A doação de si mesmo num compromisso ecológico só é possível a partir do cultivo de virtudes sólidas. Se uma pessoa habitualmente se resguarda um pouco mais em vez de ligar o aquecimento, embora as suas economias lhe permitam consumir e gastar mais, isso supõe que adquiriu convicções e modos de sentir favoráveis ao cuidado do ambiente. **É muito nobre assumir o dever de cuidar da criação com pequenas ações diárias, e é maravilhoso que a educação seja capaz de motivar para elas até dar forma a um estilo de vida.**

A educação na responsabilidade ambiental pode incentivar vários comportamentos que têm incidência direta e importante no cuidado do meio ambiente, tais como evitar o uso de plástico e papel, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, cozinhar apenas aquilo que razoavelmente se poderá comer, tratar com desvelo os outros seres vivos, servir-se dos transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo com várias pessoas, plantar árvores, apagar as luzes desnecessárias (...) **Tudo isto faz parte duma criatividade generosa e dignificante, que põe a descoberto o melhor do ser humano.** Voltar – com base em motivações profundas – a utilizar algo em vez de o desperdiçar rapidamente pode ser um ato de amor que exprime a nossa dignidade»

«**E não se pense que estes esforços são incapazes de mudar o mundo.** Estas ações espalham, na sociedade, um bem que frutifica sempre para além do que é possível constatar; provocam, no seio desta terra, um bem que sempre tende a difundir-se, por vezes invisivelmente.»

Perguntas para responder:

- 1- Qual a mensagem do vídeo?
- 2- Completa a mensagem do vídeo com as palavras do Papa Francisco.
- 3- Quais acham que são as virtudes de que fala o Papa Francisco?
- 4- Em que mundo queres viver e que mundo queres deixar para os que vêm a seguir?

4.5 Avaliação

4.5.1 Critérios de Avaliação de E.M.R.C

Os critérios da avaliação da disciplina contemplam dois domínios essenciais: as competências cognitivas e as competências socio-afetivas. Enquanto o primeiro está relacionado com a aquisição de conhecimentos, o segundo está ligado às atitudes e valores.

A avaliação é um «conjunto organizado de processos que visam o acompanhamento regulador de qualquer aprendizagem pretendida, e que incorporam, por isso mesmo, a verificação da sua consecução»²³⁵.

Existem inúmeras formas de avaliar. O modelo predominante e comum de avaliação dos alunos está orientado para um fim sumativo e verifica o que os alunos aprenderam, para depois determinar uma certificação em termos de nota ou classificação²³⁶.

Os instrumentos de avaliação – avaliação formativa - são construídos em função desse fim.

Neste sentido, no quadro seguinte, estão explanados todos os elementos que integram a avaliação sumativa.

Domínio / Competência	Parâmetros	Ponderação
<i>Competências Cognitivas</i>	Testes de avaliação; Trabalhos individuais; Trabalhos de Grupo; Fichas de leitura; Relatórios; Apresentações escritas e/ou orais	70%
<i>Competências socio-</i>	Respeito pelos outros; Cooperação, empenho e sentido de responsabilidade; Material necessário à aula;	

²³⁵ ROLDÃO, Maria do Céu - *Gestão do currículo e avaliação de competências: As questões dos professores*.1ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 2003. p. 41.

²³⁶ *Ibidem*, p. 43.

<i>afetivas</i>	Participação nas aulas com assertividade e sentido crítico; Interesse pelas atividades desenvolvidas; Realização dos trabalhos de casa; Assiduidade; Pontualidade;	30 %
-----------------	--	------

4.5.2 Instrumentos de Avaliação

Aqui constam os instrumentos de avaliação elaborados para a avaliação da unidade letiva aprofundada, em dois modelos, um para o regime normal e outro para os alunos abrangidos pelo Decreto-Lei 54/2018, bem como os critérios de correção de cada instrumento de avaliação.



Educação Moral e Religiosa Católica

Ano letivo 2019/20 – 2º Período

Ficha de Avaliação – “Ecologia e Valores” – 60 Minutos

8ºano de Escolaridade - Turma B

Nome: _____ Número: _____
Classificação: _____ Professor: _____
Encarregado(a) de Educação: _____
Observações: _____



1. Tendo em conta tudo que aprendeste nesta unidade letiva, como defines **ECOLOGIA**? (10 pontos)
2. Observa atentamente o seguinte texto:

“Deus criou todas as coisas que vemos, sentimos e contemplamos. Mas o ser humano foi criado de maneira especial e com uma missão: Deus criou o homem à sua imagem, criou-o à imagem de Deus, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. (...) Deus levou o homem e colocou-o no jardim do Éden (“o planeta terra”), para o cultivar e, também, para o guardar (...) Deus, vendo toda a

sua obra, todas as criaturas que tinha criado, considerou-a muito boa". (Retirado e adaptado de Génesis 1-2)

2.1 Na visão do cristianismo, qual a origem do mundo? (5 pontos)

2.2 Qual a missão que o homem recebeu no mundo? (10 pontos)

3. Lê atentamente este pequeno texto do Papa Francisco sobre a **crise ecológica**.

“A destruição do meio ambiente é um facto muito grave, porque, por um lado, Deus confiou o mundo ao ser humano e, por outro, a própria vida humana é um dom que deve ser protegido de várias formas de degradação. Todo o desejo de cuidar e melhorar o mundo requer mudanças profundas nos nossos estilos de vida.”

3.1 Refere o problema e solução apontado no texto relativo à crise ecológica. (10 pontos)

3.2 As seguintes imagens foram mostradas na sala de aula. Identifica os problemas ambientais a que se referem. (12 pontos)



4. Refere algumas causas dos problemas ambientais que identificaste anteriormente. (5 pontos)

5. Observa atentamente esta afirmação.

“O homem é o principal responsável pelo estado da nossa casa comum”.

5.1 Esta afirmação é Verdadeira ou Falsa? (4 pontos) Justifica a tua escolha. (6 pontos)

2

6. Descobre as seguintes palavras na sopa de letras (14 pontos):

Ecologia e Valores

```
R K S U O D R W O L S E I V U Z L N
J C S W O V E N U I V G D A Q G U X
D T D B S E S L J Z Y O D P F D Z A
G G C E L D P N K G K I V A R A N P
I U Q M U Z O A M O Q S J R A R R W
U D E C C A N E K J N M O D N O M V
L R V O R C S L S A C O I G C U Y E
C T R M O P A D F D T M V Y I I O T
Z X L U L S V X C X A S S I S H V X
K C E M S S E P H R M K T O C Y V D
K N L W S O L I D A R I O F O D P T
K C U I D A R X B E M E S T A R L J
```

ASSIS
BEMCOMUM
BEMESTAR
CUIDAR

DE
EGOISMO
FRANCISCO
LUCRO

RESPONSAVEL
SOLIDARIO

6.1 Corresponde cada palavra a cada item seguinte:

- Motivos destrutivos da natureza pelo homem (6 pontos);
- Atitudes e valores ao serviço da ecologia (6 pontos);
- Quem é o Patrono da Ecologia? (2 pontos)

7. **Que mundo queres deixar aos que vêm a seguir?** Faz uma pequena reflexão sobre esta interrogação, tendo em conta tudo o que aprendes-te sobre a ecologia (12 pontos).

BONA FORTUNA!!!



COLÉGIO
NOSSA SENHORA
DE LOURDES



Educação Moral e Religiosa Católica

Ano letivo 2019/20 – 2º Período

Ficha de Avaliação – “Ecologia e Valores” – 60 Minutos

8ºano de Escolaridade - Turma B - NEE

Nome: _____ Número: _____

Classificação: _____ Professor: _____

Encarregado(a) de Educação: _____

Observações: _____



1. Tendo em conta tudo que aprendeste nesta unidade letiva, como defines a **ECOLOGIA**?

Coloca um círculo na alínea correspondente. (10 pontos)

- a) É o estudo das relações entre os seres vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem;
- b) É o estudo da superfície terrestre;
- c) É o estudo do ser humano e a sua ação no espaço e tempo, isto é, nos acontecimentos passados.

2. Observa atentamente o seguinte texto:

“Deus criou todas as coisas que vemos, sentimos e contemplamos. Mas o ser humano foi criado de maneira especial e com uma missão: Deus criou o homem à sua imagem, criou-o à imagem de Deus, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. (...) Deus levou o homem e colocou-o no jardim do Éden (“o planeta terra”), para o cultivar e, também, para o guardar (...) Deus, vendo toda a sua obra, todas as criaturas que tinha criado, considerou-a muito boa”. (Retirado e adaptado de Génesis 1-2)

2.1 Na visão do cristianismo, quem é o criador de tudo o que existe? (10 pontos)

2.2 A que é que o homem é chamado a fazer no mundo? (10 pontos)

3. Lê atentamente este pequeno texto do Papa Francisco sobre a **crise ecológica**.

“A destruição do meio ambiente é um facto muito grave, porque, por um lado, Deus confiou o mundo ao ser humano e, por outro, a própria vida humana é um dom que deve ser protegido de várias formas de degradação. Todo o desejo de cuidar e melhorar o mundo requer mudanças profundas nos nossos estilos de vida.”

3.1 Refere o problema e solução apontado no texto relativo à crise ecológica. (13 pontos)

3.2 As seguintes imagens foram mostradas na sala de aula. Identifica os problemas ambientais a que se referem. (12 pontos)



2

4. Observa atentamente esta afirmação.

“O homem é o principal responsável pelo estado da nossa casa comum”.

4.1 Esta afirmação é Verdadeira ou Falsa? (5 pontos)

5. Descobre as seguintes palavras na sopa de letras (14 pontos):

Ecologia e Valores

R	K	S	U	O	D	R	W	O	L	S	E	I	V	U	Z	L	N
J	C	S	W	O	V	E	N	U	I	V	G	D	A	Q	G	U	X
D	T	D	B	S	E	S	L	J	Z	Y	O	D	P	F	D	Z	A
G	G	C	E	L	D	P	N	K	G	K	I	V	A	R	A	N	P
I	U	Q	M	U	Z	O	A	M	O	Q	S	J	R	A	R	R	W
U	D	E	C	C	A	N	E	K	J	N	M	O	D	N	O	M	V
L	R	V	O	R	C	S	L	S	A	C	O	I	G	C	U	Y	E
C	T	R	M	O	P	A	D	F	D	T	M	V	Y	I	I	O	T
Z	X	L	U	L	S	V	X	C	X	A	S	S	I	S	H	V	X
K	C	E	M	S	S	E	P	H	R	M	K	T	O	C	Y	V	D
K	N	L	W	S	O	L	I	D	A	R	I	O	F	O	D	P	T
K	C	U	I	D	A	R	X	B	E	M	E	S	T	A	R	L	J

ASSIS	DE	RESPONSAVEL
BEMCOMUM	EGOISMO	SOLIDARIO
BEMESTAR	FRANCISCO	
CUIDAR	LUCRO	

6.1 Corresponde cada palavra a cada item seguinte:

- Motivos destrutivos da natureza pelo homem (6 pontos);
- Atitudes e valores ao serviço da ecologia (6 pontos);
- Quem é o Patrono da Ecologia? (2 pontos)

7. **Que mundo queres deixar aos que vêm a seguir?** Faz um pequeno texto sobre esta interrogação, tendo em conta tudo que aprendes-te sobre a ecologia (12 pontos).

BONA FORTUNA!!!



COLÉGIO
NOSSA SENHORA
DE LOURDES



Educação Moral e Religiosa Católica

Ano letivo 2019/20 – 2º Período

Ficha de Avaliação – “Ecologia e Valores” – 60 Minutos

8ºano de Escolaridade - Turma B

Critérios de Correção

Perguntas e Respostas

1. Tendo em conta tudo que aprendeste nesta unidade letiva, como defines **ECOLOGIA**? (10 pontos)

R: A ecologia estuda as relações entre os seres vivos e o meio ambiente onde habitam.

- 2.1 Na visão do cristianismo, qual a origem do mundo? (5 pontos)

R: Segundo a mundividência cristã, toda a vida procede de Deus, que criou segundo a sua vontade e inteligência.

- 2.2 Qual a missão que o homem recebeu no mundo? (10 pontos)

R: No texto do Génesis, vemos que Deus criou o homem para dominar (3 pontos) sobre todas as criaturas, com a missão de cultivar (3,5 pontos) o solo, donde tira o seu sustento e de cuidar (3,5 pontos) da casa e dos seus habitantes, contra toda a espécie de degradação e destruição da vida e da biodiversidade que torna o nosso planeta belo e único.

- 3.1 Refere o problema e solução apontado no texto relativo à crise ecológica. (10 pontos)

R: O problema que o Papa Francisco aponta é a destruição do meio ambiente (5 pontos) e a solução é a mudança dos nossos estilos de vida (5 pontos), orientados para o desejo de cuidar e melhorar o mundo.

- 3.2 As seguintes imagens foram mostradas na sala de aula. Identifica os problemas ambientais a que se referem. (12 pontos = 2x6)

R: Os problemas ambientais são: Poluição das águas; Poluição atmosférica; Perda da biodiversidade; Desertificação do solo; Degelo das camadas glaciares; Extinção de habitats e espécies por catástrofes naturais ou pela ação humana.

4. Refere algumas causas dos problemas ambientais que identificaste anteriormente. (5 pontos = 1x5)

R: As causas dos problemas ambientais descritos anteriormente são a poluição; o aquecimento global provocado pelo “buraco da camada do ozono; o esgotamento dos recursos naturais; a cultura do descarte provocado pelo consumo exagerado e pelas modas; a diluição ou perda do sentido do bem comum e da consciência ecológica.

5. 1 Esta afirmação é Verdadeira ou Falsa? (4 pontos) Justifica a tua escolha. (6 pontos)

R: A afirmação é Verdadeira (4 pontos). A ação humana tem provocado a destruição e degradação do meio ambiente pelo uso abusivo dos recursos naturais (3 pontos) e a preocupação exclusiva pelos interesses humanos (3 pontos) em detrimento dos interesses de todos os que fazem parte do planeta em que vivemos.

A afirmação é Falsa (0 pontos).

6. Descobre as seguintes palavras na sopa de letras (14 pontos = 1,4x10):

Ecologia e Valores

.	R	E
.	E	G
.	.	.	B	.	.	S	O	.	.	F	.	.	.
.	.	.	E	L	.	P	I	.	.	R	.	.	.
.	.	.	M	U	.	O	S	.	.	A	.	.	.
.	D	E	C	C	.	N	M	.	.	N	.	.	.
.	.	.	O	R	.	S	O	.	.	C	.	.	.
.	.	.	M	O	.	A	I	.	.	.
.	.	.	U	.	.	V	.	.	.	A	S	S	I	S	.	.	.
.	.	.	M	.	.	E	C	.	.	.
.	.	.	.	S	O	L	I	D	A	R	I	O
.	C	U	I	D	A	R	.	B	E	M	E	S	T	A	R	.	.

ASSIS (E,11,9)	DE (E,2,6)	RESPONSÁVEL (S,7,1)
BEMCOMUM (S,4,3)	EGOÍSMO (S,12,1)	SOLIDÁRIO (E,5,11)
BEMESTAR (E,9,12)	FRANCISCO (S,15,3)	
CUIDAR (E,2,12)	LUCRO (S,5,4)	

6.1 Corresponde cada palavra a cada item seguinte:

- Motivos destrutivos da natureza pelo homem (6 pontos = 2x3);
R: Bem-Estar (Consumo); Lucro; Egoísmo.
- Atitudes e valores ao serviço da ecologia (6 pontos = 2x3);
R: Bem Comum; Cuidar; ser Responsável e Solidário.
- Quem é o Patrono da Ecologia? (2 pontos = 2x1)

R: Francisco de Assis

7. Que mundo queres deixar aos que vêm a seguir? Faz uma pequena reflexão sobre esta interrogação, tendo em conta tudo o que aprendes-te sobre a ecologia (12 pontos).

R: Questão aberta.

Parâmetros a serem valorizados:

- Fazer uso correto e articulado dos conteúdos relativos à Ecologia (3 pontos);
- Domínio da Língua Portuguesa (3 pontos);
- Capacidade de reflexão e sentido crítico (3 pontos);
- Capacidade de expressar a imaginação (3 pontos);

BONA FORTUNA!!!



COLÉGIO
NOSSA SENHORA
DE LOURDES



Educação Moral e Religiosa Católica

Ano letivo 2019/20 – 2º Período

Ficha de Avaliação – “Ecologia e Valores” – 60 Minutos

8ºano de Escolaridade - Turma B - NEE

Critérios de Correção

1. Tendo em conta tudo que aprendeste nesta unidade letiva, como defines a **ECOLOGIA**?

Coloca um círculo na alínea correspondente. (10 pontos)

- a) **R: É o estudo das relações entre os seres vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem** (10 pontos);
- b) É o estudo da superfície terrestre (0 pontos);
- c) É o estudo do ser humano e a sua ação no espaço e tempo, isto é, nos acontecimentos passados (0 pontos).

2.1 Na visão do cristianismo, quem é o criador de tudo o que existe? (10 pontos)

R: Segundo a mundividência cristã, toda a vida procede de Deus, que criou segundo a sua vontade e inteligência.

2.2 A que é que o homem é chamado a fazer no mundo? (10 pontos)

R: No texto do Génesis, vemos que Deus criou o homem para dominar (3 pontos) sobre todas as criaturas, com a missão de cultivar (3,5 pontos) o solo, donde tira o seu sustento e de cuidar (3,5 pontos) da casa e dos seus habitantes, contra toda a espécie de degradação e destruição da vida e da biodiversidade que torna o nosso planeta belo e único.

3.1 Refere o problema e solução apontado no texto relativo à crise ecológica. (13 pontos)

O problema que o Papa Francisco aponta é a destruição do meio ambiente (6,5 pontos) e a solução é a mudança dos nossos estilos de vida (6,5 pontos), orientados para o desejo de cuidar e melhorar o mundo.

3.2 As seguintes imagens foram mostradas na sala de aula. Identifica os problemas ambientais a que se referem. (12 pontos = 2x6)

Parâmetros a serem valorizados:

- Fazer uso correto e articulado dos conteúdos relativos à Ecologia (3 pontos);
- Domínio da Língua Portuguesa (3 pontos);
- Capacidade de reflexão e sentido crítico (3 pontos);
- Capacidade de expressar a imaginação (3 pontos);

BONA FORTUNA!!!

4.6 Atividade de Enriquecimento Curricular e de integração na comunidade educativa (PAA)



Colégio de Nossa Senhora de Lourdes
Educação Moral e Religiosa Católica



Atividade de Enriquecimento Curricular VISITA DE ESTUDO

DIA DA TERRA - 22 de Abril

Educação Ecológica

A atividade enquadra-se na celebração do dia da Terra e é dirigida para os alunos do 8º ano de escolaridade. Surge como enriquecimento curricular da unidade letiva: “Ecologia e Valores”, que está a ser desenvolvida no 2º período na disciplina de EMRC.



Objetivos:

- a) Sensibilizar para o cuidado do planeta;
- b) Consciencializar para a importância do respeito e estima pela biodiversidade;
- c) Alertar para os problemas atuais da crise ecológica;
- d) Fomentar a consciência ecológica através de gestos e atitudes de ternura, compaixão e solidariedade ecológica.

Local: Jardim Zoológico de Santo Inácio.

Hora de ida: 9:30 horas;

Hora de chegada: 16 horas.

Programa:

Visita guiada ao espaço com demonstrações na hora: Alimentação dos Leões Asiáticos; Demonstrações da Vida Selvagem; Demonstrações de Aves de Rapina; Alimentação dos Lémures: 10:30 horas;

Almoço no espaço – Levar Merenda: 12:30 horas

Atividades ecológicas lúdicas – 14 horas

Preço: 15, 90 euros



Colégio de Nossa Senhora de Lourdes
Educação Moral e Religiosa Católica



**Atividade de Enriquecimento Curricular
VISITA DE ESTUDO**

Articulação interdisciplinar: Cidadania e Desenvolvimento, Ciências Naturais, Físico-química, Português, Inglês, Francês, Espanhol, História, Geografia, Educação Visual e TIC.

“Todas as criaturas estão interligadas, deve ser reconhecido com carinho e admiração o valor de cada uma, e todos nós, seres criados, precisamos uns dos outros” (PAPA FRANCISCO, Laudato Si)

Capítulo V - Balanço crítico do desempenho

No comuto geral, as perceções e expectativas que tinha quanto ao estágio de iniciação à prática profissional, bem como à disciplina da PES na Universidade foram satisfeitas e os desafios relativamente superados. O trabalho efetuado não terminou, continua ao longo da vida. Contudo, entendo que recebi as ferramentas e desenvolvi as competências necessárias para ser docente de E.M.R.C.

O balanço deste ano é muito positivo, pois pude entrar em contacto com o conhecimento especializado na área da educação e de aproveitar o exemplo de profissionalismo de todo o corpo docente da P.E.S, nas suas realizações: Universidade e Núcleo de Estágio.

Deixo uma palavra de agradecimento ao Professores Francisco Guimarães pela dedicação na formação das novas gerações de docentes de E.M.R.C.

Também aos orientadores cooperantes dos núcleos de estágio pelo compromisso de acompanharem semana após semana os estagiários na atividade letiva e pelo auxílio prestado na apresentação dos planos de aula na Universidade. De modo especial, ao Professor Doutor António Filipe que me acompanhou e pude aprender com o seu bom exemplo e sabedoria.

Por último, aos colegas de faculdade e estágio profissional, agradeço pelo companheirismo e sentido de entreajuda no meu crescimento profissional.

Sem dúvida, o caminho percorrido não seria possível sem os contributos de todos os intervenientes.

Ser docente é mais do que ensinar. É, também, estar disposto a partilhar com os outros da mesma condição as preocupações e esforços na formação e desenvolvimento, nos seus vários âmbitos, das novas gerações dos alunos.

Bibliografia

Administração Interna e Saúde (2020). *Diário da República n.º 52/2020, 1º Suplemento, Série II*. Acedido em 15/06/2020, em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/130243048/details/normal?l=1>.

Assembleia da República (1986). *Lei de Bases do Sistema Educativo*. Acedido em 07/07/2020, em: https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/34444975/view?p_p_state=maximized.

BARDIN, Laurence – *Análise de Conteúdo*. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.

BOADT, Lawrence – “Genesis” in *Comentário Bíblico Internacional: Antigo Testamento* (dir. William F. Farmer); Editorial Verbo Divino, Pamplona, 1999, p. 319-364.

BOFF, Leonardo – *El cuidado esencial: Ética de lo humano, compasión por la Tierra*. Tradução Juan Valverde. Madrid: Editorial Trotta, 2002.

BOFF, Leonardo – *Ética da vida: a nova centralidade*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela Malheiro – *Metodologia da investigação: guia para auto-aprendizagem*. 2ª ed. Lisboa: Universidade Aberta, 2008. 375 p.

CEP (2002) – *Educação - direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*. *Secretariado Geral da CEP*. Lisboa. Acedido em 26/07/2020, em: <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-direito-e-dever-missao-nobre-ao-servico-de-todos/>.

CEP (2006) – *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*. *Conferencia Episcopal Portuguesa*. Fátima. Acedido em 18/11/2020, em: <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>.

CLLIFORD, Richard J.; MUREPHY, Roland E. – “Génesis” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 59-128.

COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DE LOUDES – *Regulamento Interno*.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DO AMOR DE DEUS – *Projeto Educativo: Escolas Amor de Deus*.

Conselho de Ministros (2020). *Comunicado do Conselho de Ministros de 12 de março de 2020 - Medidas extraordinárias de resposta à epidemia do novo coronavírus*. Acedido em 15/06/2020, em: <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/governo/comunicado-de-conselho-de-ministros?i=330>.

COUTO, António – “Da posse e do furto ao dom e ao furto”. *Didaskalia*. Lisboa. 42:1 (2012) 27-53.

COUTO, António – *Pentateuco: Caminho da Vida Agraciada*. 2ª ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005.

CUNHA, Pedro d’Orey – *Educação em debate*. 1º ed. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 1997.

HARTMAN, Louis F.; DI LELLA, Alexander A. – “Daniel” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 807-834.

IGREJA CATÓLICA, Papa – *Carta Encíclica Laudato Si’ do Santo Padre Francisco: Sobre o Cuidado da casa Comum*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015.

JONAS, Hans – *O Princípio da Responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Tradução Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2006.

KSELMAN, John; BARRÉ, Michael L. – “Salmos” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 1029-1086.

LACOQUE, André – “Daniel” in *Comentário Bíblico Internacional: Antigo Testamento* (dir. William F. Farmer); Editorial Verbo Divino, Pamplona, 1999, p. 990-1010.

LEITE, Carlinda - *Para uma escola curricularmente inteligente*. 1º ed. Edições ASA, 2003.

LORDA, Juan Luís – *Antropologia Bíblica: De Adán a Cristo*. Madrid: Ediciones Palabra, 2005.

Ministério da Educação (1989). *Decreto-Lei n.º 286/89*. Acedido em 07/07/2020, em: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/618310/details/normal?jp=true%2Fen>.

Ministério da Educação (2008). *Decreto-Lei n.º 3/2008*. Acedido em 19/10/2019, em: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/386871/details/normal?q=Decreto-Lei+n.%C2%BA%203%2F2008%2C%20de+7+de+janeiro>.

Ministério da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais: Educação Moral e Religiosa Católica*. Acedido em 16/09/2019, em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/emrc_3c_8a.pdf.

Ministério da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais: História*. Acedido em 16/09/2019, em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/historia_3c_8a_ff.pdf.

MURPHY, Roland E. – “Introdução ao Pentateuco” in *Novo Comentário Bíblico São Jerónimo* (dir. Raymond E. Brown [et al.]); Paulus, S. Paulo, 2007, p. 49-58.

ORDEM DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS – *Bíblia Sagrada*. 5º ed. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2008.

Presidência do Conselho de Ministros (2018). *Decreto-Lei n.º 54/2018*. Acedido em 19/10/2019, em: <https://dre.pt/home/-/dre/115652961/details/maximized>.

Presidente da República (2020). *Diário da República n.º 55/2020, 3º Suplemento, Série I*. Acedido em 15/06/2020, em: <https://dre.pt/web/guest/home/-/dre/130399862/details/maximized>.

RAVASI, Gianfranco – *Los Profetas*. Tradução Pio Suárez Benítez. Colômbia: Ediciones Paulinas, 1989.

ROLDÃO, Maria do Céu – “Conclusões”. *IV Fórum do Ensino Particular e Cooperativo. Algarve*. (1999) p. 79-86.

ROLDÃO, Maria do Céu – “Educação escolar e currículo”. *IV Fórum do Ensino Particular e Cooperativo. Algarve*. (1999) p. 7-22.

ROLDÃO, Maria do Céu - *Gestão curricular: Fundamentos e práticas*. Lisboa: Ministério da Educação, 1999.

ROLDÃO, Maria do Céu - *Gestão do currículo e avaliação de competências: As questões dos professores*. 1ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

ROLDÃO, Maria do Céu; ALMEIDA, Sílvia – *Gestão curricular: Para a Autonomia das Escolas e Professores*. Ministério da Educação, 2018.

RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. – *Imagem de Deus: Antropologia Teológica Fundamental*. 3ª ed. Santander: Editorial Sal Terrae, 1996.

RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. – *Teología de la Creación*. 6ª ed. Santander: Editorial Sal Terrae, 1988.

SCHÖKEL, Luís Alonso; CARNITI, Cecília – *Salmos I (Salmos 1-72)*. Tradução João Rezende Costa. S. Paulo: Paulus, 1996.

SDEIE (2014) – *Critérios para a admissão de candidatos à lecionação de Educação Moral Religiosa Católica*. Porto. Acedido em 26/07/2020, em: <http://www.emrporto.pt/concursos/perfil-do-professor>.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Moscavide, 2014.

SILVA, João - Indicações para uma espiritualidade do cuidado à luz da teologia da criação. *Atualidade Teológica*. Brasil. 36 (2010) 410-418.

SKA, Jean-Louis – “Genesi 2-3: qualche domanda di fondo”. *Protestantesimo*. Roma. 63:1 (2008) 1-27.

ÜNGLING, Hans-Winfried – “Salmos 1-41” in *Comentário Bíblico Internacional* (dir. William F. Farmer); Editorial Verbo Divino, Pamplona, 1999, p. 712-723.

Anexos

Horário Escolar – Ano letivo 2019/2020

Turma: 8º B	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA
8:20 - 9:20	EF	FQ	H	P	G
9:30 - 10:30	FQ/CN	EV	EF	F/E	M
10:55 - 11:55	F/E	P	G	TIC/EM	FQ
12:05 - 13:05	EMRC	M	M	TIC/EM	P
13:05 - 13:50			DT		
14:25 - 15:25	P	I		M	CN
15:30 - 16:30	H	CN		EV	I
16:45 - 17:30	AP	OI			AM

Constituição do Conselho de Turma

<i>DISCIPLINA</i>	<i>DOCENTE</i>
Português	Prof. Liliana
Matemática	Prof. Daniela
História	Prof. António
Geografia	Prof. Fernando
Ciências	Prof. Rosa
Físico-Química	Prof. Adelina
Inglês	Prof. Isabel Castro
Espanhol/Francês	Prof. Marlene/ Mery
EV	Prof. F. Nobre
TIC	Prof. Carlos
EM	Prof. Sérgio
Educação Física	Prof. Ricardo
EMRC	Prof. Filipe
Cidadania	Prof. Daniela
Apoio Português	Prof. Ana
Apoio Matemática	Prof. Catarina



Colégio de Nossa Senhora de Lourdes
Educação Moral e Religiosa Católica

Ficha de Caracterização do Aluno

Dados Pessoais 👤 👤

Nome: _____
 Ano letivo: ____/____ Ano: ____ Turma: ____ Número: ____
 Data de Nascimento: _____ Naturalidade: _____
 Morada: _____

Estás perante um espelho. Que pessoa vês em ti? 😊

Tens algum problema de Saúde? ____ Se SIM, qual? _____

Família 🏠

Nome do Pai: _____
 Idade: ____ Habilitações Académicas: _____ Profissão: _____
 Nome da Mãe: _____
 Idade: ____ Habilitações Académicas: _____ Profissão: _____
 Encarregado de Educação (Grau de Parentesco): _____
 Idade: ____ Habilitações Académicas: _____ Profissão: _____
 Número de Irmãos: ____ Idades: _____
 Com quem vives? _____

Os teus pais...	Nunca	Poucas Vezes	Muitas Vezes
...conversam contigo sobre o teu dia?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
...conversam contigo sobre os teus amigos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
...conversam contigo sobre os teus gostos e interesses?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
...incentivam a buscar os teus sonhos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
...ajudam no teu estudo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
...preocupam-se com os teus cadernos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
... costumam ir às reuniões da escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
...costumam verificar a tua caderneta?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
... partilham contigo as suas expectativas e sentimentos quanto ao teu sucesso escolar?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



Colégio de Nossa Senhora de Lourdes
Educação Moral e Religiosa Católica

Escola 🏫

Como te deslocas para a escola? _____
Quanto tempo demoras a chegar? _____
A turma é a mesma desde que frequentas a escola? _____
Já reprovaste algum ano? _____ Se SIM, qual? _____
Sentes-te integrado na turma? _____ Se NÃO, porque? _____

O que gostas mais da escola? _____

Qual o teu local favorito na escola? E porquê? _____

Qual o teu local de estudo? _____
Tens alguém que te acompanhe no estudo? Quem? _____

A tua vida 🏠

Quais são os teus passatempos preferidos? _____
Praticas alguma atividade desportiva? _____ Se sim, qual? _____
Que profissão gostarias de desempenhar no futuro? _____



Quais as tuas expectativas em relação à disciplina de EMRC? _____

Que importância dás à disciplina de EMRC na tua formação? _____

Concordas que a disciplina de EMRC te pode ajudar a atingir os teus objetivos escolares? _____

Que temas mais gostaste de aprender em EMRC? _____



Colégio de Nossa Senhora de Lourdes

2019/2020

Ficha de Autoavaliação e Heteroavaliação

Nome: _____ Ano / Turma: _____ nº: _____

Parâmetros		AVALIAÇÃO														
		1º PERÍODO					2º PERÍODO					3º PERÍODO				
		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Competências Cognitivas	Testes de Avaliação															
	Trabalhos individuais ou de grupo															
	Empenho e Criatividade															
	Apresentações escritas e/ou orais															
Competências sócio-afetivas	Pontualidade e Assiduidade															
	Interesse e Responsabilidade															
	Participação															
	Comportamento															
	Relação com os outros															
NÍVEL																

Depois de teres realizado a tua autoavaliação procura fazer, de forma responsável e honesta, uma avaliação das aulas, da disciplina, do professor e da turma, em termos gerais. Fá-lo de forma descritiva (isto é, escrevendo um comentário) e atribuindo uma classificação (tal como fizeste na ficha de autoavaliação). Avaliar o trabalho é fundamental para melhorarmos as aulas e o nosso trabalho.

		AVALIAÇÃO	
2º PERÍODO	AULAS		
	DISCIPLINA		
	TURMA		
	PROFESSOR		